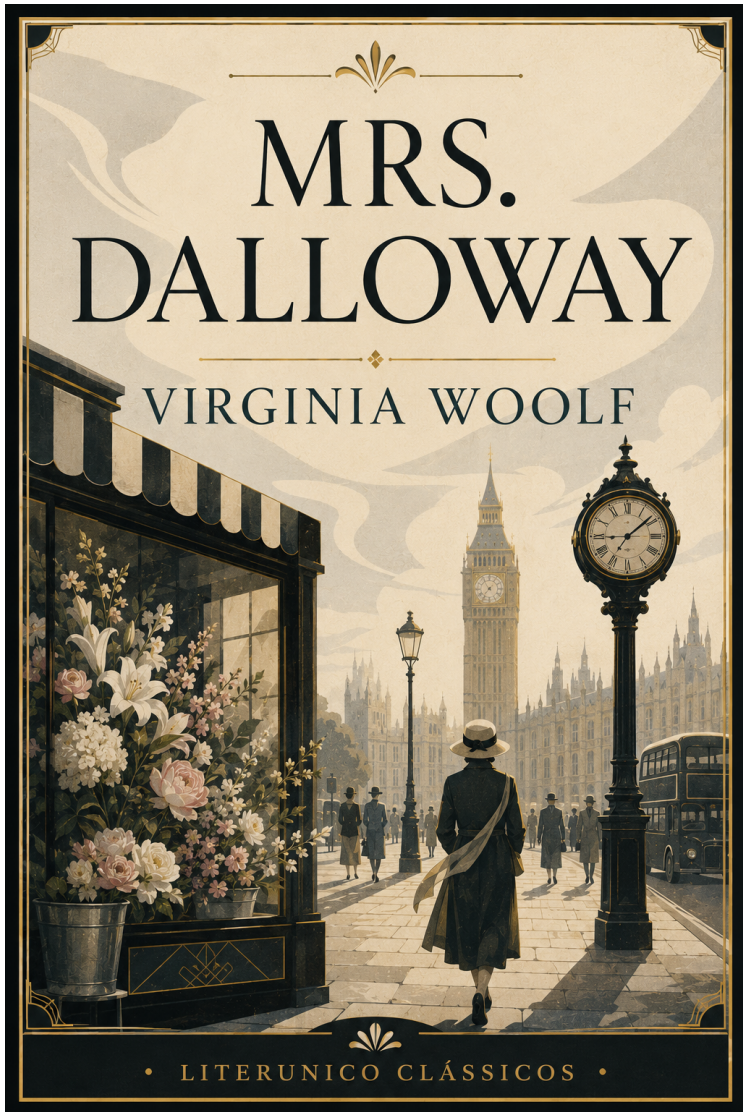


MRS.
DALLOWAY

VIRGINIA WOOLF



• LITERUNICO CLÁSICOS •

Mrs. Dalloway

Virginia Woolf

Tradução Literunico

Edição Literunico gratuita. Gerada em 20/05/2026 23:01.

Nota editorial

Esta edição em português brasileiro foi preparada pela Literunico a partir do texto em domínio público de Project Gutenberg #71865. A obra original foi publicada em 1925. Como o romance não possui capítulos formais, a leitura online usa blocos editoriais de navegação; o corpo do texto preserva a sequência integral da obra.

Auditoria da exportação: 12 blocos, 760 parágrafos e cerca de 62.881 palavras.

Sumário

1. **01** Flores para a festa
2. **02** Londres e as lembranças
3. **03** Septimus no parque
4. **04** Peter Walsh retorna
5. **05** O passeio de Peter
6. **06** O almoço de Lady Bruton
7. **07** Richard leva flores
8. **08** O quarto do sótão
9. **09** O diagnóstico de Sir William
10. **10** O fim da tarde
11. **11** A festa começa
12. **12** Uma morte no meio da festa

01. Flores para a festa

Bloco de leitura 1 da edição Literunico; a obra original não possui capítulos formais.

A Sra. Dalloway disse que ela mesma compraria as flores.

Pois Lucy tinha um trabalho difícil para ela. As portas seriam retiradas das dobradiças; Os homens de Rumpelmayer estavam chegando. E então, pensou Clarissa Dalloway, que manhã fresca, como se fosse dada a crianças na praia.

Que brincadeira! Que mergulho! Pois assim sempre lhe pareceu, quando, com um pequeno rangido das dobradiças, que ela agora ouvia, ela abriu as janelas francesas e mergulhou em Bourton ao ar livre. Quão fresco, quão calmo, mais calmo do que isso, é claro, era o ar no início da manhã; como o bater de uma onda; o beijo de uma onda; fria e cortante e ainda assim (para uma garota de dezoito anos como ela era então) solene, sentindo como ela sentia, parada ali na janela aberta, que algo terrível estava para acontecer; olhando para as flores, para as árvores com a fumaça saindo delas e as gralhas subindo e descendo; parado e olhando até que Peter Walsh disse: “Meditando entre os vegetais?” - era isso? - “Prefiro homens a couve-flor” - era isso? Ele deve ter dito isso no café da manhã, certa manhã, quando ela saiu para o terraço - Peter Walsh. Ele voltaria da Índia num dia desses, junho ou julho, ela se esquecia, pois suas cartas eram terrivelmente enfadonhas; eram suas palavras que alguém lembrava; os seus olhos, o seu canivete, o seu sorriso, o seu mau humor e, quando milhões de coisas tinham desaparecido completamente - que estranho! - algumas frases como esta sobre as couves.

Ela ficou um pouco tensa na calçada, esperando a van de Durtnall passar. Uma mulher encantadora, pensou Scrope Purvis (conhecendo-a como

conhecemos as pessoas que moram ao lado de alguém em Westminster); um toque de pássaro ao seu redor, de gaio, verde-azulado, leve, vivaz, embora ela tivesse mais de cinquenta anos e ficasse muito branca desde a doença. Lá ela estava empoleirada, sem nunca vê-lo, esperando para atravessar, muito ereta.

Por ter vivido em Westminster... há quantos anos? com mais de vinte anos - mesmo no meio do trânsito, ou acordando à noite, sente-se que Clarissa tinha certeza, um silêncio ou solenidade particular; uma pausa indescritível; um suspense (mas pode ser o coração dela, afetado, disseram, pela gripe) antes do Big Ben atacar. Lá! Lá fora, explodiu. Primeiro um aviso musical; depois a hora, irrevogável. Os círculos de chumbo se dissolveram no ar. Somos tão idiotas, pensou ela, atravessando a Victoria Street. Pois só Deus sabe por que alguém o ama tanto, como o vê assim, inventando-o, construindo-o em torno de si, derrubando-o, criando-o de novo a cada momento; mas os mais desleixados, os mais abatidos dos miseráveis sentados nas portas (bebendo sua queda) fazem o mesmo; não podem ser tratadas, ela sentiu-se positiva, por Leis do Parlamento por essa mesma razão: eles amam a vida. Aos olhos das pessoas, no balanço, no andar e na marcha; na gritaria e no alvoroço; as carruagens, automóveis, ônibus, vans, sanduíches arrastando-se e balançando-se; bandas de música; realejos; no triunfo, no jingle e no estranho canto agudo de algum avião acima, era o que ela amava; vida; Londres; neste momento de junho.

Pois era meados de junho. A guerra tinha acabado, exceto por alguém como a Sra. Foxcroft, que estava na Embaixada ontem à noite, comendo tudo porque aquele belo rapaz foi morto e agora a velha mansão deve passar para um primo; ou Lady Bexborough que abriu um bazar, disseram, com o telegrama na mão, John, seu favorito, morto; mas acabou; graças a Deus - acabou. Foi

em junho. O Rei e a Rainha estavam no Palácio. E por toda parte, embora ainda fosse muito cedo, ouvia-se uma batida, um movimento de pôneis galopando, batidas de tacos de críquete; Lords, Ascot, Ranelagh e todo o resto; envoltos na malha macia do ar azul-acinzentado da manhã, que, à medida que o dia avançava, os desenrolava, e pousavam em seus gramados e arremessos os pôneis saltitantes, cujas patas dianteiras mal tocavam o chão e saltavam, os jovens rodopiantes e as meninas risonhas em suas musselinas transparentes que, mesmo agora, depois de dançarem a noite toda, levavam seus absurdos cães peludos para correr; e mesmo agora, a esta hora, velhas viúvas discretas saíam em seus automóveis em missões misteriosas; e os lojistas remexevam nas vitrines com suas pastas e diamantes, seus lindos e antigos broches verde-mar em engastes do século XVIII para tentar os americanos (mas é preciso economizar, não comprar coisas precipitadamente para Elizabeth), e ela também, amando isso com uma paixão absurda e fiel, sendo parte disso, já que seu povo já foi cortesão na época dos Georges, ela também iria naquela mesma noite para acender e iluminar; para dar a festa dela. Mas que estranho, ao entrar no Parque, o silêncio; a névoa; o zumbido; os patos felizes que nadam lentamente; os pássaros embolsados bamboleando; e quem deveria vir de costas para os prédios do governo, mais apropriadamente, carregando uma caixa de despacho carimbada com as Armas Reais, quem senão Hugh Whitbread; seu velho amigo Hugh - o admirável Hugh!

“Bom dia para você, Clarissa!” - disse Hugh, de forma bastante extravagante, pois eles se conheciam desde crianças. “Para onde você vai?”

“Adoro passear em Londres”, disse a Sra. Dalloway. “Realmente é melhor do que caminhar pelo campo.”

Eles tinham acabado de vir - infelizmente - para ver médicos. Outras pessoas vieram ver fotos; vá à ópera; levar suas filhas para passear; os Whitbreads vieram “ver médicos”. Inúmeras vezes Clarissa visitou Evelyn Whitbread em uma casa de repouso. Evelyn estava doente de novo? Evelyn estava bastante indisposta, disse Hugh, insinuando, através de uma espécie de beicinho ou inchaço do seu corpo muito bem coberto, viril, extremamente bonito, perfeitamente estofado (ele estava sempre quase demasiado bem vestido, mas presumivelmente tinha de estar, devido ao seu pequeno trabalho na corte), que a sua mulher tinha uma doença interna, nada grave, que, como uma velha amiga, Clarissa Dalloway compreenderia perfeitamente sem lhe exigir que especificasse. Ah, sim, ela fez isso, é claro; que incômodo; e sentia-se muito fraterna e estranhamente consciente ao mesmo tempo do seu chapéu. Não era o chapéu certo para o início da manhã, era isso? Porque Hugh sempre a fazia sentir, enquanto avançava, levantando o chapéu de forma bastante extravagante e assegurando-lhe que ela poderia ser uma menina de dezoito anos, e é claro que ele iria à festa dela esta noite, Evelyn insistiu absolutamente, só um pouco atrasado ele poderia estar depois da festa no Palace para a qual ele teria que levar um dos filhos de Jim, - ela sempre se sentia um pouco acanhada ao lado de Hugh; colegial; mas apegada a ele, em parte por tê-lo conhecido desde sempre, mas ela o considerava um bom sujeito à sua maneira, embora Richard quase tivesse ficado louco por ele, e quanto a Peter Walsh, até hoje nunca a perdoara por gostar dele.

Ela conseguia se lembrar de cena após cena em Bourton: Peter furioso; É claro que Hugh não era páreo para ele, mas ainda assim não era um verdadeiro imbecil, como Peter afirmou; não um mero bloco de barbeiro. Quando sua velha mãe queria que ele parasse de atirar ou a levasse para

Bath, ele o fazia, sem dizer uma palavra; ele era realmente altruísta, e quanto a dizer, como Peter fez, que não tinha coração, nem cérebro, nada além das maneiras e da educação de um cavalheiro inglês, isso era apenas o pior de seu querido Peter; e ele poderia ser intolerável; ele poderia ser impossível; mas adorável para passear em uma manhã como esta.

(June havia arrancado todas as folhas das árvores. As mães de Pimlico amamentavam seus filhotes. Mensagens passavam da Frota para o Almirantado. Arlington Street e Piccadilly pareciam irritar o próprio ar do Parque e erguer suas folhas com calor, brilho, em ondas daquela vitalidade divina que Clarissa adorava. Dançar, cavalgar, ela adorava tudo isso.)

Pois eles poderiam ficar separados por centenas de anos, ela e Peter; ela nunca escreveu uma carta e as dele eram paus secos; mas de repente lhe ocorreu: Se ele estivesse comigo agora, o que diria? - alguns dias, algumas cenas trazendo-o de volta para ela com calma, sem a velha amargura; o que talvez tenha sido a recompensa de ter cuidado das pessoas; eles voltaram no meio do St. James's Park em uma bela manhã - de fato, eles voltaram. Mas Peter - por mais lindo que fosse o dia, e as árvores e a grama, e a menininha vestida de rosa - Peter nunca viu nada disso. Ele colocaria os óculos, se ela mandasse; ele iria olhar. Era o estado do mundo que o interessava; Wagner, a poesia de Pope, o caráter das pessoas eternamente e os defeitos de sua própria alma. Como ele a repreendeu! Como eles discutiram! Ela se casaria com um primeiro-ministro e ficaria no topo de uma escada; ele a chamava de anfitriã perfeita (ela chorou por isso no quarto), ela tinha tudo para ser a anfitriã perfeita, disse ele.

Assim, ela ainda se encontrava discutindo em St. James's Park, ainda afirmando que estivera certa — e ela também — ao não se casar com ele.

Pois no casamento deve haver um pouco de licença, um pouco de independência entre as pessoas que vivem juntas, dia após dia, na mesma casa; que Richard deu a ela, e ela a ele. (Onde ele estava esta manhã, por exemplo? Em algum comitê, ela nunca perguntou o quê.) Mas com Peter tudo tinha que ser compartilhado; tudo entrou. E era intolerável, e quando chegou aquela cena no pequeno jardim perto da fonte, ela teve que romper com ele ou eles teriam sido destruídos, ambos arruinados, ela estava convencida; embora ela tivesse carregado consigo durante anos como uma flecha cravada em seu coração a dor, a angústia; e depois o horror do momento em que alguém lhe contou, num concerto, que se casara com uma mulher que conhecera no barco que ia para a Índia! Ela nunca deveria esquecer tudo isso! Frio, sem coração, puritano, como ele a chamava. Ela nunca poderia entender como ele se importava. Mas essas mulheres indianas, presumivelmente, sim - idiotas, bonitas e frágeis. E ela desperdiçou sua pena. Pois ele estava muito feliz, garantiu-lhe — perfeitamente feliz, embora nunca tivesse feito nada de que conversassem; toda a sua vida foi um fracasso. Isso a deixou com raiva ainda.

Ela havia chegado aos portões do parque. Ela ficou parada por um momento, olhando para os ônibus em Piccadilly.

Ela não diria de ninguém no mundo agora que eles eram isso ou aquilo. Ela se sentia muito jovem; ao mesmo tempo indescritivelmente envelhecido. Ela cortou tudo como uma faca; ao mesmo tempo estava lá fora, olhando. Ela tinha uma sensação perpétua, enquanto observava os táxis, de estar fora, fora, longe do mar e sozinha; ela sempre teve a sensação de que era muito, muito perigoso viver pelo menos um dia. Não que ela se considerasse inteligente ou muito fora do comum. Como ela havia conseguido sobreviver com os poucos conhecimentos que Fräulein Daniels lhes deu, ela não

conseguia imaginar. Ela não sabia de nada; sem língua, sem história; ela quase não lia um livro agora, exceto memórias na cama; e ainda assim para ela era absolutamente absorvente; tudo isso; os táxis passando; e ela não diria de Peter, ela não diria de si mesma, eu sou isso, eu sou aquilo.

Seu único dom era conhecer as pessoas quase por instinto, pensou ela, caminhando. Se você a colocasse em um quarto com alguém, ela subiria pelas costas como um gato; ou ela ronronou. Devonshire House, Bath House, a casa da cacatua de porcelana, ela já vira todas iluminadas uma vez; e lembrei-me de Sylvia, Fred, Sally Seton - tantas pessoas; e dançando a noite toda; e os vagões passando lentamente em direção ao mercado; e dirigindo para casa pelo parque. Ela se lembrou de uma vez ter jogado um xelim no Serpentine. Mas todos se lembraram; o que ela amava era isso, aqui, agora, na sua frente; a senhora gorda no táxi. Será que então importava, perguntou-se ela, caminhando em direção a Bond Street, se importava que ela inevitavelmente parasse completamente; tudo isso deve continuar sem ela; ela se ressentiu disso; ou não foi consolador acreditar que a morte terminou de forma absoluta? mas que de alguma forma nas ruas de Londres, no fluxo e refluxo das coisas, aqui, ali, ela sobreviveu, Peter sobreviveu, viveu um no outro, ela fazendo parte, ela tinha certeza, das árvores de casa; da casa ali, feia, toda em pedaços como estava; parte de pessoas que ela nunca conheceu; sendo colocada como uma névoa entre as pessoas que ela conhecia melhor, que a ergueram em seus galhos como ela tinha visto as árvores levantarem a névoa, mas ela se espalhou cada vez mais, sua vida, ela mesma. Mas o que ela estava sonhando ao olhar a vitrine da loja Hatchards? O que ela estava tentando recuperar? Que imagem da alvorada branca no país, conforme ela leu no livro espalhado:

Não temas mais o calor do sol Nem as furiosas fúrias do inverno.

Esta idade avançada da experiência do mundo gerou em todos eles, em todos os homens e mulheres, um poço de lágrimas. Lágrimas e tristezas; coragem e resistência; um porte perfeitamente ereto e estóico. Pense, por exemplo, na mulher que ela mais admirava, Lady Bexborough, abrindo o bazar.

Houve passeios e alegrias de Jorrocks; havia Soapy Sponge e Mrs. Asquith's Memoirs e Big Game Shooting in Nigeria, todos abertos. Havia tantos livros; mas nada que parecesse exatamente certo para levar para Evelyn Whitbread em sua casa de repouso. Nada que servisse para diverti-la e fazer com que aquela mulherzinha indescritivelmente ressequida parecesse, quando Clarissa entrou, apenas por um momento cordial; antes de se acomodarem para a habitual conversa interminável sobre as doenças das mulheres. Como ela queria isso... que as pessoas parecessem satisfeitas quando ela entrasse, Clarissa pensou e virou-se e voltou para Bond Street, irritada, porque era bobagem ter outros motivos para fazer as coisas. Preferia que ela fosse uma daquelas pessoas como Richard, que faziam as coisas por si mesmas, ao passo que, pensou ela, esperando para atravessar, na metade do tempo ela fazia as coisas não simplesmente, não para si mesmas; mas para fazer as pessoas pensarem isto ou aquilo; Ela sabia que era uma idiotice perfeita (e agora o policial ergueu a mão), pois ninguém jamais foi enganado, nem por um segundo. Ah, se ela pudesse ter tido sua vida de novo! ela pensou, pisando na calçada, poderia ter parecido ainda diferente!

Ela teria sido, em primeiro lugar, morena como Lady Bexborough, com uma pele amarrotada e belos olhos. Ela teria sido, como Lady Bexborough, lenta e imponente; bastante grande; interessado em política como um homem; com casa de campo; muito digno, muito sincero. Em vez disso, ela tinha uma figura estreita como uma ervilha; um rostinho ridículo, com bico como o de um pássaro. Que ela se comportava bem era verdade; e tinha mãos e pés

bonitos; e vestia-se bem, considerando que gastava pouco. Mas muitas vezes agora este corpo que ela usava (ela parou para olhar uma fotografia holandesa), este corpo, com todas as suas capacidades, parecia nada - absolutamente nada. Ela teve a estranha sensação de ser invisível; invisível; desconhecido; não há mais casamentos, não há mais filhos agora, mas apenas esse progresso surpreendente e um tanto solene com o resto deles, subindo a Bond Street, sendo esta a Sra. Dalloway; nem mesmo Clarissa mais; sendo esta a Sra. Richard Dalloway.

Bond Street a fascinou; Bond Street no início da manhã na temporada; suas bandeiras hasteadas; suas lojas; sem respingos; sem brilho; um rolo de tweed na loja onde seu pai comprava ternos há cinquenta anos; algumas pérolas; salmão em um bloco de gelo.

“Isso é tudo”, disse ela, olhando para a peixaria. “Isso é tudo”, repetiu ela, parando por um momento na vitrine de uma loja de luvas onde, antes da guerra, era possível comprar luvas quase perfeitas. E o seu velho tio William costumava dizer que uma senhora é conhecida pelos seus sapatos e pelas suas luvas. Ele se virou na cama certa manhã, no meio da guerra. Ele havia dito: “Já estou farto”. Luvas e sapatos; ela tinha paixão por luvas; mas sua própria filha, sua Elizabeth, não se importava nem um pouco com nenhuma delas.

Nem um pouco, pensou ela, subindo a Bond Street até uma loja onde guardavam flores para ela quando ela dava uma festa. Elizabeth realmente se importava mais com seu cachorro. A casa inteira esta manhã cheirava a alcatrão. Ainda assim, melhor o pobre Grizzle do que a senhorita Kilman; é melhor ter cinomose, alcatrão e tudo o mais do que ficar sentado num quarto abafado com um livro de orações! Melhor qualquer coisa, ela estava

inclinada a dizer. Mas pode ser apenas uma fase, como disse Richard, pela qual todas as meninas passam. Pode ser se apaixonar. Mas por que com a Srta. Kilman? que foram maltratados, é claro; é preciso levar isso em conta, e Richard disse que ela era muito capaz, tinha uma mente realmente histórica. De qualquer forma, eles eram inseparáveis, e Elizabeth, sua própria filha, comungou; e como ela se vestia, como tratava as pessoas que vinham almoçar, ela não se importava nem um pouco, sendo sua experiência que o êxtase religioso tornava as pessoas insensíveis (o mesmo acontecia com as causas); entorpeceu seus sentimentos, pois Miss Kilman faria qualquer coisa pelos russos, passaria fome pelos austríacos, mas em particular infligia tortura positiva, tão insensível era ela, vestida com um casaco verde. Ano após ano ela usava aquele casaco; ela transpirava; ela nunca ficava cinco minutos na sala sem fazer você sentir a superioridade dela, a sua inferioridade; quão pobre ela era; quão rico você era; como ela vivia numa favela, sem almofada, sem cama, sem tapete, ou o que quer que fosse, com toda a alma enferrujada por causa daquela mágoa, sua demissão da escola durante a guerra - pobre e amargurada criatura infeliz! Pois não era ela que odiava, mas a ideia dela, que sem dúvida havia reunido em si muita coisa que não era Miss Kilman; tornara-se um daqueles espectros com os quais se luta durante a noite; um daqueles espectros que nos montam e sugam metade do nosso sangue vital, dominadores e tiranos; pois sem dúvida, com outro lance de dados, se o preto estivesse em primeiro lugar e não o branco, ela teria amado Miss Kilman! Mas não neste mundo. Não.

No entanto, era irritante para ela ter dentro de si esse monstro brutal! ouvir galhos quebrando e sentir cascos plantados nas profundezas daquela floresta coberta de folhas, a alma; nunca ficar totalmente satisfeita, ou totalmente segura, pois a qualquer momento o bruto estaria se agitando, esse ódio, que,

especialmente desde sua doença, tinha o poder de fazê-la sentir-se arranhada, machucada na coluna; deu-lhe dor física, e deu-lhe todo prazer na beleza, na amizade, em estar bem, em ser amada e fazer seu lar delicioso balançar, tremer e dobrar como se de fato houvesse um monstro arrancando as raízes, como se toda a panóplia de conteúdo não fosse nada além de amor próprio! esse ódio!

Bobagem, bobagem! ela gritou para si mesma, empurrando as portas de vaivém da floricultura Mulberry.

Ela avançou, leve, alta, muito ereta, para ser imediatamente saudada pela senhorita Pym, de rosto redondo, cujas mãos eram sempre vermelhas, como se tivessem sido colocadas em água fria com as flores.

Havia flores: delfínios, ervilhas, ramos de lilases; e cravos, montes de cravos. Havia rosas; havia íris. Ah, sim, então ela respirou o cheiro doce do jardim terroso enquanto conversava com a Srta. Pym, que lhe devia ajuda, e se considerava gentil, como ela havia sido anos atrás; muito gentil, mas ela parecia mais velha, este ano, virando a cabeça de um lado para o outro entre as íris e as rosas e balançando os tufos de lilás com os olhos semicerrados, farejando, depois do alvoroço da rua, o perfume delicioso, o frescor requintado. E então, abrindo os olhos, as rosas pareciam frescas, como linho com babados, retirado de uma roupa lavada em bandejas de vime; e escuros e elegantes os cravos vermelhos, mantendo a cabeça erguida; e todas as ervilhas espalhadas em suas tigelas, tingidas de violeta, brancas como a neve, pálidas - como se fosse noite e garotas com vestidos de musselina saíssem para colher ervilhas e rosas depois que o magnífico dia de verão, com seu céu quase azul-negro, seus delfínios, seus cravos, seus lírios, tivesse acabado; e foi o momento entre seis e sete horas em que todas as flores -

rosas, cravos, íris, lilases - brilham; branco, violeta, vermelho, laranja profundo; cada flor parece queimar sozinha, suavemente, puramente nos canteiros enevoados; e como ela adorava as mariposas branco-acinzentadas girando para dentro e para fora, sobre a torta de cereja, sobre as prímulas!

E quando ela começou a andar com Miss Pym de pote em pote, escolhendo, bobagem, bobagem, ela disse para si mesma, cada vez mais gentilmente, como se essa beleza, esse perfume, essa cor, e Miss Pym gostando dela, confiando nela, fossem uma onda que ela deixou fluir sobre ela e superar aquele ódio, aquele monstro, superar tudo; e isso a levantou cada vez mais quando - oh! um tiro de pistola na rua lá fora!

“Queridos, aqueles automóveis”, disse Miss Pym, indo até a janela olhar, e voltando e sorrindo, desculpando-se, com as mãos cheias de ervilhas-de-cheiro, como se aqueles automóveis, aqueles pneus de automóveis, fossem todos culpa dela.

* * * * *

A violenta explosão que fez a Sra. Dalloway pular e a Srta. Pym ir até a vitrine e pedir desculpas veio de um automóvel que havia parado no lado da calçada exatamente em frente à vitrine da Mulberry. Os transeuntes que, é claro, pararam e olharam, tiveram apenas tempo de ver um rosto da maior importância contra o estofamento cinza-pomba, antes que uma mão masculina fechasse a cortina e não houvesse nada para ser visto, exceto um quadrado de cinza-pomba.

No entanto, os rumores circularam imediatamente do meio da Bond Street para a Oxford Street, de um lado, e para a perfumaria de Atkinson, do outro, passando de forma invisível, inaudível, como uma nuvem, rápida, como um

véu sobre as colinas, caindo de fato com algo da súbita sobriedade e quietude de uma nuvem sobre rostos que um segundo antes estavam totalmente desordenados. Mas agora o mistério os havia roçado com sua asa; eles ouviram a voz da autoridade; o espírito da religião estava espalhado, com os olhos bem vendados e os lábios bem abertos. Mas ninguém sabia de quem era o rosto visto. Foi do Príncipe de Gales, da Rainha, do Primeiro Ministro? De quem era o rosto? Ninguém sabia.

Edgar J. Watkiss, com seu rolo de chumbo pendurado no braço, disse em voz alta, com humor, é claro: “O kyar do Ministro Proime”.

Septimus Warren Smith, que não conseguiu passar, ouviu-o.

Septimus Warren Smith, com cerca de trinta anos, rosto pálido, nariz adunco, sapatos marrons e um sobretudo surrado, olhos castanhos que tinham aquela expressão de apreensão que deixa apreensivos também os completos estranhos. O mundo levantou o chicote; onde descerá?

Tudo havia parado. A pulsação dos motores soava como uma pulsação batendo irregularmente por todo o corpo. O sol ficou extraordinariamente quente porque o automóvel parou em frente à vitrine da Mulberry; velhinhas no topo dos ônibus abriam suas sombrinhas pretas; aqui um verde, aqui um guarda-sol vermelho aberto com um pequeno estalo. A Sra. Dalloway, aproximando-se da janela com os braços cheios de ervilhas-de-cheiro, olhou para fora com o rostinho rosado franzido em indagação. Todos olharam para o automóvel. Sétimo olhou. Meninos de bicicleta saltaram. Tráfego acumulado. E ali estava o automóvel, com as persianas fechadas, e sobre elas um desenho curioso como o de uma árvore, pensou Septimus, e essa aproximação gradual de tudo em um centro diante de seus olhos, como se algum horror tivesse vindo quase à superfície e estivesse prestes a explodir

em chamas, o aterrorizou. O mundo oscilou e estremeceu e ameaçou explodir em chamas. Sou eu quem está bloqueando o caminho, pensou ele. Ele não estava sendo olhado e apontado; ele não estava ali preso, enraizado na calçada, com um propósito? Mas com que propósito?

“Vamos continuar, Septimus”, disse sua esposa, uma mulher pequena, com olhos grandes e um rosto pálido e pontudo; uma garota italiana.

Mas a própria Lucrecia não pôde deixar de olhar para o automóvel e para o desenho das árvores nas persianas. Era a Rainha que estava ali — a Rainha indo às compras?

O motorista, que estava abrindo alguma coisa, girando alguma coisa, fechando alguma coisa, subiu na caixa.

“Vamos”, disse Lucrecia.

Mas o marido dela, pois eles estavam casados há quatro, cinco anos, deu um pulo, sobressaltou-se e disse: “Tudo bem!” com raiva, como se ela o tivesse interrompido.

As pessoas devem notar; as pessoas devem ver. Gente, pensou ela, olhando para a multidão que olhava para o automóvel; o povo inglês, com os seus filhos, os seus cavalos e as suas roupas, que ela admirava de certa forma; mas agora eram “gente”, porque Sétimo dissera: “Vou me matar”; uma coisa horrível de se dizer. Suponha que eles o tivessem ouvido? Ela olhou para a multidão. Socorro, socorro! ela queria gritar para os meninos e mulheres dos açougueiros. Ajuda! Ainda no outono passado ela e Septimus estavam no Embankment embrulhados na mesma capa e, Septimus lendo um jornal em vez de conversar, ela o arrancou dele e riu na cara do velho que os viu! Mas o fracasso se esconde. Ela deve levá-lo para algum parque.

“Agora vamos atravessar”, disse ela.

Ela tinha direito ao braço dele, embora fosse sem sentimento. Ele daria a ela, que era tão simples, tão impulsiva, de apenas vinte e quatro anos, sem amigos na Inglaterra, que havia deixado a Itália por causa dele, um pedaço de osso.

O automóvel, com as persianas fechadas e um ar de reserva inescrutável, seguiu em direção a Piccadilly, ainda observado, ainda agitando os rostos dos dois lados da rua com o mesmo sopro sombrio de veneração, fosse pela Rainha, pelo Príncipe ou pelo Primeiro Ministro, ninguém sabia. O rosto em si foi visto apenas uma vez por três pessoas durante alguns segundos. Até o sexo estava agora em disputa. Mas não podia haver dúvida de que a grandeza estava alicerçada; a grandeza passava, escondida, pela Bond Street, afastada apenas por um palmo das pessoas comuns que poderiam agora, pela primeira e última vez, estar a uma curta distância da majestade da Inglaterra, do símbolo duradouro do estado que será conhecido pelos curiosos antiquários, vasculhando as ruínas do tempo, quando Londres é um caminho coberto de grama e todos aqueles que correm pela calçada nesta manhã de quarta-feira são apenas ossos com algumas alianças de casamento misturadas em sua poeira e as manchas de ouro de inúmeros dentes cariados. O rosto no automóvel será então conhecido.

Provavelmente é a Rainha, pensou a Sra. Dalloway, saindo da Mulberry's com suas flores; a Rainha. E por um segundo ela exibiu uma expressão de extrema dignidade, parada ao lado da floricultura sob a luz do sol, enquanto o carro passava a passos largos, com as persianas fechadas. A Rainha indo para algum hospital; a Rainha abrindo algum bazar, pensou Clarissa.

A paixão foi ótima para a hora do dia. Senhores, Ascot, Hurlingham, o que foi? ela se perguntou, pois a rua estava bloqueada. A classe média britânica sentada de lado no topo dos ônibus com pacotes e guarda-chuvas, sim, até mesmo pelas num dia como este, era, ela pensava, mais ridícula, mais diferente de tudo que já existiu do que se poderia imaginar; e a própria Rainha resistiu; a própria rainha não conseguiu passar. Clarissa foi suspensa de um lado da Brook Street; Sir John Buckhurst, o velho juiz, do outro, com o carro entre eles (Sir John ditava a lei há anos e gostava de mulheres bem vestidas), quando o motorista, inclinando-se ligeiramente, disse ou mostrou algo ao policial, que fez uma saudação, levantou o braço e balançou a cabeça e moveu o ônibus para o lado e o carro passou. Lentamente e muito silenciosamente, ele seguiu seu caminho.

Clarissa adivinhou; Clarissa sabia, é claro; ela tinha visto algo branco, mágico, circular, na mão do lacaios, um disco com um nome inscrito - o da Rainha, o do Príncipe de Gales, o do Primeiro Ministro? Palácio de Buckingham. E a Clarissa também deu uma festa. Ela enrijeceu um pouco; então ela ficava no topo da escada.

O carro havia desaparecido, mas deixara uma leve onda que se espalhava pelas lojas de luvas, chapelarias e alfaiates de ambos os lados da Bond Street. Durante trinta segundos todas as cabeças ficaram inclinadas para a mesma direção: para a janela. Escolhendo um par de luvas - deveriam ser até o cotovelo ou acima dele, limão ou cinza claro? - as senhoras pararam; quando a frase terminou, algo aconteceu. Algo tão insignificante em casos isolados que nenhum instrumento matemático, embora capaz de transmitir choques na China, poderia registrar a vibração; ainda assim, em sua plenitude, bastante formidável e em seu apelo comum, emocional; pois em todas as chapelarias e alfaiates os estranhos se entreolhavam e pensavam

nos mortos; da bandeira; do Império. Num bar numa rua secundária, um colonial insultou a Casa de Windsor, o que resultou em palavras, copos de cerveja partidos e uma gritaria geral, que ecoou estranhamente nos ouvidos das raparigas que compravam roupa interior branca com fita branca pura para os seus casamentos. Pois a agitação superficial do carro que passava ao afundar roçou algo muito profundo.

Deslizando por Piccadilly, o carro virou na St. James's Street. Homens altos, homens de físico robusto, homens bem vestidos, com fraques, combinações brancas e cabelos penteados para trás, que, por motivos difíceis de discernir, estavam parados na janela da frente do Brooks, com as mãos atrás da barra dos casacos, olhando para fora, perceberam instintivamente que a grandeza estava passando, e a luz pálida da presença imortal caiu sobre eles como havia caído sobre Clarissa Dalloway. Imediatamente eles ficaram ainda mais eretos, tiraram as mãos e pareciam prontos para acompanhar seu Soberano, se necessário, até a boca do canhão, como seus ancestrais haviam feito antes deles. Os bustos brancos e as mesinhas ao fundo cobertas de exemplares do Tatler e sifões de água com gás pareciam aprovar; parecia indicar o milho fluindo e as casas senhoriais da Inglaterra; e para devolver o frágil zumbido das rodas motorizadas como as paredes de uma galeria sussurrante retornam, uma única voz expandida e tornada sonora pelo poder de uma catedral inteira. A xale Moll Pratt, com suas flores na calçada, desejou felicidades ao querido menino (era o Príncipe de Gales, com certeza) e teria jogado o preço de um pote de cerveja - um ramo de rosas - na St. As sentinelas de St. James saudaram; O policial da Rainha Alexandra aprovou.

02. Londres e as lembranças

Bloco de leitura 2 da edição Literunico; a obra original não possui capítulos formais.

Enquanto isso, uma pequena multidão se reuniu nos portões do Palácio de Buckingham. Apáticos, mas confiantes, todos pobres, eles esperaram; olhou para o próprio Palácio com a bandeira hasteada; em Victoria, ondulando em seu monte, admirava suas prateleiras de água corrente, seus gerânios; selecionou entre os automóveis do Mall, primeiro este, depois aquele; concedeu emoção, em vão, aos plebeus que saíam para passear; relembrou sua homenagem para mantê-lo não gasto enquanto este e aquele carro passavam; e o tempo todo deixavam que rumores se acumulassem em suas veias e arrepiassem os nervos de suas coxas ao pensar na realeza olhando para eles; a Rainha se curvando; o Príncipe saudando; ao pensar na vida celestial divinamente concedida aos reis; dos escudeiros e reverências profundas; da antiga casa de bonecas da Rainha; da princesa Mary casada com um inglês, e o príncipe - ah! o Príncipe! que parecia maravilhosamente, diziam, depois do velho rei Eduardo, mas era cada vez mais magro. O Príncipe morava em St. James; mas ele poderia vir de manhã visitar sua mãe.

Assim disse Sarah Bletchley com o bebê nos braços, inclinando o pé para cima e para baixo como se estivesse junto ao seu próprio pára-lama em Pimlico, mas mantendo os olhos no Mall, enquanto Emily Coates percorria as janelas do Palace e pensava nas criadas, nas inúmeras criadas, nos quartos, nos inúmeros quartos. Acompanhada por um senhor idoso com um terrier Aberdeen e por homens sem ocupação, a multidão aumentou. O pequeno Sr. Bowley, que tinha quartos no Albany e estava selado com cera sobre as fontes mais profundas da vida, mas que podia ser desbloqueado de repente,

de forma inadequada, sentimentalmente, por esse tipo de coisa - mulheres pobres esperando para ver a rainha passar - mulheres pobres, criancinhas simpáticas, órfãos, viúvas, a Guerra - tut-tut -, na verdade tinha lágrimas nos olhos. Uma brisa soprando calorosamente pelo Mall, através das árvores finas, passando pelos heróis de bronze, levantou uma bandeira no peito britânico do Sr. Bowley e ele levantou o chapéu quando o carro entrou no Mall e segurou-o bem alto enquanto o carro se aproximava; e deixou as pobres mães de Pimlico se aproximarem dele, e ficou muito ereto. O carro ligou.

De repente, a Sra. Coates olhou para o céu. O som de um avião atingiu ameaçadoramente os ouvidos da multidão. Lá estava ele vindo por cima das árvores, soltando fumaça branca por trás, que se enrolava e se contorcia, na verdade escrevendo alguma coisa! fazendo letras no céu! Todos olharam para cima.

Caindo morto, o avião subiu direto, fez uma curva, correu, afundou, subiu, e o que quer que fizesse, onde quer que fosse, flutuava atrás de si uma espessa barra de fumaça branca que se enrolava e serpenteava no céu em letras. Mas que letras? AC foi? um E, depois um L? Apenas por um momento eles ficaram imóveis; então eles se moveram e derreteram e foram apagados no céu, e o avião disparou para mais longe e novamente, em um novo espaço de céu, começou a escrever um K, um E, um Y talvez?

“Glaxo”, disse a Sra. Coates com uma voz tensa e aterrorizada, olhando diretamente para cima, e seu bebê, rígido e branco em seus braços, olhou diretamente para cima.

“Kreemo”, murmurou a Sra. Bletchley, como uma sonâmbula. Com o chapéu perfeitamente imóvel na mão, o Sr. Bowley olhou diretamente para cima.

Todas as pessoas do shopping estavam de pé olhando para o céu. Enquanto olhavam, o mundo inteiro ficou em completo silêncio, e um bando de gaivotas cruzou o céu, primeiro uma gaivota à frente, depois outra, e neste extraordinário silêncio e paz, nesta palidez, nesta pureza, os sinos tocaram onze vezes, o som desaparecendo lá em cima entre as gaivotas.

O avião virou, correu e mergulhou exatamente onde queria, rápida e livremente, como um patinador...

“Isso é um E”, disse a Sra. Bletchley - ou uma dançarina -

“É caramelo”, murmurou o Sr. Bowley - (e o carro entrou pelos portões e ninguém olhou para ele), e fechando a fumaça, ele correu para longe e para longe, e a fumaça desapareceu e se reuniu em torno das largas formas brancas das nuvens.

Tinha desaparecido; estava atrás das nuvens. Não houve som. As nuvens às quais as letras E, G ou L estavam ligadas moviam-se livremente, como se estivessem destinadas a cruzar do Ocidente para o Oriente numa missão da maior importância que nunca seria revelada, mas certamente assim era - uma missão da maior importância. Então, de repente, quando um trem sai de um túnel, o avião saiu correndo das nuvens novamente, o som perfurando os ouvidos de todas as pessoas no Mall, no Green Park, em Piccadilly, na Regent Street, no Regent's Park, e a barra de fumaça fez uma curva para trás e caiu, e ele subiu e escreveu uma carta após a outra - mas que palavra ele estava escrevendo?

Lucrezia Warren Smith, sentada ao lado do marido num assento no Regent's Park, em Broad Walk, ergueu os olhos.

“Olha, olha, Sétimo!” ela chorou. Pois o Dr. Holmes lhe dissera para fazer com que o marido (que não tinha nenhum problema sério com ele, mas estava um pouco indisposto) se interessasse por coisas externas a ele.

Então, pensou Septimus, olhando para cima, eles estão sinalizando para mim. Na verdade, não em palavras reais; isto é, ele ainda não conseguia ler a língua; mas era bastante claro, esta beleza, esta beleza extraordinária, e lágrimas encheram seus olhos enquanto ele olhava para as palavras de fumaça definhando e derretendo no céu e concedendo-lhe em sua caridade inesgotável e bondade risonha uma forma após outra de beleza inimaginável e sinalizando sua intenção de fornecê-lo, de graça, para sempre, por apenas parecer, com beleza, mais beleza! Lágrimas escorreram por seu rosto.

Era caramelo; eles estavam anunciando caramelo, disse uma babá a Rezia. Juntos, eles começaram a soletrar t... o... f...

“K... R...” disse a babá, e Septimus a ouviu dizer “Kay Arr” perto de seu ouvido, profundamente, suavemente, como um órgão suave, mas com uma aspereza na voz como a de um gafanhoto, que raspava sua espinha deliciosamente e enviava ondas sonoras para seu cérebro que, com uma concussão, se romperam. Uma descoberta realmente maravilhosa - que a voz humana em certas condições atmosféricas (pois é preciso ser científico, acima de tudo científico) pode dar vida às árvores! Felizmente, Rezia colocou a mão com um peso tremendo sobre o joelho dele, de modo que ele ficou pesado, paralisado, ou a excitação dos olmos subindo e descendo, subindo e caindo com todas as folhas acesas e a cor diminuindo e engrossando do azul para o verde de uma onda oca, como plumas nas cabeças dos cavalos, penas nas damas, com tanto orgulho que subiam e desciam, tão soberbamente, que o teriam deixado louco. Mas ele não iria enlouquecer. Ele fechava os olhos;

ele não veria mais nada.

Mas eles acenaram; as folhas estavam vivas; as árvores estavam vivas. E as folhas estando ligadas por milhões de fibras ao seu próprio corpo, ali no assento, abanavam-no para cima e para baixo; quando o galho se esticou, ele também fez essa afirmação. Os pardais esvoaçando, subindo e descendo em fontes irregulares faziam parte do padrão; o branco e o azul, barrados de galhos pretos. Sons faziam harmonias com premeditação; os espaços entre eles eram tão significativos quanto os sons. Uma criança chorou. Bem longe, uma buzina soou. Tudo considerado em conjunto significou o nascimento de uma nova religião -

“Sétimo!” disse Rezia. Ele começou violentamente. As pessoas devem notar.

“Vou caminhar até a fonte e voltar”, disse ela.

Pois ela não aguentava mais. O Dr. Holmes poderia dizer que não havia nada de errado. Ela preferia que ele estivesse morto! Ela não conseguia sentar-se ao lado dele quando ele a olhava fixamente e não a via e tornava tudo terrível; céu e árvore, crianças brincando, arrastando carroças, apitando, caindo; todos eram terríveis. E ele não se mataria; e ela não podia contar a ninguém. “Septimus tem trabalhado muito” - foi tudo o que ela conseguiu dizer à própria mãe. Amar torna a pessoa solitária, pensou ela. Ela não podia contar a ninguém, nem mesmo a Septimus agora, e, olhando para trás, viu-o sentado sozinho, com seu sobretudo surrado, no banco, curvado, olhando fixamente. E era covardia um homem dizer que iria se matar, mas Septimus havia lutado; ele foi corajoso; ele não era Septimus agora. Ela colocou a gola de renda. Ela colocou o chapéu novo e ele nem percebeu; e ele estava feliz sem ela. Nada poderia fazê-la feliz sem ele! Nada! Ele era egoísta. Assim são os homens. Pois ele não estava doente. O Dr. Holmes disse que não havia

nada de errado com ele. Ela estendeu a mão diante dela. Olhar! Sua aliança de casamento escorregou - ela havia emagrecido muito. Foi ela quem sofreu - mas ela não tinha ninguém para contar.

Longe ficava a Itália e as casas brancas e a sala onde as irmãs dela se sentavam fazendo chapéus, e as ruas lotadas todas as noites com pessoas andando, rindo alto, não meio vivas como as pessoas aqui, encolhidas em cadeiras de banho, olhando para algumas flores feias presas em vasos!

“Pois você deveria ver os jardins de Milão”, disse ela em voz alta. Mas para quem?

Não havia ninguém. Suas palavras desapareceram. Então um foguete desaparece. Suas faíscas, tendo penetrado na noite, rendem-se a ela, a escuridão desce, derrama-se sobre os contornos de casas e torres; encostas desoladas amolecem e desmoronam. Mas embora tenham desaparecido, a noite está cheia deles; privados de cor, sem janelas, eles existem de forma mais pesada, transmitem o que a franca luz do dia não consegue transmitir - a perturbação e o suspense das coisas ali conglomeradas na escuridão; amontoados na escuridão; privado do alívio que a madrugada traz quando, lavando as paredes de branco e cinza, pintando cada vidraça, levantando a névoa dos campos, mostrando as vacas marrom-avermelhadas pastando pacificamente, tudo se enfeita mais uma vez aos olhos; existe novamente. Estou sozinho; Estou sozinho! - gritou ela, junto à fonte no Regent's Park (olhando para o índio e a sua cruz), como se talvez à meia-noite, quando todas as fronteiras se perdessem, o país voltasse à sua forma antiga, tal como os romanos o viam, nublado, quando desembarcaram, e as colinas não tinham nomes e os rios serpenteavam sem saberem onde - tal era a sua escuridão; quando de repente, como se uma prateleira tivesse sido atirada e

ela estivesse em cima dela, ela disse que era esposa dele, casada há anos em Milão, esposa dele, e nunca, nunca diria que ele estava louco! Virando-se, a prateleira caiu; para baixo, para baixo ela caiu. Pois ele tinha ido embora, ela pensou - ido, como ele ameaçou, para se matar - para se jogar debaixo de uma carroça! Mas não; lá estava ele; ainda sentado sozinho no banco, com seu sobretudo surrado, as pernas cruzadas, olhando, falando em voz alta.

Os homens não devem cortar árvores. Existe um Deus. (Ele anotou tais revelações no verso dos envelopes.) Mude o mundo. Ninguém mata por ódio. Divulgue (ele anotou). Ele esperou. Ele ouviu. Um pardal empoleirado na grade em frente cantou Septimus, Septimus, quatro ou cinco vezes e continuou, extraindo suas notas, a cantar de forma fresca e penetrante em palavras gregas como não há crime e, acompanhados por outro pardal, eles cantaram em vozes prolongadas e penetrantes em palavras gregas, das árvores no prado da vida além de um rio onde os mortos andam, como não há morte.

Ali estava a mão dele; aí os mortos. Coisas brancas se amontoavam atrás da grade do lado oposto. Mas ele não ousou olhar. Evans estava atrás da grade!

"O que você está dizendo?" disse Rezia de repente, sentando-se ao lado dele.

Interrompido novamente! Ela estava sempre interrompendo.

Longe das pessoas - eles devem se afastar das pessoas, ele disse (saltando), logo ali, onde havia cadeiras debaixo de uma árvore e a longa encosta do parque mergulhava como uma extensão de material verde com um teto de fumaça azul e rosa no alto, e havia uma muralha de casas distantes e irregulares envoltas em fumaça, o tráfego zumbia em círculos, e à direita, animais de cor parda estendiam longos pescoços sobre as paliçadas do

Zoológico, latindo, uivando. Lá eles se sentaram debaixo de uma árvore.

“Olha”, ela implorou, apontando para um pequeno grupo de meninos carregando tocos de críquete, e um deles se arrastou, girou nos calcanhares e se arrastou, como se estivesse fazendo papel de palhaço no music hall.

“Olhe”, ela implorou, pois o Dr. Holmes lhe dissera para fazê-lo perceber coisas reais, ir a um music hall, jogar críquete – esse era o mesmo jogo, disse o Dr.

“Olha”, ela repetiu.

Olha o invisível ordenou-lhe, a voz que agora se comunicava com aquele que era o maior da humanidade, Septimus, recentemente levado da vida para a morte, o Senhor que veio para renovar a sociedade, que jazia como uma colcha, um cobertor de neve batido apenas pelo sol, para sempre não desperdiçado, sofrendo para sempre, o bode expiatório, o eterno sofredor, mas ele não queria, ele gemeu, tirando dele com um aceno de mão aquele sofrimento eterno, aquele eterno solidão.

“Olhe”, ela repetiu, pois ele não deveria falar sozinho em voz alta fora de casa.

“Oh, olhe,” ela implorou a ele. Mas o que havia para olhar? Algumas ovelhas. Isso foi tudo.

Maisie Johnson queria saber o caminho para a estação de metrô Regent’s Park — eles poderiam lhe dizer o caminho para a estação de metrô Regent’s Park. Ela veio de Edimburgo há apenas dois dias.

“Não por aqui – ali!” — exclamou Rezia, afastando-a, para que ela não visse Septimus.

Ambos pareciam estranhos, pensou Maisie Johnson. Tudo parecia muito estranho. Em Londres pela primeira vez, vindo trabalhar na casa de seu tio em Leadenhall Street, e agora andando pelo Regent's Park pela manhã, aquele casal sentado nas cadeiras deu-lhe uma grande reviravolta; a jovem parecendo estrangeira, o homem parecendo esquisito; de modo que, mesmo que fosse muito velha, ainda se lembraria e faria ecoar novamente em suas lembranças como ela havia caminhado pelo Regent's Park, numa bela manhã de verão, cinquenta anos atrás. Pois ela tinha apenas dezenove anos e finalmente conseguira o que queria: vir para Londres; e agora, como era estranho aquele casal a quem ela perguntou o caminho, e a garota se assustou e sacudiu a mão, e o homem - ele parecia terrivelmente estranho; brigando, talvez; separando-se para sempre, talvez; algo estava acontecendo, ela sabia; e agora todas aquelas pessoas (pois ela voltou para Broad Walk), as bacias de pedra, as flores empertigadas, os velhos e as mulheres, a maioria inválidos em cadeiras de banho - tudo parecia, depois de Edimburgo, tão estranho. E Maisie Johnson, ao se juntar àquela companhia que caminhava suavemente, olhava vagamente e era beijada pela brisa - esquilos empoleirados e se arrumando, fontes de pardais esvoaçando em busca de migalhas, cães ocupados com as grades, ocupados uns com os outros, enquanto o ar suave e quente os banhava e emprestava ao olhar fixo e não surpreso com o qual eles recebiam a vida algo caprichoso e apaziguado - Maisie Johnson sentiu positivamente que deveria chorar Oh! (pois aquele jovem sentado no banco lhe dera uma grande reviravolta. Algo estava acontecendo, ela sabia.)

Terror! horror! ela queria chorar. (Ela havia deixado seu povo; eles a avisaram do que aconteceria.)

Por que ela não ficou em casa? ela gritou, girando a maçaneta da grade de ferro.

Aquela garota, pensou a Sra. Dempster (que guardava crostas para os esquilos e costumava almoçar no Regent's Park), ainda não sabe de nada; e realmente lhe parecia melhor ser um pouco corpulenta, um pouco frouxa, um pouco moderada nas expectativas. Percy bebeu. Bem, é melhor ter um filho, pensou a Sra. Dempster. Ela passou por momentos difíceis e não pôde deixar de sorrir para uma garota assim. Você vai se casar, pois é muito bonita, pensou a Sra. Dempster. Case-se, pensou ela, e então você saberá. Ah, os cozinheiros e assim por diante. Cada homem tem seus caminhos. Mas se eu teria escolhido exatamente assim se pudesse saber, pensou a Sra. Dempster, e não pôde deixar de querer sussurrar uma palavra para Maisie Johnson; sentir na bolsa enrugada de seu rosto velho e desgastado o beijo da piedade. Pois tem sido uma vida difícil, pensou a Sra. Dempster. O que ela não deu a isso? Rosas; figura; os pés dela também. (Ela desenhou os caroços sob a saia.)

Rosas, ela pensou sarcasticamente. Tudo lixo, minha querida. Pois realmente, entre comer, beber e acasalar, os dias bons e ruins, a vida não tinha sido apenas uma questão de rosas, e o que era mais, deixe-me dizer, Carrie Dempster não tinha nenhum desejo de mudar sua sorte com qualquer mulher em Kentish Town! Mas, ela implorou, pena. Pena, pela perda das rosas. Pena que ela perguntou a Maisie Johnson, de pé ao lado das camas de jacintos.

Ah, mas aquele avião! A Sra. Dempster não sempre desejou ver países estrangeiros? Ela tinha um sobrinho, um missionário. Ele subiu e disparou. Ela sempre ia para o mar em Margate, sem perder a vista da terra, mas não tinha paciência com mulheres que tinham medo de água. Ele varreu e caiu.

Seu estômago estava na boca. De novo. Há um belo rapaz a bordo, apostou a Sra. Dempster, e o avião foi embora, rápido e desaparecendo, e o avião disparou; pairando sobre Greenwich e todos os mastros; sobre a pequena ilha de igrejas cinzentas, a de São Paulo e o resto, até que, em ambos os lados de Londres, se espalhavam campos e bosques castanho-escuros onde tordos aventureiros saltavam corajosamente, olhando rapidamente, agarravam o caracol e batiam-lhe numa pedra, uma, duas, três vezes.

O avião disparou para longe e para longe, até não passar de uma faísca brilhante; uma aspiração; uma concentração; um símbolo (assim parecia ao Sr. Bentley, rolando vigorosamente sua faixa de grama em Greenwich) da alma do homem; de sua determinação, pensou o Sr. Bentley, contornando o cedro, para sair de seu corpo, além de sua casa, por meio do pensamento, de Einstein, da especulação, da matemática, da teoria mendeliana - para longe o avião disparou.

Então, enquanto um homem indefinido de aparência decadente carregando uma bolsa de couro estava nos degraus da Catedral de São Paulo e hesitava, pois dentro havia que bálsamo, que grande recepção, quantos túmulos com bandeiras tremulando sobre eles, símbolos de vitórias não sobre exércitos, mas sobre, ele pensou, aquele espírito pestilento de busca da verdade que me deixa no momento sem situação, e mais do que isso, a catedral oferece companhia, ele pensou, convida você a se tornar membro de uma sociedade; grandes homens pertencem a ela; mártires morreram por isso; por que não entrar, pensou ele, colocar esta bolsa de couro cheia de panfletos diante de um altar, uma cruz, o símbolo de algo que se elevou além da busca, da indagação e da combinação de palavras e se tornou todo espírito, desencarnado, fantasmagórico - por que não entrar? ele pensou e enquanto hesitava, o avião voou sobre Ludgate Circus.

Foi estranho; ainda estava. Nenhum som podia ser ouvido acima do tráfego. Parecia não guiado; acelerou por sua própria vontade. E agora, curvando-se para cima e para cima, em linha reta, como algo crescendo em êxtase, em puro deleite, de trás saía uma fumaça branca em espiral, escrevendo um T, um O, um F.

* * * * *

“O que eles estão olhando?” - disse Clarissa Dalloway à empregada que lhe abriu a porta.

O hall da casa era fresco como um cofre. A senhora Dalloway levou a mão aos olhos e, quando a empregada fechou a porta e ouviu o farfalhar das saias de Lucy, sentiu-se como uma freira que deixou o mundo e sente envolver-se em torno de si os véus familiares e a resposta às antigas devoções. A cozinheira assobiou na cozinha. Ela ouviu o clique da máquina de escrever. Era a sua vida e, inclinando a cabeça sobre a mesa do hall, curvou-se sob a influência, sentiu-se abençoada e purificada, dizendo para si mesma, ao pegar no bloco com a mensagem telefônica, como momentos como este são botões na árvore da vida, são flores da escuridão, pensou (como se uma linda rosa tivesse desabrochado apenas para os seus olhos); nem por um momento ela acreditou em Deus; mas ainda mais, pensou ela, pegando o bloco, é preciso retribuir na vida cotidiana aos criados, sim, aos cães e canários, sobretudo a Richard, seu marido, que foi a base dele - dos sons alegres, das luzes verdes, do cozinheiro até assobiando, pois a Sra.

"Sr. Dalloway, senhora"--

Clarissa leu no bloco telefônico: “Lady Bruton deseja saber se o Sr. Dalloway almoçará com ela hoje”.

"Sr. Dalloway, senhora, me disse para avisar que ele iria almoçar fora."

"Querido!" disse Clarissa, e Lucy compartilhou o que ela queria dizer para sua decepção (mas não para a dor); senti a concórdia entre eles; entendi a dica; pensei em como a nobreza ama; dourou seu próprio futuro com calma; e, pegando a sombrinha da Sra. Dalloway, manuseou-a como uma arma sagrada que uma Deusa, tendo se saído honrosamente no campo de batalha, larga e a coloca no porta-guarda-chuvas.

"Não tema mais", disse Clarissa. Não tema mais o calor do sol; pois o choque de Lady Bruton convidar Richard para almoçar sem ela fez com que o momento em que ela estivera estremecesse, como uma planta no leito do rio sente o choque de um remo passando e estremece: então ela balançou: então ela estremeceu.

Millicent Bruton, cujos almoços eram considerados extraordinariamente divertidos, não a convidara. Nenhum ciúme vulgar poderia separá-la de Richard. Mas ela temia o próprio tempo e leu no rosto de Lady Bruton, como se fosse um mostrador gravado em pedra impassível, o declínio da vida; como ano após ano sua parte foi fatiada; quão pouco a margem que restava era capaz de se esticar, de absorver, como nos anos da juventude, as cores, os sais, os tons da existência, de modo que ela enchia a sala em que entrava, e sentia muitas vezes, enquanto hesitava por um momento na soleira de sua sala de estar, um suspense requintado, tal como poderia manter um mergulhador antes de mergulhar enquanto o mar escurece e ilumina abaixo dele, e as ondas que ameaçam quebrar, mas apenas gentilmente dividem sua superfície, rolam e escondem e incrustam-se como eles apenas vire as ervas daninhas com pérola.

Ela colocou o bloco na mesa do corredor. Ela começou a subir lentamente as escadas, com a mão no corrimão, como se tivesse saído de uma festa, onde ora essa amiga ora que havia mostrado seu rosto, sua voz; tinha fechado a porta, saído e ficado sozinho, uma única figura contra a noite terrível, ou melhor, para ser preciso, contra o olhar daquela manhã prosaica de junho; suave com o brilho das pétalas de rosa para alguns, ela sabia, e sentiu isso, quando parou perto da janela aberta da escadaria que deixava entrar persianas batendo, cães latindo, deixou entrar, ela pensou, sentindo-se subitamente enrugada, envelhecida, sem peito, o rangido, o sopro, a floração do dia, fora de casa, fora da janela, fora de seu corpo e cérebro que agora falhavam, já que Lady Bruton, cujos almoços eram considerados extraordinariamente divertidos, não a convidara.

Como uma freira se retirando ou uma criança explorando uma torre, ela subiu as escadas, parou na janela e foi ao banheiro. Lá estava o linóleo verde e uma torneira pingando. Havia um vazio no coração da vida; um quarto no sótão. As mulheres devem adiar suas roupas ricas. Ao meio-dia eles devem se despir. Ela perfurou a almofada de alfinetes e colocou o chapéu amarelo de penas na cama. Os lençóis estavam limpos, bem esticados em uma larga faixa branca de um lado a outro. Cada vez mais estreita seria sua cama. A vela estava meio queimada e ela havia lido profundamente as Memórias do Barão Marbot. Ela havia lido tarde da noite sobre a retirada de Moscou. Pois a Câmara permaneceu sentada por tanto tempo que Richard insistiu, depois de sua doença, que ela deveria dormir sem ser perturbada. E na verdade ela preferia ler sobre a retirada de Moscou. Ele sabia disso. Então o quarto era um sótão; a cama estreita; e ali deitada, lendo, pois dormia mal, não conseguia dissipar uma virgindade preservada pelo parto que se agarrava a ela como um lençol. Adorável na infância, de repente chegou um momento -

por exemplo, no rio abaixo da floresta em Clieveden - em que, devido a alguma contração desse espírito frio, ela falhou com ele. E então em Constantinopla, e de novo e de novo. Ela podia ver o que lhe faltava. Não foi beleza; não foi mente. Foi algo central que permeou; algo quente que rompeu superfícies e ondulou o contato frio entre homem e mulher, ou entre mulheres juntas. Por isso ela podia perceber vagamente. Ela se ressentiu, teve um escrúpulo adquirido sabe Deus onde, ou, como ela sentia, enviado pela Natureza (que é invariavelmente sábia); no entanto, ela não conseguia resistir às vezes a ceder ao encanto de uma mulher, não de uma menina, de uma mulher que confessava, como costumavam fazer com ela, algum arranhão, alguma loucura. E quer fosse pena, ou a beleza deles, ou o fato de ela ser mais velha, ou algum acidente - como um leve perfume, ou um violino ao lado (tão estranho é o poder dos sons em certos momentos), ela sem dúvida sentiu então o que os homens sentiam. Só por um momento; mas foi o suficiente. Foi uma revelação repentina, um tom semelhante a um rubor que se tentava controlar e então, à medida que se espalhava, cedeu-se à sua expansão, e correu para a borda mais distante e ali estremeceu e sentiu o mundo se aproximar, inchado com algum significado surpreendente, alguma pressão de êxtase, que dividiu sua pele fina e jorrou e derramou com um alívio extraordinário sobre as rachaduras e feridas! Então, naquele momento, ela viu uma iluminação; um fósforo aceso num açafraão; um significado interno quase expresso. Mas o próximo recuou; o duro amoleceu. Acabou - o momento. Contra esses momentos (também com mulheres) contrastavam (enquanto ela pousava o chapéu) a cama, o Barão Marbot e a vela meio queimada. Enquanto estava acordado, o chão rangeu; a casa iluminada escureceu de repente, e se ela levantasse a cabeça ela poderia apenas ouvir o clique da maçaneta liberada o mais suavemente possível por Richard, que subia as escadas de meias e então, na maioria das vezes, deixava cair a bolsa

de água quente e praguejava! Como ela riu!

Mas essa questão do amor (pensou ela, guardando o casaco), essa questão de se apaixonar por mulheres. Veja Sally Seton; sua relação nos velhos tempos com Sally Seton. Afinal, isso não tinha sido amor?

Ela sentou-se no chão - essa foi a primeira impressão que teve de Sally - sentou-se no chão com os braços em volta dos joelhos, fumando um cigarro. Onde poderia ter sido? Os Mannings? Os Kinloch-Jones? Em alguma festa (de onde ela não tinha certeza), pois ela se lembrava claramente de ter perguntado ao homem com quem estava: "Quem é esse?" E ele contou a ela, e disse que os pais de Sally não se davam bem (como isso a chocou - que os pais de alguém deveriam brigar!). Mas durante toda aquela noite ela não conseguiu tirar os olhos de Sally. Era uma beleza extraordinária, do tipo que ela mais admirava, moreno, de olhos grandes, com aquela qualidade que, como ela própria não a possuía, sempre invejou - uma espécie de abandono, como se pudesse dizer qualquer coisa, fazer qualquer coisa; uma qualidade muito mais comum nos estrangeiros do que nas inglesas. Sally sempre disse que tinha sangue francês nas veias, um ancestral esteve com Maria Antonieta, teve a cabeça decepada e deixou um anel de rubi. Talvez naquele verão ela tenha vindo ficar em Bourton, chegando inesperadamente sem um centavo no bolso, uma noite depois do jantar, e perturbando a pobre tia Helena a tal ponto que ela nunca a perdoou. Houve alguma briga em casa. Ela literalmente não tinha um centavo naquela noite quando foi até eles - havia penhorado um broche para descer. Ela saiu correndo apaixonada. Eles ficaram sentados até altas horas da noite conversando. Foi Sally quem a fez sentir, pela primeira vez, como era protegida a vida em Bourton. Ela não sabia nada sobre sexo - nada sobre problemas sociais. Certa vez, ela vira um velho que caíra morto num campo — ela vira vacas logo depois que seus

bezerros nasceram. Mas tia Helena nunca gostou de discutir nada (quando Sally lhe dava William Morris, ele tinha que ser embrulhado em papel pardo). Lá estavam eles, sentados, hora após hora, conversando no quarto dela, no último andar da casa, falando sobre a vida, como iriam reformar o mundo. Eles pretendiam fundar uma sociedade para abolir a propriedade privada e, na verdade, mandaram escrever uma carta, embora não a tenha enviado. As ideias eram de Sally, é claro - mas logo ela ficou igualmente entusiasmada - ler Platão na cama, antes do café da manhã; leia Morris; leia Shelley por hora.

O poder de Sally era incrível, seu dom, sua personalidade. Havia o seu jeito com flores, por exemplo. Em Bourton sempre havia vasinhos rígidos em toda a mesa. Sally saiu, colheu malvas-rosa, dalias - todos os tipos de flores que nunca tinham sido vistas juntas -, cortou-lhes as cabeças e fez-as nadar na superfície da água em tigelas. O efeito foi extraordinário: entrar para jantar ao pôr do sol. (É claro que tia Helena achava uma maldade tratar as flores daquele jeito.) Então ela esqueceu a esponja e correu nua pelo corredor. Aquela velha e sombria empregada, Ellen Atkins, começou a resmungar: “E se algum dos cavalheiros tivesse visto?” Na verdade, ela chocou as pessoas. Ela estava desarrumada, disse papai.

O estranho, olhando para trás, era a pureza e a integridade dos seus sentimentos por Sally. Não era como se alguém sentisse por um homem. Era completamente desinteressado e, além disso, tinha uma qualidade que só poderia existir entre mulheres, entre mulheres recém-crescidas. Foi protetor, do lado dela; surgiu de uma sensação de estarem unidos, de um pressentimento de algo que estava fadado a separá-los (eles sempre falavam do casamento como uma catástrofe), o que levou a esse cavalheirismo, a esse sentimento protetor que estava muito mais do lado dela do que do de Sally.

Pois naquela época ela era completamente imprudente; fez as coisas mais idiotas por bravata; andamos de bicicleta pelo parapeito do terraço; charutos fumados. Absurdo, ela era... muito absurdo. Mas o encanto era avassalador, pelo menos para ela, de modo que ela conseguia se lembrar de estar em seu quarto, no último andar da casa, segurando a lata de água quente nas mãos e dizendo em voz alta: “Ela está sob este teto... Ela está sob este teto!”

Não, as palavras não significavam absolutamente nada para ela agora. Ela não conseguia nem ouvir um eco de sua antiga emoção. Mas ela lembrava-se de ter ficado gelada de excitação e de pentear-se numa espécie de êxtase (agora a velha sensação começou a voltar-lhe, quando ela tirou os grampos de cabelo, colocou-os sobre a penteadeira, começou a pentear-se), com as gralhas ostentando-se para cima e para baixo na luz rosada da noite, e vestindo-se, e descendo as escadas, e sentindo, ao atravessar o corredor, “se fosse morrer agora, seria agora muito feliz”. Esse era o sentimento dela - o sentimento de Otelo, e ela sentia isso, ela estava convencida, tão fortemente quanto Shakespeare queria que Otelo sentisse, tudo porque ela estava descendo para jantar com um vestido branco para conhecer Sally Seton!

03. Septimus no parque

Bloco de leitura 3 da edição Literunico; a obra original não possui capítulos formais.

Ela estava usando gaze rosa - isso era possível? Ela parecia, de qualquer forma, toda leve, brilhante, como um pássaro ou uma bola de ar que tivesse voado, preso por um momento a um arbusto. Mas nada é tão estranho quando alguém está apaixonado (e o que é isso senão estar apaixonado?) do que a completa indiferença das outras pessoas. Tia Helena simplesmente saiu depois do jantar; Papai leu o jornal. Peter Walsh poderia estar lá, assim como a velha Srta. Cummings; Joseph Breilkopf certamente estava, pois ele vinha todo verão, pobre velho, durante semanas e semanas, e fingia ler alemão com ela, mas na verdade tocava piano e cantava Brahms sem voz.

Tudo isso foi apenas um pano de fundo para Sally. Ela ficou junto à lareira conversando, com aquela voz linda que fazia tudo o que ela dizia parecer uma carícia, com papai, que começava a se sentir atraído um tanto contra a vontade (ele nunca se cansava de emprestar-lhe um de seus livros e encontrá-lo encharcado no terraço), quando de repente ela disse: "Que pena ficar sentado dentro de casa!" e todos saíram para o terraço e andaram de um lado para o outro. Peter Walsh e Joseph Breilkopf falaram sobre Wagner. Ela e Sally ficaram um pouco para trás. Então veio o momento mais extraordinário de toda a sua vida, passando por uma urna de pedra com flores. Sally parou; colheu uma flor; beijou-a nos lábios. O mundo inteiro pode ter virado de cabeça para baixo! Os outros desapareceram; lá estava ela sozinha com Sally. E ela sentiu que tinha recebido um presente, embrulhado, e dito apenas para guardá-lo, não olhar para ele - um diamante, algo infinitamente precioso, embrulhado, que, enquanto caminhavam (para cima e para baixo, para cima e para baixo), ela descobriu, ou o brilho queimou, a

revelação, o sentimento religioso! - quando os velhos José e Pedro os encararam:

“Observação de estrelas?” disse Pedro.

Era como bater o rosto numa parede de granito na escuridão! Foi chocante; foi horrível!

Não para ela mesma. Ela sentia apenas como Sally já estava sendo espancada, maltratada; ela sentiu a hostilidade dele; seu ciúme; sua determinação em entrar na companhia deles. Tudo isso ela viu como se vê uma paisagem iluminada por um relâmpago - e Sally (nunca a admirou tanto!) galantemente seguiu seu caminho invencível. Ela riu. Ela fez o velho Joseph lhe contar os nomes das estrelas, o que ele gostava de fazer muito a sério. Ela ficou ali: ela ouviu. Ela ouviu os nomes das estrelas.

“Ah, que horror!” ela disse para si mesma, como se soubesse o tempo todo que algo interromperia, amargaria seu momento de felicidade.

No entanto, afinal, quanto ela lhe devia mais tarde. Sempre que pensava nele, pensava nas brigas deles por algum motivo - porque ela queria muito a boa opinião dele, talvez. Ela lhe devia palavras: “sentimental”, “civilizado”; eles começaram todos os dias de sua vida como se ele a protegesse. Um livro era sentimental; uma atitude perante a vida sentimental. “Sentimental”, talvez ela estivesse pensando no passado. O que ele pensaria, ela se perguntou, quando voltasse?

Que ela havia envelhecido? Ele diria isso, ou ela o veria pensando, quando voltasse, que ela havia envelhecido? Era verdade. Desde a doença, ela ficou quase branca.

Colocando o broche sobre a mesa, ela teve um espasmo repentino, como se, enquanto meditava, as garras geladas tivessem tido a chance de se fixar nela. Ela ainda não era velha. Ela tinha acabado de completar quinquagésimo segundo ano. Meses e meses ainda estavam intocados. Junho, julho, agosto! Cada um ainda permanecia quase inteiro, e, como que para pegar a gota que caía, Clarissa (atravessando até a penteadeira) mergulhou no próprio coração do momento, paralisando-o, ali - o momento daquela manhã de junho em que estava a pressão de todas as outras manhãs, vendo novamente o copo, a penteadeira e todas as garrafas, reunindo-a inteira em um ponto (enquanto olhava para o copo), vendo o delicado rosto rosado da mulher que naquela mesma noite iria dar uma festa; de Clarissa Dalloway; de si mesma.

Quantos milhões de vezes ela viu seu rosto, e sempre com a mesma contração imperceptível! Ela franziu os lábios quando olhou no espelho. Era para dar um toque facial a ela. Essa foi a sua auto-apontação; semelhante a um dardo; definitivo. Essa era ela mesma quando algum esforço, alguns a chamavam para ser ela mesma, juntavam as partes, só ela sabia o quão diferente, quão incompatível e composta para o mundo apenas em um centro, um diamante, uma mulher que se sentava em sua sala de estar e fazia um ponto de encontro, um brilho sem dúvida em algumas vidas monótonas, um refúgio para os solitários, talvez; ela ajudou os jovens, que lhe eram gratos; tentara ser sempre a mesma, nunca dando sinais de todos os outros lados dela - defeitos, ciúmes, vaidades, suspeitas, como a de Lady Bruton não a convidar para almoçar; o que, ela pensou (finalmente penteando o cabelo), é totalmente vil! Agora, onde estava o vestido dela?

Seus vestidos de noite estavam pendurados no armário. Clarissa, mergulhando a mão na maciez, desgrudou delicadamente o vestido verde e levou-o até a janela. Ela o havia rasgado. Alguém pisou na saia. Ela sentiu-o

ceder na festa da Embaixada, no topo das dobras. Pela luz artificial o verde brilhava, mas perdia a cor agora com o sol. Ela iria consertar isso. Suas criadas tinham muito que fazer. Ela o usaria esta noite. Ela levaria suas sedas, sua tesoura, seu - o que era isso? - seu dedal, é claro, para a sala de estar, pois ela também precisava escrever e cuidar para que as coisas geralmente estivessem mais ou menos em ordem.

Estranho, pensou ela, parando no patamar e montando aquela forma de diamante, aquela única pessoa, estranho como uma amante conhece o momento exato, o próprio clima de sua casa! Sons fracos subiam em espirais pela escada; o barulho de um esfregão; tocando; batendo; um barulho quando a porta da frente se abriu; uma voz repetindo uma mensagem no porão; o tilintar de prata numa bandeja; prata limpa para a festa. Tudo foi para a festa.

(E Lucy, entrando na sala com a bandeja estendida, colocou os castiçais gigantescos sobre a lareira, o caixão de prata no meio, virou o golfinho de cristal na direção do relógio. Eles viriam; eles ficariam de pé; eles conversariam nos tons minuciosos que ela poderia imitar, senhoras e senhores. De todas, sua amante era a mais adorável - senhora da prata, do linho, da porcelana, do sol, da prata, portas sem dobradiças, homens de Rumpelmayer, deu-lhe a sensação, ao colocar a faca de papel sobre a mesa embutida, de algo alcançado. Eis que ela disse, falando com seus velhos amigos na padaria, onde ela viu o serviço pela primeira vez em Caterham, espiando o copo.

“Oh, Lucy”, ela disse, “a prata parece linda!”

“E como”, ela disse, virando o golfinho de cristal para ficar em pé, “como você gostou da peça ontem à noite?” “Oh, eles tiveram que ir antes do fim!”

ela disse. “Eles tinham que voltar às dez!” ela disse. “Então eles não sabem o que aconteceu”, disse ela. “Isso parece azar”, disse ela (pois seus criados ficavam até mais tarde, se pedissem). “Isso parece uma pena”, disse ela, pegando a almofada velha e careca que estava no meio do sofá e colocando-a nos braços de Lucy, dando-lhe um empurrãozinho e chorando:

"Tire isso! Dê à Sra. Walker com meus cumprimentos! Leve embora!" ela chorou.

E Lucy parou na porta da sala, segurando a almofada, e disse, muito tímida, ficando um pouco rosada: Ela não poderia ajudar a consertar aquele vestido?

Mas, disse a Sra. Dalloway, ela já tinha o suficiente em mãos, o suficiente para viver sem isso.

“Mas, obrigada, Lucy, ah, obrigada”, disse a Sra. Dalloway, e obrigada, obrigada, ela continuou dizendo (sentando-se no sofá com o vestido sobre os joelhos, a tesoura, as sedas), obrigada, obrigada, ela continuou dizendo em agradecimento aos seus servos em geral por ajudá-la a ser assim, a ser o que ela queria, gentil, generosa. Seus servos gostavam dela. E então este vestido dela - onde estava o rasgo? e agora sua agulha será enfiada. Este era um vestido favorito, um dos de Sally Parker, o último que ela quase fez, infelizmente, pois Sally já estava aposentada, morando em Ealing, e se algum dia eu tiver um momento, pensou Clarissa (mas ela nunca mais teria um momento), irei vê-la em Ealing. Pois ela era uma personagem, pensou Clarissa, uma verdadeira artista. Ela pensava em pequenas coisas fora do comum; no entanto, seus vestidos nunca foram estranhos. Você poderia usá-los em Hatfield; no Palácio de Buckingham. Ela os usara em Hatfield; no Palácio de Buckingham.

O silêncio desceu sobre ela, calmo, contente, enquanto sua agulha, puxando a seda suavemente até sua pausa suave, juntava as dobras verdes e as prendia, muito levemente, ao cinto. Assim, num dia de verão, as ondas se acumulam, se desequilibram e caem; recolher e cair; e o mundo inteiro parece dizer “isso é tudo” cada vez mais pesadamente, até que até mesmo o coração do corpo que está exposto ao sol na praia diz também: Isso é tudo. Não tema mais, diz o coração. Não tema mais, diz o coração, entregando seu fardo a algum mar, que suspira coletivamente por todas as tristezas, e renova, começa, recolhe, deixa cair. E só o corpo escuta a abelha que passa; a onda quebrando; o cachorro latindo, latindo e latindo ao longe.

“Céus, a campainha da porta da frente!” exclamou Clarissa, parando a agulha. Despertada, ela ouviu.

“A Sra. Dalloway vai me receber”, disse o homem idoso no corredor. “Ah, sim, ela vai me ver”, ele repetiu, deixando Lucy de lado com muita benevolência e subindo correndo escada acima. “Sim, sim, sim”, ele murmurou enquanto corria escada acima. “Ela vai me ver. Depois de cinco anos na Índia, Clarissa vai me ver.”

“Quem pode... o que pode”, perguntou a Sra. Dalloway (pensando que era ultrajante ser interrompida às onze horas da manhã do dia em que estava dando uma festa), ouvindo passos na escada. Ela ouviu uma mão na porta. Ela fez questão de esconder o vestido, como uma virgem protegendo a castidade, respeitando a privacidade. Agora a maçaneta de latão escorregou. Agora a porta se abriu e entrou - por um único segundo ela não conseguiu lembrar como ele se chamava! Ela ficou tão surpresa ao vê-lo, tão feliz, tão tímida, tão completamente surpresa por Peter Walsh vir até ela inesperadamente pela manhã! (Ela não tinha lido a carta dele.)

“E como você está?” disse Peter Walsh, tremendo positivamente; pegando as duas mãos; beijando ambas as mãos. Ela está mais velha, pensou ele, sentando-se. Não vou contar nada a ela sobre isso, pensou ele, pois ela está mais velha. Ela está olhando para mim, pensou ele, sentindo um súbito constrangimento tomar conta dele, embora tivesse beijado as mãos dela. Colocando a mão no bolso, ele tirou um grande canivete e abriu a lâmina pela metade.

Exatamente a mesma coisa, pensou Clarissa; o mesmo olhar estranho; o mesmo terno xadrez; seu rosto está um pouco fora do normal, um pouco mais magro, mais seco, talvez, mas ele parece muito bem, e mesmo assim.

“Como é maravilhoso ver você de novo!” ela exclamou. Ele estava com a faca na mão. Isso é típico dele, ela pensou.

Ele só havia chegado à cidade ontem à noite, disse ele; teria que ir para o campo imediatamente; e como foi tudo, como foi todo mundo - Richard? Elizabete?

“E o que é tudo isso?” ele disse, apontando o canivete em direção ao vestido verde dela.

Ele está muito bem vestido, pensou Clarissa; no entanto, ele sempre me critica.

Aqui ela está consertando o vestido; remendando o vestido dela como sempre, pensou ele; aqui está ela sentada durante todo o tempo que estive na Índia; remendando seu vestido; brincando; ir a festas; correr para casa e voltar e tudo mais, pensou ele, ficando cada vez mais irritado, cada vez mais agitado, pois não há nada no mundo tão ruim para algumas mulheres quanto o casamento, pensou; e política; e ter um marido conservador, como o

admirável Richard. Assim é, assim é, pensou ele, fechando a faca com um estalo.

"Richard está muito bem. Richard está em um Comitê", disse Clarissa.

E ela abriu a tesoura e disse: ele se importava que ela terminasse o que estava fazendo no vestido, pois eles tiveram uma festa naquela noite?

"O que não vou pedir que você faça", disse ela. "Meu querido Pedro!" ela disse.

Mas foi delicioso ouvi-la dizer isso - meu querido Peter! Na verdade, era tudo tão delicioso - a prataria, as cadeiras; tudo tão delicioso!

Por que ela não o convidaria para sua festa? ele perguntou.

Agora claro, pensou Clarissa, ele é encantador! perfeitamente encantador! Agora me lembro de como foi impossível decidir - e por que decidi - não me casar com ele? ela se perguntou, aquele verão horrível?

"Mas é tão extraordinário que você tenha vindo esta manhã!" ela gritou, colocando as mãos, uma em cima da outra, sobre o vestido.

"Você se lembra", ela disse, "como as persianas costumavam bater em Bourton?"

"Eles fizeram", disse ele; e ele se lembrou de ter tomado café da manhã sozinho, de maneira muito estranha, com o pai dela; quem morreu; e ele não havia escrito para Clarissa. Mas ele nunca se deu bem com o velho Parry, aquele velho rabugento e de joelhos fracos, o pai de Clarissa, Justin Parry.

"Muitas vezes gostaria de ter me dado melhor com seu pai", disse ele.

“Mas ele nunca gostou de ninguém que... nossos amigos”, disse Clarissa; e poderia ter mordido a língua por lembrar a Peter que ele queria se casar com ela.

Claro que sim, pensou Peter; quase partiu meu coração também, ele pensou; e foi dominado por sua própria dor, que surgiu como uma lua vista de um terraço, horrivelmente bela com a luz do dia afundado. Fiquei mais infeliz do que nunca, pensou ele. E como se na verdade estivesse sentado ali no terraço, aproximou-se um pouco de Clarissa; estenda a mão; levantou-o; deixe cair. Lá acima deles estava pendurada aquela lua. Ela também parecia estar sentada com ele no terraço, ao luar.

“Herbert está com ele agora”, disse ela. “Eu nunca vou lá agora”, disse ela.

Então, tal como acontece num terraço ao luar, quando uma pessoa começa a sentir vergonha de já estar entediada, e no entanto a outra fica sentada em silêncio, muito quieta, olhando tristemente para a lua, não gosta de falar, mexe o pé, pigarreia, nota um pergaminho de ferro na perna da mesa, mexe uma folha, mas não diz nada – foi o que Peter Walsh fez agora. Pois por que voltar assim ao passado? ele pensou. Por que fazê-lo pensar nisso novamente? Por que fazê-lo sofrer, quando ela o torturou tão infernalmente? Por que?

“Você se lembra do lago?” ela disse, com uma voz abrupta, sob a pressão de uma emoção que tomou conta de seu coração, enrijeceu os músculos de sua garganta e contraiu os lábios em um espasmo ao dizer “lago”. Pois ela era uma criança, atirando pão aos patos, entre os seus pais, e ao mesmo tempo uma mulher adulta que se aproximava dos seus pais que estavam à beira do lago, segurando a sua vida nos braços que, à medida que se aproximava deles, crescia cada vez mais nos seus braços, até se tornar uma vida inteira,

uma vida completa, que ela abandonou por eles e disse: “Foi isto que eu fiz dela! Isto!” E o que ela achou disso? O que, de fato? sentado ali costurando esta manhã com Peter.

Ela olhou para Peter Walsh; o olhar dela, passando por todo aquele tempo e aquela emoção, chegou até ele em dúvida; pousou-se sobre ele em prantos; e levantou-se e voou para longe, como um pássaro que toca um galho e sobe e voa para longe. Simplesmente ela enxugou os olhos.

“Sim”, disse Pedro. “Sim, sim, sim”, disse ele, como se ela trouxesse à superfície algo que o machucasse positivamente à medida que subia. Parar! Parar! ele queria chorar. Pois ele não era velho; sua vida não acabou; de forma alguma. Ele tinha pouco mais de cinquenta anos. Devo contar a ela, pensou ele, ou não? Ele gostaria de esclarecer tudo isso. Mas ela está com muito frio, pensou ele; costurando, com a tesoura; Daisy pareceria comum ao lado de Clarissa. E ela me consideraria um fracasso, o que sou no sentido deles, pensou ele; no sentido dos Dalloways. Ah, sim, ele não tinha dúvidas sobre isso; ele foi um fracasso, comparado com tudo isso - a mesa incrustada, o cortador de papel montado, o golfinho e os castiçais, as capas das cadeiras e as antigas e valiosas gravuras inglesas - ele foi um fracasso! Detesto a presunção de todo o caso, pensou ele; culpa de Richard, não de Clarissa; exceto que ela se casou com ele. (Aqui Lucy entrou na sala, carregando prata, mais prata, mas ela parecia encantadora, esbelta e graciosa, pensou ele, enquanto ela se abaixava para largá-la.) E isso tem acontecido o tempo todo! ele pensou; semana após semana; A vida de Clarissa; enquanto eu... ele pensou; e imediatamente tudo pareceu irradiar dele; viagens; passeios; brigas; aventuras; festas de ponte; casos amorosos; trabalhar; trabalhe, trabalhe! e ele puxou abertamente sua faca - sua velha faca com cabo de chifre que Clarissa poderia jurar que ele tinha há trinta anos - e cerrou-a com

o punho.

Que hábito extraordinário era aquele, pensou Clarissa; sempre brincando com uma faca. Sempre fazendo a pessoa se sentir também frívola; mente vazia; um mero tagarela bobo, como ele costumava usar. Mas eu também, pensou ela, e, pegando na agulha, convocou, como uma rainha cujos guardas adormeceram e a deixaram desprotegida (ela ficou bastante surpresa com esta visita - ela a perturbou), para que qualquer um possa entrar e dar uma olhada nela, onde ela está deitada com os arbustos curvando-se sobre ela, convocando em sua ajuda as coisas que ela fez; as coisas que ela gostava; seu marido; Isabel; ela mesma, em suma, que Peter mal conhecia agora, tudo para se aproximar dela e derrotar o inimigo.

"Bem, e o que aconteceu com você?" ela disse. Portanto, antes de uma batalha começar, os cavalos cavam o chão; balance a cabeça; a luz brilha nos seus flancos; seus pescoços se curvam. Então Peter Walsh e Clarissa, sentados lado a lado no sofá azul, desafiaram-se. Seus poderes o irritaram e jogaram dentro dele. Ele reuniu todo tipo de coisas de diferentes partes; louvar; sua carreira em Oxford; o casamento dele, do qual ela nada sabia; como ele amou; e totalmente feito seu trabalho.

"Milhões de coisas!" ele exclamou e, instigado pela assembléia de poderes que agora atacava de um lado para o outro e dando-lhe a sensação ao mesmo tempo assustadora e extremamente estimulante de ser levado pelo ar sobre os ombros de pessoas que ele não conseguia mais ver, ele levou as mãos à testa.

Clarissa sentou-se muito ereta; prendeu a respiração.

“Estou apaixonado”, disse ele, mas não para ela, mas para alguém criado no escuro para que você não pudesse tocá-la, mas devesse colocar sua guirlanda na grama, no escuro.

“Apaixonado”, repetiu ele, agora falando de maneira um tanto seca com Clarissa Dalloway; “apaixonado por uma garota na Índia.” Ele havia depositado sua guirlanda. Clarissa poderia fazer o que quisesse com isso.

“Apaixonado!” ela disse. Que ele, na sua idade, fosse sugado em sua pequena gravata-borboleta por aquele monstro! E não há carne no pescoço dele; suas mãos estão vermelhas; e ele é seis meses mais velho que eu! seus olhos voltaram para ela; mas em seu coração ela sentiu, mesmo assim, que ele está apaixonado. Ele tem isso, ela sentiu; ele está apaixonado.

Mas o egoísmo indomável que sempre domina as hostes que se opõem a ele, o rio que diz continue, continue, continue; mesmo que, admita, possa não haver qualquer objetivo para nós, ainda em frente; esse egoísmo indomável encheu-lhe de cor as faces; a fez parecer muito jovem; muito rosa; com os olhos muito brilhantes enquanto ela estava sentada com o vestido sobre os joelhos e a agulha presa à ponta da seda verde, tremendo um pouco. Ele estava apaixonado! Não com ela. Com alguma mulher mais jovem, é claro.

“E quem é ela?” ela perguntou.

Agora esta estátua deve ser trazida de sua altura e colocada entre eles.

“Uma mulher casada, infelizmente”, disse ele; “a esposa de um major do exército indiano.”

E com uma curiosa doçura irônica ele sorriu ao colocá-la dessa forma ridícula diante de Clarissa.

(Mesmo assim, ele está apaixonado, pensou Clarissa.)

“Ela tem”, continuou ele, muito razoavelmente, “dois filhos pequenos; um menino e uma menina; e eu vim falar com meus advogados sobre o divórcio”.

Aí estão eles! ele pensou. Faça o que quiser com eles, Clarissa! Aí estão eles! E, a cada segundo, parecia-lhe que a esposa do major do exército indiano (sua Daisy) e seus dois filhos pequenos ficavam cada vez mais adoráveis à medida que Clarissa olhava para eles; como se ele tivesse acendido uma bolinha cinzenta num prato e lá tivesse surgido uma linda árvore no ar fresco e salgado do mar da sua intimidade (pois, de certa forma, ninguém o compreendia, não sentia nada com ele, como Clarissa sentia) - a sua intimidade requintada.

Ela o lisonjeou; ela o enganou, pensou Clarissa; moldando a mulher, esposa do major do exército indiano, com três golpes de faca. Que desperdício! Que loucura! Durante toda a sua vida, Peter foi enganado assim; primeiro sendo enviado de Oxford; em seguida, casar com a moça do barco que ia para a Índia; agora esposa de um major do exército indiano - graças a Deus ela se recusou a se casar com ele! Mesmo assim, ele estava apaixonado; seu velho amigo, seu querido Peter, ele estava apaixonado.

“Mas o que você vai fazer?” ela perguntou a ele. Ah, os advogados e solicitadores, Srs. Hooper e Grateley, do Lincoln’s Inn, eles iriam fazer isso, disse ele. E ele realmente cortou as unhas com o canivete.

Pelo amor de Deus, deixe sua faca em paz! ela gritou consigo mesma com uma irritação irreprimível; era sua tola falta de convencionalidade, sua fraqueza; sua falta do fantasma da noção do que qualquer outra pessoa estava sentindo que a incomodava, sempre a incomodara; e agora na idade

dele, que bobagem!

Eu sei de tudo isso, pensou Peter; Eu sei o que estou enfrentando, pensou ele, passando o dedo pela lâmina da faca, Clarissa, Dalloway e todos os outros; mas vou mostrar a Clarissa - e então, para sua total surpresa, subitamente atirado por aquelas forças incontroláveis lançadas no ar, ele começou a chorar; chorou; chorou sem a menor vergonha, sentado no sofá, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

E Clarissa se inclinou para a frente, pegou a mão dele, puxou-o para ela, beijou-o - na verdade, sentiu o rosto dele no dela antes que ela pudesse brandir o brilho prateado - plumas como grama dos pampas em um vendaval tropical em seu peito, que, diminuindo, a deixou segurando sua mão, dando tapinhas em seu joelho e, sentindo-se extraordinariamente à vontade com ele e alegre, tudo em um aplauso veio sobre ela, Se eu tivesse casado ele, essa alegria teria sido minha o dia todo!

Estava tudo acabado para ela. O lençol estava esticado e a cama estreita. Ela subiu sozinha até a torre e os deixou plantando amoras ao sol. A porta havia se fechado, e ali, entre a poeira do reboco caído e o lixo dos ninhos de pássaros, quão distante a vista parecia, e os sons eram fracos e frios (uma vez em Leith Hill, ela lembrou), e Richard, Richard! ela gritou, como quem dorme durante a noite e estende a mão no escuro em busca de ajuda. Almoçando com Lady Bruton, ela lembrou. Ele me deixou; Estou sozinha para sempre, pensou ela, cruzando as mãos sobre os joelhos.

Peter Walsh levantou-se, foi até a janela e ficou de costas para ela, sacudindo um lenço de um lado para o outro. Ele parecia magistral, seco e desolado, com as omoplatas finas levantando ligeiramente o casaco; assoando o nariz violentamente. Leve-me com você, Clarissa pensou impulsivamente, como se

ele estivesse iniciando uma grande viagem; e então, no momento seguinte, foi como se os cinco atos de uma peça que tinha sido muito emocionante e comovente tivessem acabado e ela tivesse vivido uma vida inteira neles e tivesse fugido, tivesse vivido com Peter, e agora tudo tivesse acabado.

Agora era hora de se mudar e, enquanto uma mulher junta suas coisas, sua capa, suas luvas, seus óculos de ópera, e se levanta para sair do teatro para a rua, ela se levantou do sofá e foi até Peter.

E era terrivelmente estranho, pensou ele, como ela ainda tinha o poder, ao chegar tilintando, farfalhando, ainda tinha o poder ao atravessar a sala, de fazer a lua, que ele detestava, nascer em Bourton, no terraço, no céu de verão.

“Diga-me”, disse ele, agarrando-a pelos ombros. “Você está feliz, Clarissa? Richard...”

A porta se abriu.

“Aqui está minha Elizabeth”, disse Clarissa, emocionada, histrionicamente, talvez.

“Como vai?” disse Elizabeth avançando.

O som do Big Ben marcando a meia hora soou entre eles com extraordinário vigor, como se um jovem, forte, indiferente, sem consideração, balançasse halteres para um lado e para outro.

“Olá, Elizabeth!” - exclamou Peter, enfiando o lenço no bolso, indo rapidamente até ela, dizendo “Tchau, Clarissa” sem olhar para ela, saindo rapidamente do quarto, descendo correndo e abrindo a porta do corredor.

"Pedro! Pedro!" - gritou Clarissa, seguindo-o até o patamar. "Minha festa esta noite! Lembre-se da minha festa esta noite!" ela gritou, tendo que levantar a voz contra o barulho do ar livre, e, oprimida pelo tráfego e pelo som de todos os relógios batendo, sua voz gritando "Lembre-se da minha festa esta noite!" parecia frágil, magro e muito distante quando Peter Walsh fechou a porta.

* * * * *

Lembre-se da minha festa, lembre-se da minha festa, disse Peter Walsh enquanto descia a rua, falando consigo mesmo ritmicamente, no ritmo do fluxo do som, o som direto e absoluto do Big Ben marcando meia hora. (Os círculos de chumbo se dissolveram no ar.) Ah, essas festas, pensou ele; As festas da Clarissa. Por que ela dá essas festas?, pensou. Não que ele a culpasse ou aquela efígie de um homem de fraque com um cravo na lapela vindo em sua direção. Apenas uma pessoa no mundo poderia ser como ele era, apaixonada. E lá estava ele, esse homem afortunado, refletido na janela de vidro de uma montadora de automóveis na Victoria Street. Toda a Índia ficou atrás dele; planícies, montanhas; epidemias de cólera; um distrito duas vezes maior que a Irlanda; decisões que ele havia tomado sozinho - ele, Peter Walsh; que agora estava realmente, pela primeira vez na vida, apaixonado. Clarissa estava endurecida, pensou ele; e ainda por cima um pouco sentimental, suspeitava ele, olhando para os grandes automóveis capazes de fazer — quantos quilômetros em quantos galões? Pois ele gostava de mecânica; inventara um arado em seu distrito, encomendara carrinhos de mão da Inglaterra, mas os cules não os usavam, e Clarissa nada sabia sobre isso.

A maneira como ela disse “Aqui está minha Elizabeth!” - isso o irritou. Por que não simplesmente “Aqui está Elizabeth”? Foi insincero. E Elizabeth também não gostou. (Ainda os últimos tremores da grande voz estrondosa sacudiam o ar ao seu redor; a meia hora; ainda cedo; ainda apenas onze e meia.) Pois ele entendia os jovens; ele gostou deles. Sempre houve algo frio em Clarissa, pensou ele. Ela sempre teve, mesmo quando menina, uma espécie de timidez, que na meia-idade se torna convencionalidade, e então tudo acaba, está tudo acabado, pensou ele, olhando com um ar um tanto triste para as profundezas vítreas, e perguntando-se se ao telefonar àquela hora ele a teria irritado; subitamente dominado pela vergonha por ter sido um tolo; chorou; foi emocional; contou tudo a ela, como sempre, como sempre.

À medida que uma nuvem cruza o sol, o silêncio cai sobre Londres; e cai na mente. O esforço cessa. O tempo bate no mastro. Aí paramos; aí estamos nós. Rígido, só o esqueleto do hábito sustenta a estrutura humana. Onde não há nada, disse Peter Walsh para si mesmo; sentindo-se vazio, totalmente vazio por dentro. Clarissa me recusou, pensou ele. Ele ficou ali pensando, Clarissa me recusou.

Ah, disse Santa Margarida, como uma anfitriã que entra em sua sala bem na hora certa e já encontra seus convidados lá. Eu não estou atrasado. Não, são exatamente onze e meia, ela diz. No entanto, embora ela esteja perfeitamente certa, a sua voz, sendo a voz da anfitriã, reluta em impor a sua individualidade. Alguma tristeza pelo passado o impede; alguma preocupação com o presente. São onze e meia, diz ela, e o som de Santa Margarida desliza pelos recônditos do coração e se enterra em toque após toque de som, como algo vivo que quer confiar em si mesmo, dispersar-se, estar, com um tremor de deleite, em repouso - como a própria Clarissa, pensou Peter Walsh,

descendo as escadas na batida da hora, vestido de branco. É a própria Clarissa, pensou ele, com uma emoção profunda e uma lembrança extraordinariamente clara, embora intrigante, dela, como se aquele sino tivesse entrado na sala anos atrás, onde estavam sentados em algum momento de grande intimidade, e tivesse passado de um para o outro e saído, como uma abelha com mel, carregado com o momento. Mas que quarto? Que momento? E por que ele ficou tão profundamente feliz quando o relógio bateu? Então, enquanto o som de Santa Margarida definhava, ele pensou: Ela esteve doente, e o som expressava langor e sofrimento. Era o coração dela, ele lembrou; e o barulho repentino do golpe final dobrou pela morte que surpreendeu no meio da vida, Clarissa caindo onde estava, em sua sala. Não! Não! ele gritou. Ela não está morta! Não sou velho, gritou ele, e marchou por Whitehall, como se seu futuro rolasse até ele, vigoroso e interminável.

Ele não era velho, nem envelhecido, nem nem um pouco seco. Quanto a se importar com o que diziam dele — os Dalloways, os Whitbreads e seu grupo, ele não se importava nem um pouco — nem um pouquinho (embora fosse verdade que ele teria, uma hora ou outra, de ver se Richard não poderia ajudá-lo em algum trabalho). Caminhando, olhando fixamente, ele olhou para a estátua do duque de Cambridge. Ele havia sido enviado de Oxford — é verdade. Ele tinha sido um socialista, em certo sentido um fracasso — é verdade. Ainda assim, o futuro da civilização está, pensou ele, nas mãos de jovens como aqueles; de jovens como ele era há trinta anos; com seu amor pelos princípios abstratos; enviar livros para eles desde Londres até um pico no Himalaia; leitura de ciências; leitura de filosofia. O futuro está nas mãos de jovens assim, pensou ele.

04. Peter Walsh retorna

Bloco de leitura 4 da edição Literunico; a obra original não possui capítulos formais.

Um tamborilar semelhante ao tamborilar das folhas em uma floresta veio de trás, e com ele um farfalhar e um som surdo e regular, que, ao alcançá-lo, tamborilou seus pensamentos, em ritmo rigoroso, subindo Whitehall, sem sua ação. Meninos uniformizados, armados, marchavam com os olhos à frente, marchavam com os braços rígidos e no rosto uma expressão como as letras de uma lenda escrita na base de uma estátua elogiando o dever, a gratidão, a fidelidade, o amor à Inglaterra.

É, pensou Peter Walsh, começando a acompanhá-los, um excelente treinamento. Mas eles não pareciam robustos. A maioria deles eram magros, meninos de dezesseis anos, que amanhã poderiam ficar atrás de tigelas de arroz e sabonetes nas bancadas. Agora eles usavam, sem mistura de prazeres sensuais ou preocupações diárias, a solenidade da coroa que haviam levado do Finsbury Pavement para o túmulo vazio. Eles haviam feito seu voto. O trânsito respeitava isso; vans foram paradas.

Não consigo acompanhá-los, pensou Peter Walsh, enquanto marchavam por Whitehall, e com certeza, eles marchavam, passando por ele, passando por todos, com seu jeito firme, como se alguém trabalhasse pernas e braços uniformemente, e a vida, com suas variedades, suas irreticências, tivesse sido colocada sob uma calçada de monumentos e coroas de flores e transformada em um cadáver rígido, mas olhando fixamente, pela disciplina. Era preciso respeitar isso; alguém pode rir; mas era preciso respeitar isso, pensou ele. Lá vão eles, pensou Peter Walsh, parando na beira da calçada; e todas as estátuas exaltadas, Nelson, Gordon, Havelock, o negro, as imagens espetaculares de grandes soldados olhavam para a frente, como se também

eles tivessem feito a mesma renúncia (Peter Walsh sentiu que ele também a tinha feito, a grande renúncia), pisoteados pelas mesmas tentações, e finalmente alcançado um olhar de mármore. Mas o olhar que Peter Walsh não queria para si mesmo; embora ele pudesse respeitar isso nos outros. Ele poderia respeitar isso nos meninos. Eles ainda não conhecem os problemas da carne, pensou ele, enquanto os rapazes que marchavam desapareciam na direção de Strand – tudo o que eu passei, pensou ele, atravessando a rua e parando sob a estátua de Gordon, Gordon a quem ele adorava quando menino; Gordon sozinho, com uma perna levantada e os braços cruzados – pobre Gordon, pensou.

E só porque ninguém ainda sabia que ele estava em Londres, exceto Clarissa, e a terra, depois da viagem, ainda lhe parecia uma ilha, a estranheza de estar sozinho, vivo, desconhecido, às onze e meia em Trafalgar Square o dominou. O que é? Onde estou? E por que, afinal, alguém faz isso? ele pensou, o divórcio parecendo uma ilusão. E sua mente ficou plana como um pântano, e três grandes emoções tomaram conta dele; entendimento; uma vasta filantropia; e finalmente, como se fosse o resultado dos outros, um deleite irreprimível e requintado; como se dentro de seu cérebro, por outra mão, cordas fossem puxadas, venezianas se movessem, e ele, não tendo nada a ver com isso, permanecesse na abertura de avenidas intermináveis, pelas quais, se quisesse, poderia vagar. Ele não se sentia tão jovem há anos.

Ele havia escapado! era totalmente livre – como acontece na queda do hábito quando a mente, como uma chama desprotegida, se curva e se curva e parece prestes a explodir para fora de seu domínio. Faz anos que não me sinto tão jovem! pensou Peter, escapando (é claro, apenas por uma hora ou mais) de ser exatamente o que era, e sentindo-se como uma criança que corre para fora de casa e vê, enquanto corre, sua velha babá acenando para

a janela errada. Mas ela é extraordinariamente atraente, pensou ele, enquanto, atravessando Trafalgar Square em direção ao Haymarket, apareceu uma jovem que, ao passar pela estátua de Gordon, parecia, pensou Peter Walsh (suscetível como era), ter tirado véu após véu, até se tornar a mesma mulher que ele sempre teve em mente; jovem, mas imponente; alegre, mas discreto; preto, mas encantador.

Endireitando-se e manuseando furtivamente o canivete, ele foi atrás dela para seguir essa mulher, essa excitação, que parecia, mesmo de costas voltadas, lançar sobre ele uma luz que os conectava, que o distinguia, como se o barulho aleatório do trânsito tivesse sussurrado através de mãos vazias seu nome, não Peter, mas seu nome particular, que ele chamava a si mesmo em seus próprios pensamentos. “Você”, ela disse, apenas “você”, dizendo isso com suas luvas brancas e seus ombros. Então, a capa longa e fina que o vento agitava quando ela passava pela loja de Dent, na rua Cockspur, soprou com uma bondade envolvente, uma ternura triste, como braços que se abriam e levariam o cansado.

Mas ela não é casada; ela é jovem; muito jovem, pensou Peter, o cravo vermelho que ele a vira usar quando atravessou Trafalgar Square ardia novamente em seus olhos e deixava seus lábios vermelhos. Mas ela esperou no meio-fio. Havia uma dignidade nela. Ela não era mundana, como Clarissa; não rico, como Clarissa. Seria ela, perguntou-se ele enquanto se movia, respeitável? Espirituoso, com a língua trêmula de um lagarto, pensou ele (pois é preciso inventar, é preciso permitir-se um pouco de diversão), um humor frio e esperançoso, um humor rápido; não barulhento.

Ela se mudou; ela atravessou; ele a seguiu. Envergonhá-la era a última coisa que desejava. Mesmo assim, se ela parasse, ele diria “Venha tomar um

sorvete”, e ela responderia, de forma perfeitamente simples: “Ah, sim”.

Mas outras pessoas se meteram entre eles na rua, obstruindo-o, apagando-a. Ele perseguiu; ela mudou. Havia cor em suas bochechas; zombaria em seus olhos; ele era um aventureiro, imprudente, pensou, rápido, ousado, na verdade (desembarcado como era ontem à noite vindo da Índia) um bucaneiro romântico, descuidado com todas essas malditas propriedades, roupões amarelos, cachimbos, varas de pescar, nas vitrines das lojas; e respeitabilidade e festas noturnas e velhos elegantes usando combinações brancas por baixo dos coletes. Ele era um bucaneiro. Ela continuou andando, atravessando Piccadilly e subindo a Regent Street, à frente dele, sua capa, suas luvas, seus ombros combinando com as franjas, os cadarços e os boás de penas nas janelas para criar o espírito de elegância e capricho que mingua das lojas para a calçada, como a luz de uma lâmpada oscila à noite sobre sebes na escuridão.

Rindo e encantada, ela atravessou a Oxford Street e a Great Portland Street e dobrou uma das ruelas, e agora, e agora, o grande momento se aproximava, pois agora ela afrouxou, abriu a bolsa, e com um olhar na direção dele, mas não para ele, um olhar que se despedia, resumia toda a situação e a descartava triunfantemente, para sempre, colocou a chave, abriu a porta e foi embora! A voz de Clarissa dizendo: Lembre-se da minha festa, Lembre-se da minha festa, cantava em seus ouvidos. A casa era uma daquelas casas vermelhas e planas com cestos de flores pendurados de uma vaga impropriedade. Acabou.

Bem, eu me diverti; Já chega, pensou ele, olhando para os cestos balançando de gerânios claros. E foi reduzido a átomos - diversão dele, pois estava meio inventado, como ele sabia muito bem; inventou essa escapada com a garota;

inventado, como se inventa a melhor parte da vida, pensou ele — inventando-se; inventando ela; criando uma diversão requintada e algo mais. Mas era estranho e era verdade; tudo isso nunca se poderia compartilhar - foi reduzido a átomos.

Ele se virou; Subimos a rua, pensando em encontrar um lugar para sentar, até a hora do Lincoln's Inn - para os Srs. Hooper e Grateley. Para onde ele deveria ir? Não importa. Subindo a rua, então, em direção ao Regent's Park. Suas botas na calçada soaram "não importa"; pois era cedo, ainda muito cedo.

Foi uma manhã esplêndida também. Como a pulsação de um coração perfeito, a vida atingiu as ruas. Não houve nenhuma hesitação - nenhuma hesitação. Varrendo e desviando, com precisão, pontualidade, sem ruído, ali, precisamente no instante certo, o automóvel parou na porta. A garota, com meias de seda, emplumadas, evanescente, mas não particularmente atraente para ele (pois ele teve uma aventura), desceu. Mordomos admiráveis, cães chow fulvos, salões forrados de losangos pretos e brancos com persianas brancas esvoaçantes, Peter viu através da porta aberta e aprovou. Afinal, Londres é uma conquista esplêndida à sua maneira; a temporada; civilização. Vindo de uma respeitável família anglo-indiana que durante pelo menos três gerações administrou os assuntos de um continente (é estranho, pensou ele, o sentimento que tenho sobre isso, não gostando da Índia, do império e do exército como ele gostava), houve momentos em que a civilização, mesmo deste tipo, lhe parecia cara como um bem pessoal; momentos de orgulho na Inglaterra; em mordomos; cães de comida; meninas em sua segurança. Ridículo, ainda está aí, pensou ele. E os médicos, os homens de negócios e as mulheres capazes, todos cuidando de seus negócios, pontuais, atentos, robustos, pareciam-lhe totalmente admiráveis, bons camaradas, a quem se

confiaria a vida, companheiros na arte de viver, que nos ajudariam. Com uma coisa e outra, o show foi realmente muito tolerável; e ele se sentava na sombra e fumava.

Havia o Regent's Park. Sim. Quando criança, ele caminhava pelo Regent's Park - estranho, pensou ele, como o pensamento da infância continua voltando à minha mente - o resultado de ter visto Clarissa, talvez; pois as mulheres vivem muito mais no passado do que nós, pensou ele. Eles se ligam aos lugares; e seus pais - uma mulher sempre se orgulha de seu pai. Bourton era um lugar agradável, um lugar muito agradável, mas eu nunca conseguiria me dar bem com o velho, pensou ele. Certa noite houve uma cena e tanto - uma discussão sobre uma coisa ou outra, o quê, ele não conseguia se lembrar. Política, presumivelmente.

Sim, ele se lembrava do Regent's Park; a caminhada longa e reta; a casinha onde se compravam bolas de ar à esquerda; uma estátua absurda com uma inscrição em algum lugar ou outro. Ele procurou um lugar vazio. Ele não queria ser incomodado (sentindo-se um pouco sonolento) por pessoas que lhe perguntassem as horas. Uma enfermeira idosa e grisalha, com um bebê dormindo no carrinho — isso era o melhor que ele podia fazer por si mesmo; sente-se na extremidade do assento ao lado daquela enfermeira.

Ela é uma garota de aparência estranha, pensou ele, lembrando-se de repente de Elizabeth quando ela entrou na sala e ficou ao lado da mãe. Cresceu grande; bastante adulto, não exatamente bonito; bastante bonito; e ela não pode ter mais de dezoito anos. Provavelmente ela não se dá bem com Clarissa. “Aí está a minha Elizabeth” - esse tipo de coisa - por que não simplesmente “Aqui está a Elizabeth”? - tentando entender, como a maioria das mães, que as coisas são o que não são. Ela confia demais em seu charme,

pensou ele. Ela exagera.

A rica e benigna fumaça do charuto descia friamente por sua garganta; ele soprou-o novamente em anéis que balançaram o ar corajosamente por um momento; azul, circular (vou tentar conversar a sós com Elizabeth esta noite, pensou ele), depois começou a oscilar em forma de ampulheta e a diminuir; Eles assumem formas estranhas, pensou ele. De repente, ele fechou os olhos, ergueu a mão com esforço e jogou fora a ponta pesada do charuto. Um grande pincel varreu suavemente sua mente, varrendo galhos em movimento, vozes de crianças, o arrastar de pés e pessoas passando, e o zumbido do tráfego, o tráfego subindo e descendo. Para baixo, para baixo, ele afundou nas plumas e penas do sono, afundou e foi abafado.

* * * * *

A enfermeira cinzenta retomou o tricô enquanto Peter Walsh, sentado ao lado dela, começava a roncar. Em seu vestido cinza, movendo as mãos incansavelmente, mas silenciosamente, ela parecia a campeã dos direitos dos adormecidos, uma daquelas presenças espectrais que surgem no crepúsculo em bosques feitos de céu e galhos. O viajante solitário, assombrador de caminhos, perturbador de samambaias e devastador de grandes plantas de cicuta, olhando para cima, vê de repente a figura gigante no final do passeio.

Por convicção, um ateu talvez, é pego de surpresa por momentos de extraordinária exaltação. Nada existe fora de nós, exceto um estado de espírito, pensa ele; um desejo de consolo, de alívio, de algo além desses miseráveis pigmeus, desses homens e mulheres fracos, feios e covardes. Mas se ele pode concebê-la, então de alguma forma ela existe, ele pensa, e avançando pelo caminho com os olhos voltados para o céu e os galhos ele rapidamente os dota de feminilidade; vê com espanto quão graves eles se

tornam; quão majestosamente, à medida que a brisa os agita, eles dispensam com um escuro bater de folhas a caridade, a compreensão, a absolvição, e então, lançando-se subitamente para o alto, confundem a piedade de seu aspecto com uma farra selvagem.

Tais são as visões que oferecem ao viajante solitário grandes cornucópias cheias de frutas, ou murmuram em seus ouvidos como sirenes balançando nas ondas verdes do mar, ou se projetam em seu rosto como ramos de rosas, ou sobem à superfície como rostos pálidos que os pescadores se debatem nas enchentes para abraçar.

Tais são as visões que flutuam incessantemente, andam ao lado, colocam seus rostos na frente da coisa real; muitas vezes dominando o viajante solitário e tirando-lhe o sentido da terra, o desejo de voltar, e dando-lhe em substituição uma paz geral, como se (assim pensa ele enquanto avança pelo passeio na floresta) toda esta febre de viver fosse a própria simplicidade; e miríades de coisas fundidas numa só; e esta figura, feita de céu e galhos como é, surgiu do mar agitado (ele é idoso, já passou dos cinquenta anos) como uma forma poderia ser sugada das ondas para derramar de suas mãos magníficas compaixão, compreensão, absolvição. Então, ele pensa, que eu nunca mais volte para a luz do lampião; para a sala de estar; nunca termino meu livro; nunca apague meu cachimbo; nunca ligue para a Sra. Turner ir embora; em vez disso, deixe-me caminhar direto para esta grande figura, que, com um movimento de cabeça, me montará em suas serpentinas e me deixará explodir até o nada com o resto.

Essas são as visões. O viajante solitário logo ultrapassa a floresta; e ali, chegando à porta com os olhos sombreados, possivelmente para esperar seu retorno, com as mãos levantadas, com o avental branco soprando, está uma

senhora idosa que parece (tão poderosa é esta enfermidade) procurar, sobre um deserto, um filho perdido; procurar um cavaleiro destruído; ser a figura da mãe cujos filhos foram mortos nas batalhas do mundo. Assim, à medida que o viajante solitário avança pela rua da aldeia, onde as mulheres tricotam e os homens cavam no jardim, a noite parece ameaçadora; os números ainda; como se algum destino augusto, conhecido por eles, aguardado sem medo, estivesse prestes a levá-los à completa aniquilação.

Dentro de casa, entre coisas comuns, o armário, a mesa, o parapeito da janela com os seus gerânios, de repente o contorno da senhoria, curvando-se para tirar a toalha, torna-se suave de luz, um emblema adorável que só a recordação dos frios contactos humanos nos proíbe de abraçar. Ela pega a marmelada; ela o fecha no armário.

“Não há mais nada esta noite, senhor?”

Mas a quem responde o viajante solitário?

* * * * *

Assim, a enfermeira idosa tricotou sobre o bebê adormecido em Regent's Park. Então Peter Walsh roncou.

Ele acordou de forma extremamente repentina, dizendo para si mesmo: “A morte da alma”.

“Senhor, Senhor!” ele disse para si mesmo em voz alta, espreguiçando-se e abrindo os olhos. “A morte da alma.” As palavras ligavam-se a alguma cena, a algum quarto, a algum passado com o qual ele sonhava. Ficou mais claro; a cena, o quarto, o passado com o qual ele sonhava.

Foi em Bourton naquele verão, no início dos anos 90, quando ele estava apaixonadamente apaixonado por Clarissa. Havia muita gente ali, rindo e conversando, sentada em volta de uma mesa depois do chá e a sala estava banhada por uma luz amarela e cheia de fumaça de cigarro. Falavam de um homem que se casara com a empregada, um dos escudeiros vizinhos, tinha esquecido o nome. Ele se casou com sua empregada e ela foi levada a Bourton para visitá-la - foi uma visita horrível. Ela estava absurdamente vestida, "como uma cacatua", Clarissa dissera, imitando-a, e não parava de falar. Ela continuou e continuou. Clarissa a imitou. Então alguém disse - foi Sally Seton - fazia alguma diferença real para os sentimentos de alguém saber que antes de se casarem ela teve um filho? (Naquela época, em companhia mista, era uma coisa ousada de se dizer.) Ele podia ver Clarissa agora, ficando rosada; de alguma forma contratando; e dizendo: "Oh, nunca mais poderei falar com ela!" Ao que todo o grupo sentado em volta da mesa de chá pareceu vacilar. Foi muito desconfortável.

Ele não a culpava por se importar com o fato, já que naquela época uma garota criada como ela era não sabia de nada, mas eram seus modos que o irritavam; tímido; duro; algo arrogante; sem imaginação; pudico. "A morte da alma." Ele disse isso instintivamente, marcando o momento como costumava fazer: a morte de sua alma.

Todos cambalearam; cada um pareceu se curvar enquanto ela falava e depois se levantar de maneira diferente. Ele podia ver Sally Seton, como uma criança fazendo travessuras, inclinada para a frente, bastante corada, querendo conversar, mas com medo, e Clarissa assustava as pessoas. (Ela era a maior amiga de Clarissa, sempre presente, totalmente diferente dela, uma criatura atraente, bonita, morena, com fama naqueles tempos de grande ousadia e ele costumava lhe dar charutos, que ela fumava em seu quarto. Ela

ou estava noiva de alguém ou brigava com a família e o velho Parry não gostava de ambos igualmente, o que era um grande vínculo.) Então Clarissa, ainda com ar de ofendida por todos, levantou-se, deu uma desculpa e foi embora, sozinha. Quando ela abriu a porta, entrou aquele cachorro grande e peludo que corria atrás de ovelhas. Ela se lançou sobre ele e entrou em êxtase. Era como se ela dissesse a Peter - tudo era dirigido a ele, ele sabia - "Eu sei que você me achou um absurdo em relação àquela mulher agora há pouco; mas veja como sou extraordinariamente simpática; veja como eu amo meu Rob!"

Eles sempre tiveram esse estranho poder de se comunicar sem palavras. Ela soube diretamente que ele a criticava. Então ela fazia algo bastante óbvio para se defender, como aquela confusão com o cachorro — mas isso nunca o pegou, ele sempre via através de Clarissa. Não que ele tenha dito alguma coisa, é claro; apenas fiquei sentado, parecendo taciturno. Era assim que muitas vezes começavam suas brigas.

Ela fechou a porta. Imediatamente ele ficou extremamente deprimido. Tudo parecia inútil - continuar apaixonado; continuando brigando; continuava inventando, e ele vagou sozinho, entre dependências e estábulos, olhando os cavalos. (O lugar era bastante humilde; os Parry nunca foram muito abastados; mas sempre havia cavaleiros e cavaleiros por perto - Clarissa adorava cavalgar - e um velho cocheiro - qual era o nome dele?

Foi uma noite horrível! Ele ficou cada vez mais sombrio, não só por causa disso; sobre tudo. E ele não conseguia vê-la; não consegui explicar para ela; não poderia revelar. Sempre havia gente por perto - ela continuava como se nada tivesse acontecido. Essa era a parte diabólica dela - essa frieza, essa rigidez, algo muito profundo nela, que ele havia sentido novamente esta

manhã ao conversar com ela; uma impenetrabilidade. No entanto, Deus sabe que ele a amava. Ela tinha um estranho poder de mexer com os nervos, de transformar os nervos em cordas de violino, sim.

Ele havia entrado para jantar um pouco tarde, por alguma ideia idiota de se fazer sentir, e sentou-se ao lado da velha Srta. Parry - tia Helena - do Sr. A irmã de Parry, que deveria presidir. Lá estava ela sentada, com seu xale de caxemira branco, com a cabeça apoiada na janela - uma senhora formidável, mas gentil com ele, pois ele havia encontrado para ela uma flor rara, e ela era uma grande botânica, marchando com botas grossas e uma caixa preta de coleta pendurada entre os ombros. Ele sentou-se ao lado dela e não conseguiu falar. Tudo parecia passar por ele; ele apenas ficou lá sentado, comendo. E então, no meio do jantar, ele se obrigou a olhar para Clarissa pela primeira vez. Ela estava conversando com um jovem à sua direita. Ele teve uma revelação repentina. "Ela vai se casar com aquele homem", disse ele para si mesmo. Ele nem sabia o nome dele.

Pois é claro que foi naquela tarde, naquela mesma tarde, que Dalloway apareceu; e Clarissa o chamava de "Wickham"; esse foi o começo de tudo. Alguém o trouxe; e Clarissa errou o nome. Ela o apresentou a todos como Wickham. Por fim, ele disse: "Meu nome é Dalloway!" - essa foi a primeira vez que viu Richard - um jovem louro, um tanto desajeitado, sentado em uma cadeira de praia e deixando escapar: "Meu nome é Dalloway!" Sally conseguiu; sempre depois disso ela o chamava de "Meu nome é Dalloway!"

Ele era vítima de revelações naquela época. Esta - que ela se casaria com Dalloway - era cegante - avassaladora no momento. Havia uma espécie de... como ele poderia dizer?... uma espécie de tranquilidade nos modos dela para com ele; algo maternal; algo gentil. Eles estavam conversando sobre política.

Durante todo o jantar ele tentou ouvir o que diziam.

Depois, lembrou-se de ter ficado ao lado da cadeira da velha Srta. Parry, na sala de estar. Clarissa apareceu, com seus modos perfeitos, como uma verdadeira anfitriã, e quis apresentá-lo a alguém - falou como se nunca tivessem se conhecido antes, o que o enfureceu. No entanto, mesmo assim ele a admirava por isso. Ele admirou a coragem dela; seu instinto social; ele admirava o poder dela de levar as coisas adiante. "A anfitriã perfeita", ele disse a ela, e ela estremeceu. Mas ele queria que ela sentisse isso. Ele teria feito qualquer coisa para machucá-la depois de vê-la com Dalloway. Então ela o deixou. E ele teve a sensação de que todos estavam reunidos em uma conspiração contra ele - rindo e conversando - pelas suas costas. Lá estava ele, ao lado da cadeira da Srta. Parry, como se tivesse sido esculpido em madeira, falando sobre flores silvestres. Nunca, nunca ele sofreu tão infernalmente! Ele deve ter esquecido até de fingir que ouvia; finalmente ele acordou; ele viu Miss Parry parecendo bastante perturbada, bastante indignada, com os olhos proeminentes fixos. Ele quase gritou que não poderia comparecer porque estava no Inferno! As pessoas começaram a sair da sala. Ele os ouviu conversando sobre buscar capas; sobre estar frio na água e assim por diante. Eles iriam passear de barco no lago ao luar - uma das ideias malucas de Sally. Ele podia ouvi-la descrevendo a lua. E todos saíram. Ele foi deixado sozinho.

"Você não quer ir com eles?" - disse tia Helena - a velha senhorita Parry! - ela havia adivinhado. E ele se virou e lá estava Clarissa novamente. Ela havia voltado para buscá-lo. Ele foi dominado pela generosidade dela - pela sua bondade.

"Venha", ela disse. "Eles estão esperando."

Ele nunca se sentiu tão feliz em toda a sua vida! Sem uma palavra, eles inventaram. Eles caminharam até o lago. Ele teve vinte minutos de felicidade perfeita. A sua voz, o seu riso, o seu vestido (algo flutuante, branco, carmesim), o seu espírito, o seu espírito aventureiro; ela fez com que todos desembarcassem e explorassem a ilha; ela assustou uma galinha; ela riu; ela cantou. E o tempo todo, ele sabia perfeitamente, Dalloway estava se apaixonando por ela; ela estava se apaixonando por Dalloway; mas isso não parecia importar. Nada importava. Sentaram-se no chão e conversaram - ele e Clarissa. Eles entravam e saíam da mente um do outro sem nenhum esforço. E então, em um segundo, tudo acabou. Ele disse para si mesmo enquanto entravam no barco: “Ela vai se casar com aquele homem”, estupidamente, sem qualquer ressentimento; mas era uma coisa óbvia. Dalloway se casaria com Clarissa.

Dalloway os conduziu a remo. Ele não disse nada. Mas, de alguma forma, enquanto o observavam começar, subindo na bicicleta para pedalar trinta quilômetros pela floresta, cambaleando pela estrada, acenando com a mão e desaparecendo, ele obviamente sentiu, instintivamente, tremendamente, fortemente, tudo isso; a noite; o romance; Clarissa. Ele merecia tê-la.

Para si mesmo, ele era um absurdo. Suas exigências para Clarissa (ele podia perceber agora) eram absurdas. Ele pediu coisas impossíveis. Ele fez cenas terríveis. Ela ainda o teria aceitado, talvez, se ele tivesse sido menos absurdo. Sally pensava assim. Ela escreveu-lhe cartas durante todo aquele verão; como eles falaram dele; como ela o elogiou, como Clarissa começou a chorar! Foi um verão extraordinário - cheio de cartas, cenas, telegramas -, chegando a Bourton de manhã cedo e esperando até os criados acordarem; terríveis encontros tête-à-têtes com o velho Sr. Parry no café da manhã; Tia Helena formidável, mas gentil; Sally levando-o para conversar na horta;

Clarissa na cama com dores de cabeça.

A cena final, a terrível cena que ele acreditava ter sido mais importante do que qualquer outra coisa em toda a sua vida (pode ser um exagero, mas ainda assim parecia agora), aconteceu às três horas da tarde de um dia muito quente. O que levou a isso foi uma bagatela: Sally, no almoço, disse algo sobre Dalloway e o chamou de "Meu nome é Dalloway"; então Clarissa de repente enrijeceu, enrubesceu, de um jeito que já havia feito, e bateu bruscamente: "Já estamos fartos dessa piada fraca". Isso foi tudo; mas para ele foi exatamente como se ela tivesse dito: "Estou apenas me divertindo com você; tenho um entendimento com Richard Dalloway". Então ele pegou. Ele não dormia há noites. "Tem que ser terminado de uma forma ou de outra", disse ele para si mesmo. Ele enviou um bilhete de Sally para ela pedindo que ela o encontrasse perto da fonte às três. "Algo muito importante aconteceu", ele rabiscou no final.

A fonte ficava no meio de um pequeno arbusto, longe da casa, com arbustos e árvores ao redor. Lá veio ela, antes mesmo da hora, e eles ficaram com a fonte entre eles, a bica (estava quebrada) pingando água sem parar. Como as visões se fixam na mente! Por exemplo, o musgo verde vivo.

Ela não se mexeu. "Diga-me a verdade, diga-me a verdade", ele continuou dizendo. Ele sentiu como se sua testa fosse explodir. Ela parecia contraída, petrificada. Ela não se mexeu. "Diga-me a verdade", repetiu ele, quando de repente aquele velho Breitkopf apareceu com a cabeça carregando o Times; olhou para eles; ficou boquiaberto; e foi embora. Nenhum deles se moveu. "Diga-me a verdade", ele repetiu. Ele sentiu que estava se esfregando em algo fisicamente duro; ela era inflexível. Ela era como ferro, como pedra, rígida até a espinha dorsal. E quando ela disse: "Não adianta. Não adianta.

Este é o fim" - depois de ele ter falado por horas, ao que parecia, com lágrimas escorrendo pelo rosto - foi como se ela tivesse lhe dado um soco no rosto. Ela se virou, ela o deixou, foi embora.

"Clarissa!" ele gritou. "Clarissa!" Mas ela nunca mais voltou. Acabou. Ele foi embora naquela noite. Ele nunca mais a viu.

* * * * *

Foi horrível, ele chorou, horrível, horrível!

Mesmo assim, o sol estava quente. Ainda assim, superamos as coisas. Mesmo assim, a vida tinha um jeito de acrescentar dia a dia. Mesmo assim, pensou ele, bocejando e começando a notar — Regent's Park mudara muito pouco desde que ele era menino, com exceção dos esquilos — ainda assim, presumivelmente havia compensações — quando a pequena Elise Mitchell, que estava catando pedrinhas para adicionar à coleção de pedrinhas que ela e o irmão estavam fazendo sobre a lareira do berçário, colocou seu punhado no joelho da enfermeira e saiu correndo novamente, caindo nas pernas de uma senhora. Peter Walsh riu.

Mas Lucrezia Warren Smith estava dizendo para si mesma: É perverso; por que eu deveria sofrer? ela estava perguntando, enquanto caminhava pelo caminho largo. Não; Não aguento mais, dizia ela, tendo deixado Septimus, que já não era Septimus, para dizer coisas duras, cruéis, perversas, para falar consigo mesmo, para falar com um homem morto, ali naquele banco; quando a criança correu contra ela, caiu no chão e começou a chorar.

Isso foi bastante reconfortante. Ela a levantou, tirou o pó do vestido e a beijou.

Mas por si mesma ela não fez nada de errado; ela amara Sétimo; ela estava feliz; ela tinha uma linda casa, e lá suas irmãs ainda moravam, fazendo chapéus. Por que ela deveria sofrer?

A criança correu de volta para a babá, e Rezia a viu ser repreendida, confortada, levada pelos braços da babá que largou o tricô, e o homem de aparência gentil deu-lhe seu relógio para que ela abrisse e a confortasse - mas por que ela deveria ser exposta? Por que não saiu em Milão? Por que torturado? Por que?

Levemente agitado pelas lágrimas o largo caminho, a enfermeira, o homem de cinza, o carrinho de bebê, subiam e desciam diante de seus olhos. Ser abalada por esse torturador maligno era o seu destino. Mas por que? Ela era como um pássaro abrigado sob a fina cavidade de uma folha, que pisca para o sol quando a folha se move; começa na quebra de um galho seco. Ela foi exposta; ela estava cercada pelas enormes árvores, vastas nuvens de um mundo indiferente, expostas; torturado; e por que ela deveria sofrer? Por que?

Ela franziu a testa; ela bateu o pé. Ela deveria voltar para Septimus, já que estava quase na hora de ir para Sir William Bradshaw. Ela deveria voltar e contar a ele, voltar para ele sentado ali na cadeira verde debaixo da árvore, falando sozinho, ou para aquele homem morto, Evans, que ela só tinha visto uma vez na loja. Ele parecia um homem bom e quieto; um grande amigo de Septimus, e ele foi morto na guerra. Mas essas coisas acontecem com todos. Todo mundo tem amigos que foram mortos na guerra. Cada um desiste de algo quando se casa. Ela havia desistido de sua casa. Ela veio morar aqui, nesta cidade horrível. Mas Septimus permitiu-se pensar em coisas horríveis, como ela também poderia fazer, se tentasse. Ele havia ficado cada vez mais estranho. Ele disse que as pessoas estavam conversando atrás das paredes

do quarto. A Sra. Filmer achou estranho. Ele também viu coisas - tinha visto a cabeça de uma velha no meio de uma samambaia. No entanto, ele poderia ser feliz quando quisesse. Eles foram para Hampton Court em cima de um ônibus e ficaram perfeitamente felizes. Todas as florzinhas vermelhas e amarelas estavam espalhadas pela grama, como lâmpadas flutuantes, ele disse, e conversavam, tagarelavam e riam, inventando histórias. De repente, ele disse: "Agora vamos nos matar", quando eles estavam à beira do rio, e ele olhou para o rio com uma expressão que ela vira em seus olhos quando um trem ou um ônibus passava - uma expressão como se algo o fascinasse; e ela sentiu que ele estava se afastando dela e o pegou pelo braço. Mas ao voltar para casa ele estava perfeitamente quieto - perfeitamente razoável. Ele discutiria com ela sobre se matar; e explicar como as pessoas eram más; como ele podia vê-los inventando mentiras enquanto passavam na rua. Ele conhecia todos os seus pensamentos, disse ele; ele sabia tudo. Ele conhecia o significado do mundo, disse ele.

05. O passeio de Peter

Bloco de leitura 5 da edição Literunico; a obra original não possui capítulos formais.

Depois, quando voltaram, ele mal conseguia andar. Ele deitou-se no sofá e fez com que ela segurasse sua mão para evitar que ele caísse, caísse, gritou, nas chamadas! e vi rostos rindo dele, chamando-o de nomes horríveis e nojentos, das paredes, e mãos apontando em volta da tela. No entanto, eles estavam completamente sozinhos. Mas ele começou a falar alto, respondendo as pessoas, discutindo, rindo, chorando, ficando muito emocionado e fazendo ela anotar as coisas. Era um disparate perfeito; sobre a morte; sobre a senhorita Isabel Pole. Ela não aguentava mais. Ela voltaria.

Ela estava perto dele agora, podia vê-lo olhando para o céu, murmurando, apertando as mãos. Mesmo assim, o Dr. Holmes disse que não havia nada de errado com ele. O que então aconteceu - por que ele foi embora, então, por que, quando ela se sentou ao lado dele, ele se assustou, franziu a testa para ela, se afastou e apontou para a mão dela, pegou a mão dela, olhou para ela aterrorizado?

Será que ela havia tirado a aliança de casamento? “Minha mão ficou tão fina”, disse ela. “Eu coloquei na minha bolsa”, ela disse a ele.

Ele largou a mão dela. O casamento deles havia acabado, pensou ele, com agonia, com alívio. A corda foi cortada; ele montou; ele era livre, pois foi decretado que ele, Septimus, o senhor dos homens, deveria ser livre; sozinho (já que sua esposa havia jogado fora a aliança de casamento; desde que ela o havia abandonado), ele, Septimus, estava sozinho, convocado antes da massa de homens para ouvir a verdade, para aprender o significado, que agora finalmente, depois de todas as labutas da civilização - gregos, romanos,

Shakespeare, Darwin, e agora ele mesmo - deveria ser dado inteiro a... “A quem?” ele perguntou em voz alta. “Ao primeiro-ministro”, responderam as vozes que farfalhavam acima de sua cabeça. O segredo supremo deve ser contado ao Gabinete; primeiro, que as árvores estão vivas; em seguida não há crime; próximo amor, amor universal, ele murmurou, ofegante, trêmulo, extraíndo dolorosamente essas verdades profundas que precisavam, tão profundas eram, tão difíceis, de um imenso esforço para falar, mas o mundo foi inteiramente mudado por elas para sempre.

Nenhum crime; amor; ele repetiu, procurando seu cartão e lápis, quando um Skye terrier rasgou suas calças e ele se assustou com uma agonia de medo. Estava se transformando em um homem! Ele não podia ver isso acontecer! Foi horrível, terrível ver um cachorro virar homem! Imediatamente o cachorro saiu trotando.

O céu era divinamente misericordioso, infinitamente benigno. Isso o poupou, perdoou sua fraqueza. Mas qual foi a explicação científica (pois é preciso ser científico acima de todas as coisas)? Por que ele poderia ver através dos corpos, ver o futuro, quando os cães se tornariam homens? Presumivelmente, foi a onda de calor, operando sobre um cérebro tornado sensível por eras de evolução. Cientificamente falando, a carne do mundo foi derretida. Seu corpo foi macerado até restarem apenas as fibras nervosas. Estava espalhado como um véu sobre uma rocha.

Ele recostou-se na cadeira, exausto, mas firme. Ele ficou descansando, esperando, antes de interpretar novamente, com esforço, com agonia, para a humanidade. Ele estava deitado muito alto, nas costas do mundo. A terra estremeceu abaixo dele. Flores vermelhas cresceram em sua carne; suas folhas duras farfalhavam perto de sua cabeça. A música começou a ressoar

nas rochas daqui. É uma buzina na rua, ele murmurou; mas aqui em cima ele disparou de pedra em pedra, dividiu-se, encontrou-se em choques de som que se ergueram em colunas suaves (que a música deveria ser visível foi uma descoberta) e se tornou um hino, um hino entrelaçado agora pela flauta de um pastor (É um velho tocando um apito perto da taverna, ele murmurou) que, enquanto o menino ficava parado, veio borbulhando de seu cachimbo, e então, enquanto ele subia mais alto, fez seu lamento requintado enquanto o tráfego passava por baixo. A elegia deste menino é tocada no meio do trânsito, pensou Septimus. Agora ele se retira para a neve, e há rosas penduradas ao seu redor - as grossas rosas vermelhas que crescem na parede do meu quarto, ele lembrou a si mesmo. A música parou. Ele tem seu dinheiro, raciocinou e foi para o próximo bar.

Mas ele próprio permaneceu no alto de sua rocha, como um marinheiro afogado em uma rocha. Inclinei-me na beirada do barco e caí, pensou ele. Eu fui para o fundo do mar. Estive morto e agora estou vivo, mas deixe-me descansar; ele implorou (ele estava falando sozinho de novo - era horrível, horrível!); e assim como, antes de acordar, as vozes dos pássaros e o som das rodas repicam e tagarelam numa estranha harmonia, tornam-se cada vez mais altos e o dorminhoco sente-se atraído para as praias da vida, assim ele se sentiu atraído para a vida, o sol ficando mais quente, os gritos soando mais altos, algo tremendo prestes a acontecer.

Ele só precisou abrir os olhos; mas um peso estava sobre eles; um medo. Ele se esforçou; ele empurrou; ele olhou; ele viu Regent's Park diante dele. Longas faixas de luz solar bajulavam seus pés. As árvores acenaram, brandiram. Sejam bem-vindos, o mundo parecia dizer; nós aceitamos; nós criamos. Beleza, o mundo parecia dizer. E como que para provar isso (cientificamente), onde quer que olhasse para as casas, para as grades, para

os antílopes estendendo-se sobre as paliçadas, a beleza brotava instantaneamente. Observar uma folha tremendo na correnteza do ar era uma alegria extraordinária. No céu, andorinhas mergulhando, desviando, lançando-se para dentro e para fora, girando e girando, mas sempre com controle perfeito, como se elásticos as segurassem; e as moscas subindo e descendo; e o sol manchando ora esta folha, ora aquela, em zombaria, ofuscando-a com ouro macio em puro bom humor; e de vez em quando algum toque (pode ser uma buzina de motor) tilintando divinamente nos talos de grama - tudo isso, por mais calmo e razoável que fosse, feito de coisas comuns como era, era a verdade agora; beleza, essa era a verdade agora. A beleza estava em toda parte.

“Chegou a hora”, disse Rezia.

A palavra “tempo” partiu sua casca; derramou suas riquezas sobre ele; e de seus lábios caíram como conchas, como aparas de um avião, sem que ele as fizesse, palavras duras, brancas, imperecíveis, e voaram para se fixarem em seus lugares numa ode ao Tempo; uma ode imortal ao Tempo. Ele cantou. Evans respondeu atrás da árvore. Os mortos estavam na Tessália, cantou Evans, entre as orquídeas. Lá eles esperaram até que a guerra terminasse, e agora os mortos, agora o próprio Evans...

“Pelo amor de Deus, não venha!” Sétimo gritou. Pois ele não podia olhar para os mortos.

Mas os galhos se separaram. Um homem de cinza estava caminhando em direção a eles. Foi Evans! Mas não havia lama nele; sem feridas; ele não foi mudado. Devo contar ao mundo inteiro, gritou Septimus, erguendo a mão (quando o homem morto de terno cinza se aproximava), erguendo a mão como uma figura colossal que lamentou o destino do homem durante séculos

no deserto, sozinho, com as mãos pressionadas na testa, rugas de desespero nas bochechas, e agora vê uma luz na borda do deserto que se alarga e atinge a figura negra como ferro (e Septimus meio se levantou da cadeira), e com legiões de homens prostrados atrás dele ele, o gigante enlutado, recebe por um momento em seu rosto o todo -

“Mas estou tão infeliz, Septimus”, disse Rezia tentando fazê-lo sentar-se.

Os milhões lamentaram; por muito tempo eles ficaram tristes. Ele se viraria, contaria a eles em alguns momentos, apenas mais alguns momentos, desse alívio, dessa alegria, dessa revelação surpreendente -

“A hora, Septimus”, repetiu Rezia. “Que horas são?”

Ele estava falando, estava começando, esse homem deve notá-lo. Ele estava olhando para eles.

“Eu lhe direi a hora”, disse Septimus, muito lentamente, muito sonolento, sorrindo misteriosamente. Enquanto ele sorria para o homem morto de terno cinza, soaram um quarto — quinze para o meio-dia.

E isso é ser jovem, pensou Peter Walsh ao passar por eles. Estar tendo uma cena horrível - a pobre garota parecia absolutamente desesperada - no meio da manhã. Mas o que teria acontecido, ele se perguntou, o que o jovem de sobretudo estava dizendo para ela ficar assim; em que terrível situação eles se meteram, tanto para parecerem tão desesperados quanto naquela bela manhã de verão? O engraçado de voltar para a Inglaterra, depois de cinco anos, foi a forma como fez com que, de qualquer forma, nos primeiros dias as coisas se destacassem como se nunca as tivéssemos visto antes; amantes brigando debaixo de uma árvore; a vida familiar doméstica dos parques. Nunca tinha visto Londres parecer tão encantadora - a suavidade das

distâncias; a riqueza; o verde; a civilização, depois da Índia, pensou ele, passeando pela grama.

Essa suscetibilidade às impressões foi, sem dúvida, sua ruína. Ainda na idade dele ele tinha, como um menino ou até uma menina, essas alternâncias de humor; dias bons, dias ruins, sem motivo algum, felicidade de um rosto bonito, tristeza total ao ver um desmazelado. Depois da Índia, é claro que nos apaixonamos por todas as mulheres que conhecemos. Havia um frescor neles; mesmo os mais pobres vestiam-se melhor do que há cinco anos; e aos seus olhos a moda nunca foi tão apropriada; os longos mantos negros; a magreza; a elegância; e depois o hábito delicioso e aparentemente universal de pintar. Todas as mulheres, mesmo as mais respeitáveis, tinham rosas florescendo sob o vidro; lábios cortados com faca; cachos de tinta da China; havia design, arte, por toda parte; sem dúvida alguma mudança ocorreu. O que os jovens pensaram? Peter Walsh perguntou a si mesmo.

Aqueles cinco anos - 1918 a 1923 - tinham sido, suspeitava ele, de alguma forma muito importantes. As pessoas pareciam diferentes. Os jornais pareciam diferentes. Agora, por exemplo, havia um homem escrevendo abertamente em um dos semanários respeitáveis sobre sanitários. Isso você não poderia ter feito há dez anos - escrito abertamente sobre sanitários em um semanário respeitável. E então pegar um batom ou uma esponja de pó e fazer as pazes em público. A bordo do navio, voltando para casa, havia muitos rapazes e moças - Betty e Bertie, ele se lembrava em particular - agindo abertamente; a velha mãe sentada e observando-os tricotar, fria como um pepino. A garota ficava parada e empoava o nariz na frente de todos. E eles não estavam noivos; apenas se divertindo; nenhum sentimento fere de nenhum dos lados. Ela era dura como um prego... Betty, qual é o nome dela...; mas um bom tipo completo. Ela seria uma ótima esposa aos trinta

anos - ela se casaria quando lhe conviesse; casar com um homem rico e morar em uma casa grande perto de Manchester.

Quem foi agora quem fez isso? Peter Walsh perguntou a si mesmo, entrando em Broad Walk: casou-se com um homem rico e morava numa casa grande perto de Manchester? Alguém que recentemente lhe escreveu uma carta longa e entusiasmada sobre "hortênsias azuis". Foi ver hortênsias azuis que a fez pensar nele e nos velhos tempos - Sally Seton, é claro! Era Sally Seton - a última pessoa no mundo que se esperaria que se casasse com um homem rico e morasse numa casa grande perto de Manchester, a selvagem, a ousada e romântica Sally!

Mas de todo aquele grupo antigo, os amigos de Clarissa - Whitbreads, Kinderleys, Cunninghams, Kinloch-Jones's - Sally eram provavelmente os melhores. Ela tentou controlar as coisas pelo lado certo de qualquer maneira. De qualquer forma, ela viu através de Hugh Whitbread - o admirável Hugh - quando Clarissa e o resto estavam a seus pés.

"Os Pães Whit?" ele podia ouvi-la dizendo. "Quem são os Whitbreads? Comerciantes de carvão. Comerciantes respeitáveis."

Hugh ela detestava por algum motivo. Ele não pensava em nada além de sua própria aparência, disse ela. Ele deveria ter sido um duque. Ele certamente se casaria com uma das princesas reais. E é claro que Hugh tinha o respeito mais extraordinário, mais natural e mais sublime pela aristocracia britânica de qualquer ser humano que ele já conheceu. Até Clarissa tinha que admitir isso. Ah, mas ele era tão querido, tão altruísta, desistiu de atirar para agradar a velha mãe, lembrou-se dos aniversários das tias e assim por diante.

Sally, para fazer justiça a ela, percebeu tudo isso. Uma das coisas de que ele melhor se lembrava era uma discussão num domingo de manhã em Bourton sobre os direitos das mulheres (aquele tema antediluviano), quando Sally de repente perdeu a paciência, irritou-se e disse a Hugh que ele representava tudo o que havia de mais detestável na vida da classe média britânica. Ela disse-lhe que o considerava responsável pelo estado “daquelas pobres raparigas de Piccadilly” - Hugh, o cavalheiro perfeito, pobre Hugh! - nunca um homem pareceu mais horrorizado! Ela fez isso de propósito, disse depois (pois eles costumavam se reunir na horta e comparar anotações). “Ele não leu nada, não pensou nada, não sentiu nada”, ele podia ouvi-la dizer com aquela voz muito enfática que ia muito além do que ela imaginava. Os cavalariços tinham mais vida do que Hugh, disse ela. Ele era um exemplar perfeito do tipo de escola pública, disse ela. Nenhum país, exceto a Inglaterra, poderia tê-lo produzido. Ela era realmente rancorosa, por algum motivo; tinha algum rancor contra ele. Alguma coisa tinha acontecido — ele esqueceu o quê — na sala de fumantes. Ele a insultou... a beijou? Incrível! Ninguém acreditou em uma palavra contra Hugh, é claro. Quem poderia? Beijar Sally na sala de fumantes! Se tivesse sido alguma Honorável Edith ou Lady Violet, talvez; mas não aquela maltrapilha Sally sem um centavo no nome e com pai ou mãe jogando em Monte Carlo. Pois de todas as pessoas que conhecera, Hugh era o mais esnobe — o mais obsequioso — não, ele não se encolheu exactamente. Ele era muito pedante para isso. Um manobrista de primeira linha era a comparação óbvia - alguém que andava atrás carregando malas; poderia ser confiável para enviar telegramas - indispensável para anfitriãs. E ele encontrou seu emprego - casou-se com sua Honorável Evelyn; conseguiu um pequeno posto na corte, cuidou das adegas do rei, poliu as fivelas dos sapatos imperiais, andou por aí com calças até os joelhos e babados de renda. Como a vida é implacável! Um trabalhinho

na Corte!

Ele se casara com uma senhora, a honorável Evelyn, e eles moravam nas redondezas, assim pensava ele (olhando para as casas pomposas que davam para o parque), pois certa vez almoçara lá, numa casa que tinha, como todos os pertences de Hugh, algo que nenhuma outra casa poderia ter - armários de linho, talvez. Era preciso ir dar uma olhada neles — era preciso passar muito tempo sempre admirando o que quer que fosse — armários de roupa de cama, fronhas, móveis antigos de carvalho, quadros, que Hugh havia escolhido para uma canção antiga. Mas a Sra. Hugh às vezes revelava o espetáculo. Ela era uma daquelas pequenas mulheres obscuras, parecidas com ratos, que admiram homens grandes. Ela era quase insignificante. Então, de repente, ela dizia algo bastante inesperado - algo cortante. Ela talvez tivesse as relíquias da grandeza. O carvão a vapor era um pouco forte demais para ela - tornava a atmosfera espessa. E assim viviam lá, com os seus armários de linho e os seus velhos mestres e as suas fronhas com franjas de renda verdadeira, à razão de cinco ou dez mil por ano, presumivelmente, enquanto ele, que era dois anos mais velho que Hugh, procurava um emprego.

Aos cinquenta e três anos, ele teve que vir e pedir-lhes que o colocassem em algum escritório de secretária, que lhe arranjassem um emprego de porteiro ensinando latim a meninos, à disposição de algum mandarim em um escritório, algo que rendesse quinhentos por ano; pois se ele se casasse com Daisy, mesmo com a pensão, eles nunca conseguiriam viver com menos. Presumivelmente, Whitbread poderia fazer isso; ou Dalloway. Ele não se importou com o que perguntou a Dalloway. Ele era um tipo totalmente bom; um pouco limitado; um pouco grosso na cabeça; sim; mas um bom tipo completo. Tudo o que ele empreendeu, ele o fez da mesma maneira prática e

sensata; sem um toque de imaginação, sem uma centelha de brilho, mas com a inexplicável gentileza do seu tipo. Ele deveria ter sido um cavalheiro do campo - ele estava perdido em política. Ele se dava melhor ao ar livre, com cavalos e cachorros — como ele era bom, por exemplo, quando aquele cachorro grande e peludo de Clarissa foi pego em uma armadilha e teve a pata meio arrancada, e Clarissa desmaiou e Dalloway fez tudo; talas enfaixadas e feitas; disse a Clarissa para não ser tola. Talvez fosse por isso que ela gostava dele - era disso que ela precisava. "Agora, meu querido, não seja bobo. Segure isso - pegue aquilo", falando o tempo todo com o cachorro como se fosse um ser humano.

Mas como ela poderia engolir toda aquela coisa sobre poesia? Como ela poderia deixá-lo falar sobre Shakespeare? Sério e solenemente, Richard Dalloway levantou-se e disse que nenhum homem decente deveria ler os sonetos de Shakespeare porque era como ouvir pelo buraco da fechadura (além do relacionamento não ser aprovado por ele). Nenhum homem decente deveria permitir que sua esposa visitasse a irmã de uma esposa falecida. Incrível! A única coisa a fazer era atirar nele amêndoas açucaradas - isso foi no jantar. Mas Clarissa absorveu tudo; achei isso muito honesto da parte dele; tão independente dele; Só Deus sabe se ela não o considerava a mente mais original que já conheceu!

Esse era um dos laços entre Sally e ele. Havia um jardim onde eles costumavam passear, um lugar murado, com roseiras e couves-flores gigantescas - ele se lembrava de Sally arrancando uma rosa, parando para exclamar a beleza das folhas de repolho ao luar (era extraordinário como tudo isso lhe lembrava vividamente, coisas nas quais ele não pensava há anos), enquanto ela lhe implorava, meio rindo, é claro, que levasse Clarissa embora, que a salvasse dos Hugh, dos Dalloway e de todos os outros.

“cavalheiros perfeitos” que iriam “sufocar sua alma” (ela escrevia toneladas de poesia naquela época), fazer dela uma mera anfitriã, encorajar seu mundanismo. Mas é preciso fazer justiça a Clarissa. Ela não iria se casar com Hugh de qualquer maneira. Ela tinha uma noção perfeitamente clara do que queria. Suas emoções estavam todas na superfície. No fundo, ela era muito astuta - uma avaliadora de caráter muito melhor do que Sally, por exemplo, e com tudo isso, puramente feminina; com aquele dom extraordinário, o dom daquela mulher, de criar um mundo próprio onde quer que ela estivesse. Ela entrou em uma sala; ela estava parada, como ele a via muitas vezes, em uma porta com muitas pessoas ao seu redor. Mas era de Clarissa que alguém se lembrava. Não que ela fosse impressionante; nada bonito; não havia nada de pitoresco nela; ela nunca disse nada especialmente inteligente; lá estava ela, entretanto; lá estava ela.

Não, não, não! Ele não estava mais apaixonado por ela! Ele só se sentiu, depois de vê-la naquela manhã, entre suas tesouras e sedas, preparando-se para a festa, incapaz de fugir do pensamento dela; ela ficava voltando e voltando como um dorminhoco se sacudindo contra ele em um vagão de trem; o que não era estar apaixonado, claro; era pensar nela, criticá-la, recomendar, depois de trinta anos, tentando explicá-la. A coisa óbvia a dizer sobre ela é que ela era mundana; preocupava-se demais com a posição e a sociedade e com a ascensão no mundo - o que era verdade em certo sentido; ela havia admitido isso para ele. (Você sempre poderia fazer com que ela confessasse se você se desse ao trabalho; ela era honesta.) O que ela dizia era que odiava desajeitados, estúpidos, fracassados, como ele, presumivelmente; achava que as pessoas não tinham o direito de ficar desleixadas com as mãos nos bolsos; deve fazer alguma coisa, ser alguma coisa; e essas grandes ondas, essas duquesas, essas velhas condessas que se

encontravam em sua sala de estar, por mais indescritivelmente distantes que ele as sentisse de qualquer coisa que tivesse a mínima importância, representavam algo real para ela. Lady Bexborough, ela disse uma vez, mantinha-se ereta (o mesmo fazia a própria Clarissa; ela nunca descansava em nenhum sentido da palavra; era ereta como um dardo, um pouco rígida na verdade). Ela disse que eles tinham uma espécie de coragem que quanto mais velha ela ficava, mais ela respeitava. Em tudo isso havia muito de Dalloway, é claro; grande parte do espírito público, do Império Britânico, da reforma tarifária, do espírito de classe governante, que cresceu nela, como tende a acontecer. Com o dobro da inteligência, ela tinha que ver as coisas através dos olhos dele - uma das tragédias da vida de casado. Com vontade própria, ela deveria estar sempre citando Richard — como se não fosse possível saber nem um pouco o que Richard pensava lendo o Morning Post de uma manhã! Essas festas, por exemplo, eram todas para ele, ou para a ideia que ela tinha dele (para fazer justiça a Richard, ele teria sido mais feliz cultivando em Norfolk). Ela fez da sua sala uma espécie de ponto de encontro; ela tinha um gênio para isso. Repetidas vezes ele a vira pegar um jovem cru, torcê-lo, transformá-lo, acordá-lo; mandá-lo embora. Um número infinito de pessoas chatas conglomerou-se ao seu redor, é claro. Mas pessoas estranhas e inesperadas apareceram; às vezes um artista; às vezes um escritor; peixe estranho naquela atmosfera. E por trás disso tudo estava aquela rede de visitar, de deixar cartões, de ser gentil com as pessoas; correr com ramos de flores, presentinhos; Fulano de Tal estava indo para a França - precisava de uma almofada de ar; um verdadeiro esgotamento de suas forças; todo aquele tráfego interminável que mulheres como ela mantêm; mas ela fez isso genuinamente, por instinto natural.

Por estranho que pareça, ela era uma das cétricas mais completas que ele já conhecera, e possivelmente (essa era uma teoria que ele costumava inventar para dar conta dela, tão transparente em alguns aspectos, tão inescrutável em outros), possivelmente ela disse para si mesma: Como somos uma raça condenada, acorrentada a um navio que está afundando (sua leitura favorita quando menina era Huxley e Tyndall, e eles gostavam dessas metáforas náuticas), como a coisa toda é uma piada de mau gosto, vamos, pelo menos de qualquer forma, façamos a nossa parte; mitigar os sofrimentos dos nossos companheiros de prisão (Huxley novamente); decore a masmorra com flores e almofadas de ar; sermos tão decentes quanto pudermos. Esses rufiões, os Deuses, não farão tudo à sua maneira - a ideia dela é que os Deuses, que nunca perderam a chance de ferir, frustrar e estragar vidas humanas, ficariam seriamente chateados se, mesmo assim, você se comportasse como uma dama. Essa fase veio logo após a morte de Sylvia - aquele caso horrível. Ver sua própria irmã morta pela queda de uma árvore (tudo culpa de Justin Parry - todo seu descuido) diante de seus olhos, uma garota também à beira da vida, a mais talentosa delas, Clarissa sempre dizia, era o suficiente para deixar alguém amargurado. Mais tarde, ela talvez não tenha sido tão positiva; ela pensava que não existiam deuses; ninguém era culpado; e assim ela desenvolveu esta religião ateia de fazer o bem pelo bem.

E é claro que ela aproveitou imensamente a vida. Era da sua natureza gostar (embora só Deus saiba que ela tinha as suas reservas; era um mero esboço, ele muitas vezes sentia, que mesmo ele, depois de todos estes anos, poderia fazer de Clarissa). De qualquer forma, não havia nela nenhuma amargura; nada daquele senso de virtude moral que é tão repulsivo nas boas mulheres. Ela gostou de praticamente tudo. Se você caminhasse com ela no Hyde Park, ora era um canteiro de tulipas, ora uma criança em um carrinho de bebê, ora

algum dramazinho absurdo que ela inventava no calor do momento. (Muito provavelmente, ela teria conversado com aqueles amantes, se os considerasse infelizes.) Ela tinha um senso de comédia que era realmente requintado, mas precisava de pessoas, sempre pessoas, para realçá-lo, com o resultado inevitável de desperdiçar seu tempo, almoçando, jantando, dando suas festas incessantes, falando bobagens, dizendo coisas que não queria dizer, embotando o limite de sua mente, perdendo sua discriminação. Lá ela se sentava à cabeceira da mesa, esforçando-se infinitamente com algum velho amortecedor que poderia ser útil para Dalloway - eles conheciam os chatos mais terríveis da Europa - ou entrava Elizabeth e tudo devia ceder a ela. Ela estava no ensino médio, no estágio inarticulado da última vez que ele apareceu, uma garota de olhos redondos e rosto pálido, sem nada da mãe, uma criatura silenciosa e impassível, que encarava tudo como algo natural, deixava a mãe fazer barulho com ela e depois dizia: “Posso ir agora?” como uma criança de quatro anos; indo embora, explicou Clarissa, com aquela mistura de diversão e orgulho que o próprio Dalloway parecia despertar nela, para jogar hóquei. E agora Elizabeth estava “fora”, provavelmente; achou-o um velho obtuso, riu dos amigos da mãe. Ah, bem, que assim seja. A compensação de envelhecer, pensou Peter Walsh, saindo do Regent’s Park e segurando o chapéu na mão, era simplesmente esta; que as paixões permanecem tão fortes como sempre, mas ganhamos - finalmente! - o poder que acrescenta o sabor supremo à existência - o poder de apoderar-se da experiência, de transformá-la, lentamente, na luz.

Foi uma confissão terrível (ele colocou o chapéu de novo), mas agora, aos cinquenta e três anos, quase não se precisava mais de gente. A própria vida, cada momento dela, cada gota dela, aqui, neste instante, agora, ao sol, no Regent’s Park, era suficiente. Demais, na verdade. Uma vida inteira era curta

demais para ser revelada, agora que se havia adquirido o poder, todo o sabor; extrair cada grama de prazer, cada nuance de significado; que ambos eram muito mais sólidos do que costumavam ser, muito menos pessoais. Era impossível que ele voltasse a sofrer como Clarissa o fizera sofrer. Durante horas seguidas (reze a Deus para que alguém possa dizer essas coisas sem ser ouvido!), durante horas e dias ele nunca pensou em Daisy.

Será que ele estava apaixonado por ela naquela época, lembrando-se da miséria, da tortura, da paixão extraordinária daqueles dias? Era uma coisa completamente diferente, uma coisa muito mais agradável, sendo a verdade, claro, que agora ela estava apaixonada por ele. E talvez tenha sido essa a razão pela qual, quando o navio realmente partiu, ele sentiu um alívio extraordinário, não quis nada mais do que ficar sozinho; ficou aborrecido ao encontrar todas as suas pequenas atenções - charutos, bilhetes, um tapete para a viagem - em sua cabine. Todos, se fossem honestos, diriam o mesmo; não se quer gente depois dos cinquenta; não se quer continuar dizendo às mulheres que elas são bonitas; isso é o que a maioria dos homens de cinquenta anos diria, pensou Peter Walsh, se fossem honestos.

Mas então esses acessos surpreendentes de emoção - explodindo em lágrimas esta manhã, o que foi tudo isso? O que Clarissa poderia ter pensado dele? pensei que ele fosse um tolo, provavelmente, não pela primeira vez. Era o ciúme que estava no fundo de tudo — um ciúme que sobrevive a todas as outras paixões da humanidade, pensou Peter Walsh, segurando o canivete com o braço estendido. Ela estava se encontrando com o major Orde, disse Daisy em sua última carta; disse isso de propósito, ele sabia; disse isso para deixá-lo com ciúmes; ele podia vê-la franzindo a testa enquanto escrevia, perguntando-se o que poderia dizer para magoá-lo; e ainda assim não fez diferença; ele ficou furioso! Toda essa confusão de vir para a Inglaterra e

consultar advogados não era para casar com ela, mas para impedi-la de se casar com qualquer outra pessoa. Foi isso que o torturou, foi isso que tomou conta dele quando viu Clarissa tão calma, tão fria, tão concentrada no vestido ou no que quer que fosse; percebendo a que ela poderia tê-lo poupado, a que ela o havia reduzido: um velho idiota chorão e chorão. Mas as mulheres, pensou ele, fechando o canivete, não sabem o que é paixão. Eles não sabem o significado disso para os homens. Clarissa estava fria como um pingente de gelo. Lá ela sentava no sofá ao lado dele, deixava que ele pegasse a mão dela, dava um beijo nele - Lá estava ele na encruzilhada.

Um som o interrompeu; um som frágil e trêmulo, uma voz borbulhando sem direção, vigor, começo ou fim, fluindo fraca e estridente e com uma ausência de todo significado humano em

ee um fah hum então foo swee também eem oo--

a voz sem idade nem sexo, a voz de uma antiga fonte jorrando da terra; que saía, bem em frente à estação de metrô Regent's Park, de uma forma alta e trêmula, como um funil, como uma bomba enferrujada, como uma árvore castigada pelo vento, sempre estéril de folhas, que deixa o vento correr para cima e para baixo em seus galhos cantando

ee um fah hum então foo swee também eem oo

e pedras e rangidos e gemidos na brisa eterna.

Através de todas as eras - quando a calçada era grama, quando era pântano, através da era das presas e do mamute, através da era do nascer do sol silencioso, a mulher espancada - pois ela usava uma saia - com a mão direita exposta, a esquerda agarrada ao seu lado, cantava o amor - amor que durou um milhão de anos, ela cantou, amor que prevalece, e milhões de anos atrás,

seu amante, que estava morto há séculos, caminhou, ela cantou, com ela em maio; mas com o passar dos tempos, longos como dias de verão e flamejantes, ela lembrou, com nada além de ásteres vermelhos, ele se foi; a enorme foice da morte havia varrido aquelas tremendas colinas, e quando finalmente ela pousou sua cabeça grisalha e imensamente envelhecida na terra, agora transformada em uma mera cinza de gelo, ela implorou aos Deuses que colocassem ao seu lado um ramo de urze roxa, ali em seu alto cemitério que os últimos raios do último sol acariciavam; pois então o espetáculo do universo terminaria.

Enquanto a antiga canção soava em frente à estação de metrô Regent's Park, a terra ainda parecia verde e florida; ainda assim, embora saísse de uma boca tão rude, um mero buraco na terra, lamacento também, emaranhado com fibras de raízes e ervas emaranhadas, ainda a velha canção borbulhante e borbulhante, encharcando as raízes nodosas de eras infinitas, e esqueletos e tesouros, escorria em riachos pela calçada e por toda a Marylebone Road, e descia em direção a Euston, fertilizando, deixando uma mancha úmida.

Ainda me lembrando de como certa vez, em algum mês de maio primitivo, ela havia caminhado com seu amante, aquela bomba enferrujada, essa velha maltratada com uma mão exposta para pegar moedas e a outra agarrada ao corpo, ainda estaria lá em dez milhões de anos, lembrando que uma vez ela havia caminhado em maio, onde o mar corre agora, com quem não importava - ele era um homem, ah, sim, um homem que a amara. Mas a passagem dos tempos obscureceu a clareza daquele antigo dia de maio; as flores de pétalas brilhantes eram grisalhas e foscas prateadas; e ela não via mais, quando lhe implorava (como agora fazia com bastante clareza) "olhe atentamente nos meus olhos com seus doces olhos", ela não via mais olhos castanhos, bigodes pretos ou rosto queimado de sol, mas apenas uma forma iminente, uma

forma de sombra, para a qual, com o frescor de pássaro dos muito idosos, ela ainda chilreava “dê-me sua mão e deixe-me pressioná-la suavemente” (Peter Walsh não pôde deixar de dar uma moeda à pobre criatura quando ele entrou em seu táxi), “e se alguém deveria ver, o que importa? ela exigiu; e seu punho cerrou-se ao lado do corpo, e ela sorriu, guardando seu xelim no bolso, e todos os olhares curiosos pareciam apagados, e as gerações que passavam - a calçada estava lotada de gente agitada de classe média - desapareciam, como folhas, para serem pisadas, para serem encharcadas, mergulhadas e moldadas por aquela primavera eterna -

06. O almoço de Lady Bruton

Bloco de leitura 6 da edição Literunico; a obra original não possui capítulos formais.

ee um fah hum então foo swee também eem oo

“Pobre velha”, disse Rezia Warren Smith, esperando para atravessar.

Oh, pobre velho!

Suponha que fosse uma noite chuvosa? Suponha que o pai de alguém, ou alguém que o conheceu em dias melhores, tivesse passado por acaso e visto alguém parado ali na sarjeta? E onde ela dormia à noite?

Alegremente, quase alegremente, o invencível fio de som subia pelo ar como a fumaça da chaminé de uma casa, enrolando-se em faias limpas e formando um tufo de fumaça azul entre as folhas mais altas. “E se alguém ver, o que importa?”

Por estar tão infeliz, há semanas e semanas, Rezia dava significados às coisas que aconteciam, quase sentia às vezes que devia parar as pessoas na rua, se pareciam pessoas boas e gentis, só para lhes dizer “Estou infeliz”; e esta velha cantando na rua “se alguém ver, o que importa?” De repente, ela teve certeza de que tudo ficaria bem. Eles estavam indo para Sir William Bradshaw; ela achou que o nome dele soava bem; ele curaria Septimus imediatamente. E então havia uma carroça de cervejeiro, e os cavalos cinzentos tinham cerdas de palha eretas nas caudas; havia cartazes de jornais. Foi um sonho bobo, bobo, ser infeliz.

Então eles atravessaram, senhor e senhora Septimus Warren Smith, e havia, afinal de contas, alguma coisa que chamasse a atenção para eles, alguma coisa que fizesse um transeunte suspeitar que ali está um jovem que carrega

consigo a maior mensagem do mundo, e é, além disso, o homem mais feliz do mundo, e o mais miserável? Talvez eles andassem mais devagar do que as outras pessoas, e havia algo de hesitante, de arrastamento, no andar do homem, mas o que seria mais natural para um funcionário, que há anos não vai ao West End num dia de semana a esta hora, do que ficar olhando para o céu, olhando para isto, aquilo e aquilo outro, como se Portland Place fosse um quarto em que ele tivesse entrado quando a família estava fora, os lustres pendurados em bolsas holandesas, e a zeladora, enquanto deixava entrar longos raios de luz empoeirada. sobre poltronas desertas e de aspecto estranho, levantando um canto das longas persianas, explica aos visitantes que lugar maravilhoso é aquele; que maravilha, mas ao mesmo tempo, ele pensa, ao olhar para cadeiras e mesas, que estranho.

Olhando, ele poderia ter sido um escriturário, mas do melhor tipo; pois ele usava botas marrons; suas mãos foram educadas; o mesmo acontece com seu perfil - seu perfil anguloso, narigudo, inteligente e sensível; mas não totalmente os lábios, pois estavam frouxos; e seus olhos (como os olhos tendem a ser), apenas olhos; avelã, grande; de modo que ele era, no geral, um caso fronteiroço, nem uma coisa nem outra, podendo acabar com uma casa em Purley e um automóvel, ou continuar alugando apartamentos em ruas secundárias durante toda a vida; um daqueles homens semi-educados e autodidatas cuja educação é toda aprendida em livros emprestados de bibliotecas públicas, lidos à noite, após o dia de trabalho, a conselho de autores conhecidos consultados por carta.

Quanto às outras experiências, as solitárias, pelas quais as pessoas passam sozinhas, nos seus quartos, nos seus escritórios, caminhando pelos campos e pelas ruas de Londres, ele as teve; havia saído de casa, ainda menino, por causa da mãe; ela mentiu; porque desceu para tomar chá pela

quinquagésima vez com as mãos sujas; porque ele não via futuro para um poeta em Stroud; e assim, fazendo de sua irmã mais nova uma confidente, foi para Londres deixando atrás de si um bilhete absurdo, como o que grandes homens escreveram, e o mundo leu mais tarde, quando a história de suas lutas se tornou famosa.

Londres engoliu muitos milhões de jovens chamados Smith; não se importavam com nomes cristãos fantásticos como Septimus, com os quais seus pais pensaram em distingui-los. Hospedando-se perto da Euston Road, houve experiências, novamente experiências, como a mudança de um rosto em dois anos, de um oval rosado e inocente para um rosto magro, contraído, hostil. Mas de tudo isto o que poderia ter dito o mais observador dos amigos, excepto o que diz um jardineiro quando abre a porta da estufa pela manhã e encontra uma nova flor na sua planta: - Ela floresceu; floresciam da vaidade, da ambição, do idealismo, da paixão, da solidão, da coragem, da preguiça, as sementes habituais, que todas confusas (num quarto perto da Euston Road), o deixavam tímido, e a gagueira, o deixavam ansioso por melhorar, o faziam apaixonar-se pela Srta. Isabel Pole, dando palestras na Waterloo Road sobre Shakespeare.

Ele não era como Keats? ela perguntou; e refletiu sobre como ela poderia lhe dar um gostinho de Antônio, Cleópatra e o resto; emprestou-lhe livros; escreveu-lhe pedaços de cartas; e acendeu nele um fogo que só queima uma vez na vida, sem calor, bruxuleando uma chama vermelha dourada infinitamente etérea e insubstancial sobre a senhorita Pole; Antônio e Cleópatra; e a estrada Waterloo. Ele a achava linda, acreditava que ela era impecavelmente sábia; sonhou com ela, escreveu-lhe poemas, que, ignorando o assunto, corrigiu com tinta vermelha; ele a viu, numa noite de verão, andando com um vestido verde em uma praça. “Floresceu”, poderia ter dito o

jardineiro, se tivesse aberto a porta; se ele tivesse entrado, isto é, em qualquer noite a essa hora, e o encontrasse escrevendo; encontrei-o rasgando sua escrita; Encontrei-o terminando uma obra-prima às três da manhã e correndo pelas ruas, visitando igrejas, e jejuando um dia, bebendo outro, devorando Shakespeare, Darwin, A História da Civilização e Bernard Shaw.

Algo estava acontecendo, o Sr. Brewer sabia; Sr. Brewer, escriturário administrativo da Sibleys e Arrowsmiths, leiloeiros, avaliadores, corretores de terras e imóveis; alguma coisa estava acontecendo, pensou ele, e, sendo paternal com seus jovens, e pensando muito bem nas habilidades de Smith, e profetizando que ele iria, em dez ou quinze anos, suceder à poltrona de couro na sala interna sob a claraboia com as caixas de escritura ao seu redor, “se ele mantiver a saúde”, disse o Sr. aconselhou futebol, convidou-o para jantar e estava pensando em recomendar um aumento de salário, quando aconteceu algo que destruiu muitos dos cálculos do Sr. Brewer, levou embora seus jovens mais capazes e, eventualmente, tão curiosos e insidiosos eram os dedos da Guerra Europeia, quebrou um molde de gesso de Ceres, abriu um buraco nos canteiros de gerânio e arruinou completamente os nervos do cozinheiro no estabelecimento do Sr.

Septimus foi um dos primeiros a se voluntariar. Ele foi para a França para salvar uma Inglaterra que consistia quase inteiramente de peças de Shakespeare e da senhorita Isabel Pole de vestido verde andando em uma praça. Ali, nas trincheiras, a mudança que o Sr. Brewer desejava quando aconselhou o futebol foi produzida instantaneamente; ele desenvolveu masculinidade; ele foi promovido; ele chamou a atenção, na verdade o carinho, de seu oficial, de nome Evans. Era o caso de dois cachorros brincando no tapete da lareira; um apertando um parafuso de papel,

rosnando, quebrando, beliscando, de vez em quando, a orelha do velho cachorro; o outro, deitado, sonolento, piscando diante do fogo, levantando uma pata, virando-se e rosnando bem-humorado. Eles tinham que ficar juntos, compartilhar um com o outro, brigar, brigar um com o outro. Mas quando Evans (Rezia que o tinha visto apenas uma vez o chamou de “um homem quieto”, um ruivo robusto, pouco demonstrativo na companhia de mulheres), quando Evans foi morto, pouco antes do Armistício, na Itália, Septimus, longe de demonstrar qualquer emoção ou reconhecer que ali estava o fim de uma amizade, congratulou-se por sentir-se muito pouco e muito razoavelmente. A guerra o ensinou. Foi sublime. Ele passou por todo o espetáculo, amizade, guerra europeia, morte, ganhou promoção, ainda tinha menos de trinta anos e estava fadado a sobreviver. Ele estava bem ali. Os últimos projéteis não o atingiram. Ele os observou explodir com indiferença. Quando a paz chegou, ele estava em Milão, alojado na casa de um estalajadeiro com pátio, flores em vasos, mesinhas ao ar livre, filhas fazendo chapéus, e de Lucrecia, a filha mais nova, ele ficou noivo uma noite, quando o pânico tomou conta dele - que ele não conseguia sentir.

Pois agora que tudo estava acabado, as tréguas assinadas e os mortos enterrados, ele sentia, especialmente à noite, esses súbitos trovões de medo. Ele não conseguia sentir. Ao abrir a porta da sala onde as italianas estavam sentadas fazendo chapéus, ele as viu; podia ouvi-los; esfregavam fios entre contas coloridas em pires; eles estavam virando formas de entretela para um lado e para outro; a mesa estava toda coberta de penas, lantejoulas, sedas, fitas; tesouras batiam na mesa; mas algo falhou com ele; ele não conseguia sentir. Mesmo assim, o barulho das tesouras, as meninas rindo, os chapéus sendo feitos o protegiam; ele tinha segurança garantida; ele tinha um refúgio. Mas ele não podia ficar sentado ali a noite toda. Houve momentos de

despertar no início da manhã. A cama estava caindo; ele estava caindo. Ah, pelas tesouras, pela luz do lampião e pelas formas de entretela! Pediu a Lucrecia em casamento, o mais novo dos dois, o alegre, o frívolo, com aqueles dedinhos de artista que ela erguia e dizia “Está tudo neles”. Seda, penas, o que não estava vivo para eles.

“O que mais importa é o chapéu”, dizia ela, quando saíam juntos. Cada chapéu que passasse ela examinaria; e a capa e o vestido e a maneira como a mulher se comportava. Ela estigmatizava mal-vestir-se, vestir-se excessivamente, não de forma selvagem, mas com movimentos impacientes das mãos, como os de um pintor que lhe faz alguma impostura flagrante e bem-intencionada; e então, generosamente, mas sempre de forma crítica, ela dava as boas-vindas a uma vendedora que havia transformado galantemente sua pequena peça de roupa, ou elogiava, integralmente, com entusiasmo e compreensão profissional, uma senhora francesa descendo de sua carruagem, em chinchila, túnicas e pérolas.

“Lindo!” ela murmurava, cutucando Septimus, para que ele pudesse ver. Mas a beleza estava por trás de uma vidraça. Até o gosto (Rezia gostava de sorvetes, chocolates, doces) não lhe agradava. Ele colocou a xícara na mesinha de mármore. Ele olhou para as pessoas do lado de fora; pareciam felizes, aglomerando-se no meio da rua, gritando, rindo, brigando por nada. Mas ele não conseguia provar, não conseguia sentir. Na casa de chá, entre as mesas e os garçons tagarelas, o medo terrível tomou conta dele - ele não conseguia sentir. Ele poderia raciocinar; ele sabia ler, Dante por exemplo, com bastante facilidade (“Septimus, largue o seu livro”, disse Rezia, fechando gentilmente o Inferno), ele sabia somar sua conta; seu cérebro era perfeito; então deve ser culpa do mundo - que ele não pudesse sentir.

“Os ingleses são tão silenciosos”, disse Rezia. Ela gostou, ela disse. Ela respeitava esses ingleses e queria conhecer Londres, os cavalos ingleses e os ternos feitos sob medida, e lembrava-se de ter ouvido falar de uma tia que se casara e morava no Soho como as lojas eram maravilhosas.

Talvez fosse possível, pensou Septimus, olhando para a Inglaterra pela janela do trem, enquanto saíam de Newhaven; pode ser possível que o próprio mundo não tenha significado.

No escritório, eles o promoveram para um cargo de considerável responsabilidade. Eles estavam orgulhosos dele; ele ganhou cruzamentos. “Você cumpriu seu dever; cabe a nós...” começou o Sr. Brewer; e não conseguiu terminar, tão prazerosa era sua emoção. Eles alugaram alojamentos admiráveis na Tottenham Court Road.

Aqui ele abriu Shakespeare mais uma vez. A questão da embriaguez da linguagem daquele menino - Antônio e Cleópatra - havia enfraquecido completamente. Como Shakespeare detestava a humanidade - vestir roupas, ter filhos, a sordidez da boca e da barriga! Isto foi agora revelado a Septimus; a mensagem escondida na beleza das palavras. O sinal secreto que uma geração transmite, disfarçadamente, à próxima é a aversão, o ódio, o desespero. Dante o mesmo. Ésquilo (traduzido) o mesmo. Ali, Rezia estava sentada à mesa, aparando chapéus. Ela cortava chapéus para os amigos da Sra. Filmer; ela aparava chapéus por hora. Ela parecia pálida, misteriosa, como um lírio, afogado, debaixo d’água, pensou ele.

“Os ingleses são tão sérios”, dizia ela, abraçando Septimus e encostando o rosto no dele.

O amor entre homem e mulher era repulsivo para Shakespeare. O negócio da cópula era uma sujeira para ele antes do fim. Mas, disse Rezia, ela deve ter filhos. Eles estavam casados há cinco anos.

Eles foram juntos para a Torre; ao Museu Victoria e Albert; ficou no meio da multidão para ver o rei abrir o Parlamento. E havia as lojas — chapelarias, lojas de vestidos, lojas com bolsas de couro nas vitrines, onde ela ficava olhando. Mas ela deve ter um menino.

Ela deve ter um filho como Septimus, disse ela. Mas ninguém poderia ser como Septimus; tão gentil; tão sério; tão inteligente. Ela não poderia ler Shakespeare também? Shakespeare foi um autor difícil? ela perguntou.

Não se pode trazer crianças para um mundo como este. Não se pode perpetuar o sofrimento, nem aumentar a raça destes animais lascivos, que não têm emoções duradouras, mas apenas caprichos e vaidades, confundindo-os ora para um lado, ora para aquele.

Ele observou-a cortar, moldar, como se observa um pássaro saltar, esvoaçar na grama, sem ousar mover um dedo. Pois a verdade é (que ela ignore) que o ser humano não tem bondade, nem fé, nem caridade além do que serve para aumentar o prazer do momento. Eles caçam em matilhas. Suas matilhas vasculham o deserto e desaparecem gritando na selva. Eles abandonam os caídos. Eles estão cobertos de caretas. Lá estava Brewer no escritório, com seu bigode encerado, alfinete de gravata coral, combinação branca e emoções prazerosas - toda frieza e umidade por dentro - seus gerânios arruinados na guerra - seus nervos de cozinheiro destruídos; ou Amelia Qual é o nome dela, distribuindo xícaras de chá pontualmente às cinco - uma pequena harpia obscena, sorridente e zombeteira; e os Toms e Berties em suas camisas engomadas escorrendo grossas gotas de vício. Eles nunca o

viram desenhando-os nus em suas travessuras em seu caderno. Na rua, vans passavam por ele; brutalidade gritada em cartazes; homens ficaram presos em minas; mulheres queimadas vivas; e uma vez um grupo mutilado de lunáticos sendo exercitados ou exibidos para a diversão da população (que ria alto), passou por ele, acenando com a cabeça e sorrindo, na Tottenham Court Road, cada um meio se desculpando, mas triunfantemente, infligindo sua infelicidade desesperadora. E ele ficaria louco?

Durante o chá, Rezia contou-lhe que a filha da Sra. Filmer estava grávida. Ela não poderia envelhecer e não ter filhos! Ela estava muito sozinha, ela estava muito infeliz! Ela chorou pela primeira vez desde que se casaram. Ao longe ele a ouviu soluçar; ele ouviu com precisão, percebeu claramente; ele comparou isso a uma batida de pistão. Mas ele não sentiu nada.

Sua esposa estava chorando e ele não sentia nada; só que cada vez que ela soluçava daquele jeito profundo, silencioso e desesperador, ele descia mais um degrau no poço.

Por fim, com um gesto melodramático que assumiu mecanicamente e com plena consciência da sua insinceridade, baixou a cabeça sobre as mãos. Agora ele havia se rendido; agora outras pessoas devem ajudá-lo. As pessoas devem ser chamadas. Ele cedeu.

Nada poderia despertá-lo. Rezia o colocou na cama. Ela mandou chamar um médico - a Sra. Dr. Holmes de Filmer. O Dr. Holmes examinou-o. Não havia nada de errado, disse o Dr. Holmes. Ah, que alívio! Que homem gentil, que homem bom! pensou Rezia. Quando se sentiu assim, foi ao Music Hall, disse o Dr. Holmes. Ele tirou um dia de folga com a esposa e jogou golfe. Por que não experimentar dois tablóides de brometo dissolvidos em um copo d'água na hora de dormir? Estas velhas casas de Bloomsbury, disse o Dr. Holmes,

batendo na parede, são muitas vezes cheias de painéis muito finos, que os proprietários têm a loucura de tapar. Ainda outro dia, visitando um paciente, Sir Somebody Something em Bedford Square...

Então não havia desculpa; nada, seja qual for o assunto, exceto o pecado pelo qual a natureza humana o condenou à morte; que ele não sentiu. Ele não se importou quando Evans foi morto; isso foi pior; mas todos os outros crimes levantaram a cabeça e balançaram os dedos e zombaram e zombaram por cima da grade da cama, nas primeiras horas da manhã, para o corpo prostrado que jazia percebendo sua degradação; como ele se casou com sua esposa sem amá-la; havia mentido para ela; seduziu-a; indignada senhorita Isabel Pole, e estava tão cheio de marcas e marcas de vício que as mulheres estremeciam ao vê-lo na rua. O veredicto da natureza humana para tal desgraçado foi a morte.

O Dr. Holmes voltou. Grande, de cor viva, bonito, sacudindo as botas, olhando no espelho, ele ignorou tudo: dores de cabeça, insônia, medos, sonhos, sintomas nervosos e nada mais, disse ele. Se o Dr. Holmes se encontrasse meio quilo abaixo dos onze quilos e seis, ele pedia à esposa outro prato de mingau no café da manhã. (Rezia aprenderia a cozinhar mingaus.) Mas, continuou ele, a saúde é, em grande parte, uma questão que está sob nosso próprio controle. Jogue-se em interesses externos; adote algum hobby. Ele abriu Shakespeare - Antônio e Cleópatra; empurrou Shakespeare de lado. Algum hobby, disse o Dr. Holmes, pois ele não devia sua excelente saúde (e trabalhava tão arduamente quanto qualquer homem em Londres) ao fato de poder sempre trocar seus pacientes por móveis antigos? E que pente lindo, se assim posso dizer, a Sra. Warren Smith estava usando!

Quando o maldito idiota voltou, Septimus recusou-se a vê-lo. Ele realmente fez isso? - disse o Dr. Holmes, sorrindo agradavelmente. Na verdade, ele teve que dar um empurrãozinho amigável naquela encantadora senhora, a Sra. Smith, antes que pudesse passar por ela e entrar no quarto do marido.

“Então você está deprimido”, disse ele agradavelmente, sentando-se ao lado do paciente. Na verdade, ele havia falado em se matar com a esposa, uma garota e tanto, uma estrangeira, não era? Isso não lhe dava uma ideia muito estranha dos maridos ingleses? Será que alguém não devia um dever para com a esposa? Não seria melhor fazer alguma coisa em vez de ficar deitado na cama? Pois ele tinha quarenta anos de experiência; e Septimus podia acreditar na palavra do Dr. Holmes - não havia absolutamente nada de errado com ele. E da próxima vez que o Dr. Holmes viesse, ele esperava encontrar Smith fora da cama e não deixar aquela encantadora senhora, sua esposa, ansiosa por ele.

A natureza humana, em suma, estava sobre ele - o bruto repulsivo, com narinas vermelho-sangue. Holmes estava em cima dele. O Dr. Holmes vinha regularmente todos os dias. Quando você tropeça, escreveu Septimus no verso de um cartão-postal, a natureza humana depende de você. Holmes está em você. A única chance deles era escapar, sem avisar Holmes; para a Itália - em qualquer lugar, em qualquer lugar, longe do Dr. Holmes.

Mas Rezia não conseguia entendê-lo. O Dr. Holmes era um homem muito gentil. Ele estava tão interessado em Septimus. Ele só queria ajudá-los, disse ele. Ele tinha quatro filhos pequenos e a convidou para tomar chá, ela contou a Septimus.

Então ele estava abandonado. O mundo inteiro clamava: mate-se, mate-se, pelo nosso bem. Mas por que ele deveria se matar por causa deles? A comida

era agradável; o sol quente; e matar-se, como é que se faz isso, com uma faca de mesa, feia, com torrentes de sangue, - sugando um gasoduto? Ele estava muito fraco; ele mal conseguia levantar a mão. Além disso, agora que ele estava completamente sozinho, condenado, abandonado, como estão sozinhos aqueles que estão prestes a morrer, havia nisso um luxo, um isolamento cheio de sublimidade; uma liberdade que os apegados nunca poderão conhecer. Holmes havia vencido, é claro; o bruto de narinas vermelhas vencera. Mas nem mesmo o próprio Holmes poderia tocar nesta última relíquia perdida nos confins do mundo, neste pária, que olhava para as regiões habitadas, que jazia, como um marinheiro afogado, na costa do mundo.

Foi nesse momento (Rezia indo às compras) que aconteceu a grande revelação. Uma voz falou por trás da tela. Evans estava falando. Os mortos estavam com ele.

“Evans, Evans!” ele gritou.

O Sr. Smith estava falando em voz alta consigo mesmo, Agnes, a criada, gritou para a Sra. Filmer na cozinha. “Evans, Evans”, ele disse enquanto ela trazia a bandeja. Ela pulou, ela pulou. Ela desceu correndo.

E Rezia entrou, com suas flores, e atravessou a sala, e colocou as rosas em um vaso, sobre o qual o sol bateu diretamente, e ela começou a rir, pulando pela sala.

Ela teve que comprar as rosas, disse Rezia, de um homem pobre da rua. Mas elas já estavam quase mortas, disse ela, arrumando as rosas.

Então havia um homem lá fora; Evans provavelmente; e as rosas, que Rezia disse estarem meio mortas, foram colhidas por ele nos campos da Grécia.

“Comunicação é saúde; comunicação é felicidade, comunicação...” ele murmurou.

“O que você está dizendo, Sétimo?” — perguntou Rezia, louco de terror, pois estava falando sozinho.

Ela mandou Agnes correr para o Dr. Holmes. Seu marido, ela disse, estava furioso. Ele mal a conhecia.

“Seu bruto! Seu bruto!” - gritou Septimus, vendo a natureza humana, isto é, o Dr. Holmes, entrar na sala.

“Agora, o que é tudo isso?” - disse o Dr. Holmes da maneira mais amável do mundo. “Falando bobagens para assustar sua esposa?” Mas ele lhe daria algo para fazê-lo dormir. E se fossem pessoas ricas, disse o Dr. Holmes, olhando ironicamente ao redor da sala, deixe-os ir para a Harley Street; se não confiassem nele, disse o Dr. Holmes, não parecendo tão gentil.

Era precisamente meio-dia; doze do Big Ben; cujo golpe foi lançado sobre a parte norte de Londres; misturou-se com o de outros relógios, misturou-se de uma forma tênue e etérea com as nuvens e fiapos de fumaça, e morreu lá em cima, entre as gaivotas - soaram meio-dia quando Clarissa Dalloway colocou seu vestido verde em sua cama, e os Warren Smiths caminharam pela Harley Street. Doze era a hora marcada. Provavelmente, pensou Rezia, aquela era a casa de Sir William Bradshaw com o automóvel cinza na frente. Os círculos de chumbo se dissolveram no ar.

Na verdade era o automóvel de Sir William Bradshaw; baixo, poderoso, cinzento com iniciais simples entrelaçadas no painel, como se as pompas da heráldica fossem incongruentes, sendo este homem o ajudante fantasmagórico, o sacerdote da ciência; e, como o automóvel era cinzento,

para combinar com a sua sóbria suavidade, foram amontoados nele peles cinzentas e tapetes cinzentos prateados, para manter Sua Senhoria aquecida enquanto ela esperava. Pois muitas vezes Sir William viajava sessenta milhas ou mais pelo interior do país para visitar os ricos, os aflitos, que podiam pagar os elevados honorários que Sir William muito apropriadamente cobrava pelos seus conselhos. Sua Senhoria esperou com os tapetes sobre os joelhos durante uma hora ou mais, recostando-se, pensando às vezes no paciente, às vezes, desculpavelmente, na parede de ouro, subindo minuto a minuto enquanto ela esperava; o muro de ouro que se erguia entre eles e todas as mudanças e ansiedades (ela as suportara bravamente; eles tiveram suas lutas) até que ela se sentiu presa a um oceano calmo, onde sopravam apenas ventos de especiarias; respeitada, admirada, invejada, quase sem nada a desejar, embora lamentasse a sua corpulência; grandes jantares todas as quintas-feiras à noite para a profissão; um bazar ocasional a ser aberto; Realeza saudada; muito pouco tempo, infelizmente, com o marido, cujo trabalho cresceu cada vez mais; um garoto indo bem em Eton; ela também gostaria de ter uma filha; interesses que ela tinha, entretanto, em abundância; bem-estar infantil; o cuidado do epiléptico e a fotografia, de modo que se houvesse uma igreja, ou uma igreja em ruínas, ela subornou o sacristão, pegou a chave e tirou fotografias, que dificilmente se distinguiam do trabalho de profissionais, enquanto esperava.

O próprio Sir William já não era jovem. Ele trabalhou muito; ele conquistou sua posição por pura habilidade (sendo filho de um lojista); amava sua profissão; fazia uma bela figura de proa em cerimônias e falava bem - tudo isso, na época em que foi nomeado cavaleiro, lhe conferia uma aparência pesada, uma aparência cansada (o fluxo de pacientes era tão incessante, as responsabilidades e privilégios de sua profissão tão onerosas), cansaço esse,

junto com seus cabelos grisalhos, aumentava a extraordinária distinção de sua presença e lhe dava a reputação (de extrema importância no tratamento de casos nervosos) não apenas de habilidade relâmpago e precisão quase infalível no diagnóstico, mas de simpatia; tato; compreensão da alma humana. Ele pôde ver o primeiro momento em que entraram na sala (os Warren Smiths eram chamados); ele teve certeza de que viu o homem assim que viu; foi um caso de extrema gravidade. Foi um caso de colapso total - colapso físico e nervoso completo, com todos os sintomas em estágio avançado, ele constatou em dois ou três minutos (escrevendo as respostas às perguntas, murmuradas discretamente, num cartão rosa).

Há quanto tempo o Dr. Holmes o atendia?

Seis semanas.

Prescreveu um pouco de brometo? Disse que não havia nada de errado? Ah, sim (aqueles clínicos gerais! pensou Sir William. Demorou metade do seu tempo para desfazer seus erros. Alguns eram irreparáveis).

“Você serviu com grande distinção na guerra?”

O paciente repetiu a palavra “guerra” interrogativamente.

Ele estava atribuindo significados às palavras de um tipo simbólico. Um sintoma grave, a ser anotado no cartão.

“A Guerra?” o paciente perguntou. A Guerra Europeia - aquele pequeno bando de estudantes com pólvora? Ele serviu com distinção? Ele realmente esqueceu. Na própria guerra ele falhou.

“Sim, ele serviu com a maior distinção”, garantiu Rezia ao médico; “ele foi promovido.”

“E eles têm a melhor opinião sobre você em seu escritório?” Sir William murmurou, olhando para a carta generosamente redigida pelo Sr. Brewer. “Para que você não tenha nada com que se preocupar, nenhuma ansiedade financeira, nada?”

Ele cometeu um crime terrível e foi condenado à morte pela natureza humana.

“Eu... eu cometi”, ele começou, “cometi um crime...”

“Ele não fez nada de errado”, garantiu Rezia ao médico. Se o Sr. Smith esperasse, disse Sir William, ele falaria com a Sra. Smith na sala ao lado. O marido dela estava gravemente doente, disse Sir William. Ele ameaçou se matar?

Ah, ele fez isso, ela chorou. Mas ele não quis dizer isso, ela disse. Claro que não. Era apenas uma questão de descanso, disse Sir William; de descanso, descanso, descanso; um longo descanso na cama. Havia uma casa encantadora no campo, onde seu marido seria perfeitamente cuidado. Longe dela? ela perguntou. Infelizmente, sim; as pessoas de quem mais cuidamos não são boas para nós quando estamos doentes. Mas ele não estava bravo, estava? Sir William disse que nunca falou em “loucura”; ele chamou isso de não ter senso de proporção. Mas o marido dela não gostava de médicos. Ele se recusaria a ir para lá. De forma breve e gentil, Sir William explicou-lhe o estado do caso. Ele havia ameaçado se matar. Não havia alternativa. Era uma questão de direito. Ele ficaria deitado na cama, numa bela casa de campo. As enfermeiras eram admiráveis. Sir William o visitava uma vez por semana. Se a Sra. Warren Smith tivesse certeza de que não tinha mais perguntas a fazer - ele nunca apressava seus pacientes - eles voltariam para o marido dela. Ela não tinha mais nada a pedir - não a Sir William.

Então eles retornaram para o mais exaltado da humanidade; o criminoso que enfrentou seus juízes; a vítima exposta nas alturas; o fugitivo; o marinheiro afogado; o poeta da ode imortal; o Senhor que passou da vida para a morte; para Septimus Warren Smith, que estava sentado na poltrona sob a clarabóia, olhando para uma fotografia de Lady Bradshaw em traje de corte, murmurando mensagens sobre beleza.

“Tivemos uma conversinha”, disse Sir William.

“Ele disse que você está muito, muito doente”, gritou Rezia.

“Estamos providenciando que você vá para uma casa”, disse Sir William.

“Uma das casas de Holmes?” zombou Sétimo.

O sujeito causou uma impressão desagradável. Pois havia em Sir William, cujo pai era comerciante, um respeito natural pela educação e pelo vestuário, que a mesquinhez irritava; novamente, mais profundamente, havia em Sir William, que nunca tivera tempo para ler, um rancor, profundamente enterrado, contra pessoas cultas que entravam em seu quarto e insinuavam que os médicos, cuja profissão é uma pressão constante sobre todas as faculdades mais elevadas, não são homens instruídos.

“Uma de minhas casas, Sr. Warren Smith”, disse ele, “onde vamos ensiná-lo a descansar”.

E havia apenas mais uma coisa.

Ele tinha certeza de que, quando o Sr. Warren Smith estava bem, ele era o último homem no mundo a assustar a esposa. Mas ele havia falado em se matar.

“Todos nós temos momentos de depressão”, disse Sir William.

Depois que você cai, repetiu Septimus para si mesmo, a natureza humana está sobre você. Holmes e Bradshaw estão atrás de você. Eles vasculham o deserto. Eles voam gritando para o deserto. O rack e o parafuso de aperto manual são aplicados. A natureza humana é implacável.

“Impulsos vieram sobre ele às vezes?” — perguntou Sir William, com o lápis sobre um cartão rosa.

Isso era problema dele, disse Septimus.

“Ninguém vive sozinho”, disse Sir William, olhando para a fotografia de sua esposa em traje de corte.

“E você tem uma carreira brilhante pela frente”, disse Sir William. Sobre a mesa estava a carta do Sr. Brewer. “Uma carreira excepcionalmente brilhante.”

Mas se ele confessasse? Se ele se comunicou? Eles o libertariam então, seus torturadores?

“Eu... eu...” ele gaguejou.

Mas qual foi o seu crime? Ele não conseguia se lembrar disso.

“Sim?” Sir William o encorajou. (Mas já estava ficando tarde.)

Amor, árvores, não existe crime - qual foi a sua mensagem?

Ele não conseguia se lembrar disso.

— Eu... eu... — gaguejou Septimus.

“Tente pensar o menos possível em si mesmo”, disse Sir William gentilmente. Realmente, ele não estava em condições de estar por perto.

Havia mais alguma coisa que eles queriam perguntar a ele? Sir William tomara todas as providências (murmurou ele para Rezia) e a avisaria entre cinco e seis da tarde, murmurou.

“Confie tudo em mim”, disse ele, e os dispensou.

Nunca, nunca Rezia sentiu tanta agonia em sua vida! Ela pediu ajuda e foi abandonada! Ele falhou com eles! Sir William Bradshaw não era um homem bom.

Só a manutenção daquele automóvel devia custar-lhe muito caro, disse Septimus, quando saíram para a rua.

Ela se agarrou ao braço dele. Eles estavam desertos.

Mas o que mais ela queria?

Aos seus pacientes ele dedicava três quartos de hora; e se nesta ciência rigorosa que tem a ver com aquilo sobre o qual, afinal, nada sabemos - o sistema nervoso, o cérebro humano - um médico perde o seu sentido de proporção, como médico ele falha. Saúde devemos ter; e saúde é proporção; de modo que quando um homem entra em seu quarto e diz que é Cristo (uma ilusão comum), e tem uma mensagem, como a maioria deles tem, e ameaça, como muitas vezes fazem, matar-se, você invoca proporção; pedir descanso na cama; descance na solidão; silêncio e descanso; descance sem amigos, sem livros, sem mensagens; descanso de seis meses; até que um homem que entrou pesando sete quilos e seis sai pesando doze.

Proporção, proporção divina, a deusa de Sir William, foi adquirida por Sir William andando em hospitais, pescando salmão, gerando um filho na Harley Street com Lady Bradshaw, que pescava salmão e tirava fotografias que dificilmente se distinguem do trabalho de profissionais. Adorando a

proporção, Sir William não apenas prosperou, mas também fez a Inglaterra prosperar, isolou seus lunáticos, proibiu o parto, penalizou o desespero, tornou impossível aos inaptos propagarem seus pontos de vista até que eles também compartilhassem seu senso de proporção - o dele, se fossem homens, o de Lady Bradshaw, se fossem mulheres (ela bordava, tricotava, passava quatro noites em sete em casa com o filho), de modo que não apenas seus colegas o respeitassem, seus subordinados o temessem, mas também os amigos e os parentes de seus pacientes sentiam por ele a mais profunda gratidão por insistir que esses Cristos e Cristais proféticos, que profetizaram o fim do mundo, ou o advento de Deus, deveriam beber leite na cama, como Sir William ordenou; Sir William, com os seus trinta anos de experiência neste tipo de casos, e o seu instinto infalível, isto é uma loucura, este sentido; na verdade, seu senso de proporção.

07. Richard leva flores

Bloco de leitura 7 da edição Literunico; a obra original não possui capítulos formais.

Mas a Proporção tem uma irmã, menos sorridente, mais formidável, uma Deusa que mesmo agora está empenhada - no calor e nas areias da Índia, na lama e no pântano da África, nos arredores de Londres, onde quer que, em suma, o clima ou o diabo tentem os homens a abandonarem a verdadeira crença que é a sua própria - está mesmo agora empenhada em derrubar santuários, destruir ídolos e colocar em seu lugar o seu próprio semblante severo. Conversão é o seu nome e ela se banqueteia com as vontades dos fracos, adorando impressionar, impor, adorando os próprios traços estampados no rosto da população. No Hyde Park Corner, em uma banheira, ela prega; envolve-se em branco e caminha penitentemente disfarçado de amor fraternal pelas fábricas e parlamentos; oferece ajuda, mas deseja poder; tira de seu caminho rudemente os dissidentes ou insatisfeitos; concede a sua bênção àqueles que, olhando para cima, captam submissamente dos seus olhos a luz dos seus próprios. Esta senhora também (Rezia Warren Smith adivinhou isso) morava no coração de Sir William, embora escondida, como geralmente acontece, sob algum disfarce plausível; algum nome venerável; amor, dever, auto-sacrifício. Como ele trabalharia - como trabalharia para arrecadar fundos, propagar reformas, iniciar instituições! Mas a conversão, Deusa meticulosa, ama mais o sangue do que o tijolo e banqueteia-se mais sutilmente com a vontade humana. Por exemplo, Lady Bradshaw. Quinze anos atrás ela havia afundado. Não era nada que você pudesse identificar; não houve nenhuma cena, nenhum estalo; apenas o afundamento lento e encharcado da vontade dela na dele. Doce era seu sorriso, rápida sua submissão; o jantar na Harley Street, com oito ou nove pratos, servindo dez ou quinze convidados das classes profissionais, foi

tranquilo e cortês. Somente à medida que a noite avançava, com uma leve monotonia, ou talvez inquietação, uma contração nervosa, uma confusão, um tropeço e uma confusão indicaram o que era realmente doloroso acreditar: que a pobre senhora mentiu. Antigamente, há muito tempo, ela pescava salmão à vontade: agora, rápida em satisfazer o desejo que tão oleoso brilhou nos olhos de seu marido por domínio, por poder, ela apertou, espremeu, aparou, podou, recuou, espiou; de modo que, sem saber exatamente o que tornou a noite desagradável e causou essa pressão no topo da cabeça (que bem poderia ser imputada à conversa profissional, ou ao cansaço de um grande médico cuja vida, disse Lady Bradshaw, “não é a dele, mas a de seus pacientes”), foi desagradável: de modo que os convidados, quando o relógio bateu dez horas, respiraram o ar da Harley Street mesmo com êxtase; cujo alívio, entretanto, foi negado a seus pacientes.

Ali, na sala cinzenta, com os quadros na parede e os móveis valiosos, sob a claraboia de vidro fosco, eles aprenderam a extensão de suas transgressões; encolhidos em poltronas, observaram-no realizar, para seu benefício, um curioso exercício com os braços, que ele estendeu e trouxe bruscamente de volta ao quadril, para provar (se o paciente fosse obstinado) que Sir William era senhor de suas próprias ações, o que o paciente não era. Lá, alguns quebraram fracamente; soluçou, submeteu-se; outros, inspirados só Deus sabe que loucura destemperada, chamaram na cara Sir William de maldito impostor; questionou, ainda mais impiamente, a própria vida. Por que viver? eles exigiram. Sir William respondeu que a vida era boa. Certamente Lady Bradshaw, com penas de avestruz, estava pendurada sobre a lareira, e quanto à sua renda era de doze mil dólares por ano. Mas para nós, protestaram eles, a vida não nos deu tal recompensa. Ele concordou. Eles não tinham senso de proporção. E talvez, afinal, Deus não exista? Ele

encolheu os ombros. Em suma, viver ou não viver é uma questão nossa? Mas aí eles estavam enganados. Sir William tinha um amigo em Surrey, onde ensinavam, o que Sir William admitiu francamente ser uma arte difícil - um senso de proporção. Havia, além disso, carinho familiar; honra; coragem; e uma carreira brilhante. Tudo isso teve em Sir William um campeão resoluto. Se falhassem com ele, ele teria de apoiar a polícia e o bem da sociedade, que, observou ele muito calmamente, cuidaria, em Surrey, para que esses impulsos anti-sociais, gerados sobretudo pela falta de sangue bom, fossem mantidos sob controle. E então saiu furtivamente de seu esconderijo e subiu ao trono daquela Deusa cujo desejo é superar a oposição, carimbar indelevelmente nos santuários dos outros a imagem de si mesma. Nus, indefesos, exaustos, sem amigos receberam a impressão do testamento de Sir William. Ele mergulhou; ele devorou. Ele calou as pessoas. Foi esta combinação de decisão e humanidade que tornou Sir William tão querido pelas relações das suas vítimas.

Mas Rezia Warren Smith chorou, descendo a Harley Street, dizendo que não gostava daquele homem.

Triturando e fatiando, dividindo e subdividindo, os relógios da Harley Street mordiscavam o dia de junho, aconselhavam a submissão, defendiam a autoridade e apontavam em coro as vantagens supremas de um senso de proporção, até que o monte de tempo diminuiu tanto que um relógio comercial, suspenso acima de uma loja na Oxford Street, anunciou, cordial e fraternalmente, como se fosse um prazer para os Srs. um.

Olhando para cima, parecia que cada letra dos seus nomes representava uma das horas; inconscientemente, ficamos gratos a Rigby e Lowndes por darem um tempo ratificado por Greenwich; e essa gratidão (assim ruminou Hugh

Whitbread, demorando-se diante da vitrine), naturalmente assumiu mais tarde a forma de comprar meias ou sapatos de Rigby e Lowndes. Então ele ruminou. Era seu hábito. Ele não foi fundo. Ele escovou superfícies; as línguas mortas, as vivas, a vida em Constantinopla, Paris, Roma; equitação, tiro, tênis, já foi. O malicioso afirmou que ele agora mantinha guarda no Palácio de Buckingham, vestido com meias de seda e calças até os joelhos, sobre o que ninguém sabia. Mas ele fez isso de forma extremamente eficiente. Ele viveu na nata da sociedade inglesa durante cinquenta e cinco anos. Ele conheceu primeiros-ministros. Seus afetos eram considerados profundos. E se fosse verdade que ele não participou de nenhum dos grandes movimentos da época nem ocupou cargos importantes, uma ou duas humildes reformas mereceram seu crédito; uma melhoria nos abrigos públicos foi uma delas; a proteção das corujas em Norfolk, outra; as criadas tinham motivos para lhe serem gratas; e seu nome no final de cartas ao Times, pedindo fundos, apelando ao público para proteger, preservar, limpar o lixo, reduzir a fumaça e erradicar a imoralidade nos parques, impunha respeito.

Ele também representou uma figura magnífica, parando por um momento (à medida que o som da meia hora morria) para olhar crítica e magistralmente para meias e sapatos; impecável, substancial, como se contemplasse o mundo de uma certa eminência e vestido a condizer; mas percebeu as obrigações que o tamanho, a riqueza, a saúde implicam, e observou meticulosamente mesmo quando não era absolutamente necessário, pequenas cortesias, cerimônias antiquadas que davam uma qualidade aos seus modos, algo para imitar, algo para se lembrar dele, pois ele nunca almoçaria, por exemplo, com Lady Bruton, que ele conhecia há vinte anos, sem trazer-lhe na mão estendida um buquê de cravos e perguntar a Miss Brush, secretária de Lady

Bruton, por seu irmão na África do Sul, que, por por alguma razão, Miss Brush, embora fosse deficiente em todos os atributos do charme feminino, ficou tão ressentida que disse: “Obrigada, ele está indo muito bem na África do Sul”, quando, por meia dúzia de anos, ele estava indo mal em Portsmouth.

A própria Lady Bruton preferia Richard Dalloway, que chegou no momento seguinte. Na verdade, eles se encontraram na porta.

Lady Bruton preferia Richard Dalloway, é claro. Ele era feito de um material muito mais fino. Mas ela não permitiria que eles atropelassem o seu pobre e querido Hugh. Ela nunca poderia esquecer a gentileza dele - ele tinha sido realmente extraordinariamente gentil - ela esqueceu exatamente em que ocasião. Mas ele tinha sido... extraordinariamente gentil. De qualquer forma, a diferença entre um homem e outro não é grande. Ela nunca tinha visto sentido em cortar pessoas, como Clarissa Dalloway fazia — cortando-as e unindo-as novamente; pelo menos não quando se tinha sessenta e dois anos. Ela pegou os cravos de Hugh com seu sorriso angular e sombrio. Não havia mais ninguém vindo, ela disse. Ela os levou até lá sob falsos pretextos, para ajudá-la a sair de uma dificuldade...

“Mas vamos comer primeiro”, disse ela.

E assim começou uma passagem silenciosa e requintada pelas portas de vaivém de criadas de avental e touca branca, criadas não por necessidade, mas adeptas de um mistério ou grande engano praticado por recepcionistas em Mayfair de uma e meia às duas, quando, com um aceno de mão, o tráfego cessa e, em vez disso, surge esta profunda ilusão, em primeiro lugar, sobre a comida - como ela não é paga; e depois que a mesa se espalha voluntariamente com vidros e pratarias, esteiras, pires de frutas vermelhas; filmes de pregado com máscara de creme marrom; em caçarolas nadam

galinhas decepadas; colorido, indomável, o fogo queima; e com o vinho e o café (não pagos) surgem visões alegres diante de olhos meditativos; olhos suavemente especulativos; olhos para quem a vida parece musical, misteriosa; os olhos agora se iluminaram ao observar com alegria a beleza dos cravos vermelhos que Lady Bruton (cujos movimentos eram sempre angulares) colocara ao lado de seu prato, de modo que Hugh Whitbread, sentindo-se em paz com o universo inteiro e ao mesmo tempo completamente seguro de sua posição, disse, descansando o garfo:

“Eles não ficariam encantadores em contraste com a sua renda?”

Miss Brush ressentia-se intensamente desta familiaridade. Ela o considerava um sujeito mal-educado. Ela fez Lady Bruton rir.

Lady Bruton levantou os cravos, segurando-os com bastante firmeza, com a mesma atitude com que o General segurava o pergaminho na imagem atrás dela; ela permaneceu imóvel, em transe. Quem era ela agora, a bisneta do General? tataraneta? Richard Dalloway perguntou a si mesmo. Sir Roderick, Sir Miles, Sir Talbot - era isso. Foi notável como naquela família a semelhança persistiu nas mulheres. Ela deveria ter sido uma general de dragões. E Richard teria servido sob seu comando, alegremente; ele tinha o maior respeito por ela; ele apreciava essas opiniões românticas sobre velhas bem constituídas e de pedigree, e teria gostado, à sua maneira bem-humorada, de trazer alguns jovens amigos de cabeça quente para almoçar com ela; como se um tipo como o dela pudesse nascer de amáveis entusiastas do chá! Ele conhecia o país dela. Ele conhecia o povo dela. Havia uma videira, ainda em produção, sob a qual Lovelace ou Herrick (ela mesma nunca leu uma palavra de poesia, mas assim dizia a história) haviam plantado. Melhor esperar para lhes apresentar a questão que a incomodava

(sobre fazer um apelo ao público; se sim, em que termos e assim por diante), é melhor esperar até que tomem o café, pensou Lady Bruton; e então colocou os cravos ao lado do prato.

“Como está Clarissa?” ela perguntou abruptamente.

Clarissa sempre dizia que Lady Bruton não gostava dela. Na verdade, Lady Bruton tinha a reputação de estar mais interessada em política do que em pessoas; de falar como um homem; de ter participado de alguma notória intriga dos anos 80, que agora começava a ser mencionada nas memórias. Certamente havia uma alcova em sua sala de estar, e uma mesa naquela alcova, e sobre essa mesa uma fotografia do General Sir Talbot Moore, já falecido, que havia escrito lá (uma noite na década de oitenta), na presença de Lady Bruton, com seu conhecimento, talvez conselho, um telegrama ordenando às tropas britânicas que avançassem em uma ocasião histórica. (Ela guardou a caneta e contou a história.) Assim, quando ela disse com seu jeito improvisado “Como está Clarissa?” os maridos tinham dificuldade em persuadir as suas esposas e, na verdade, por mais devotados que fossem, eles próprios duvidavam secretamente do interesse dela pelas mulheres que muitas vezes atrapalhavam os maridos, impediam-nos de aceitar cargos no estrangeiro e tinham de ser levadas para a praia a meio da sessão para recuperarem da gripe. Mesmo assim, sua pergunta: “Como está Clarissa?” era infalivelmente conhecido pelas mulheres como um sinal de um simpatizante, de uma companheira quase silenciosa, cujas declarações (talvez meia dúzia ao longo da vida) significavam o reconhecimento de alguma camaradagem feminina que existia por trás dos almoços masculinos e unia Lady Bruton e a Sra.

“Encontrei Clarissa no parque esta manhã”, disse Hugh Whitbread, mergulhando na caçarola, ansioso por prestar a si mesmo esta pequena homenagem, pois bastava vir a Londres para conhecer todos ao mesmo tempo; mas ganancioso, um dos homens mais gananciosos que ela já conheceu, pensou Milly Brush, que observava os homens com retidão inabalável e era capaz de uma devoção eterna, especialmente ao seu próprio sexo, sendo nodoso, arranhado, anguloso e totalmente desprovido de charme feminino.

“Você sabe quem está na cidade?” - disse Lady Bruton de repente pensando nela. “Nosso velho amigo, Peter Walsh.”

Todos sorriram. Pedro Walsh! E o Sr. Dalloway estava genuinamente feliz, pensou Milly Brush; e o Sr. Whitbread pensava apenas em seu frango.

Pedro Walsh! Todos os três, Lady Bruton, Hugh Whitbread e Richard Dalloway, lembravam-se da mesma coisa: quão apaixonadamente Peter estivera apaixonado; foi rejeitado; foi para a Índia; venha um cortador; bagunçou as coisas; e Richard Dalloway também gostava muito do querido velhote. Milly Brush viu isso; vi uma profundidade no castanho dos seus olhos; o vi hesitar; considerar; o que a interessava, como o Sr. Dalloway sempre a interessava, pois o que ele estava pensando, ela se perguntou, sobre Peter Walsh?

Que Peter Walsh estava apaixonado por Clarissa; que voltaria logo depois do almoço e encontraria Clarissa; que ele diria a ela, com tantas palavras, que a amava. Sim, ele diria isso.

Milly Brush quase poderia ter se apaixonado por esses silêncios; e o Sr. Dalloway sempre foi tão confiável; um cavalheiro também. Agora, aos

quarenta anos, Lady Bruton só precisava assentir ou virar a cabeça um pouco abruptamente, e Milly Brush captava o sinal, por mais profundamente que estivesse mergulhada nessas reflexões de um espírito desapegado, de uma alma não corrompida que a vida não poderia enganar, porque a vida não lhe oferecera uma bugiganga do menor valor; não é um cacho, um sorriso, um lábio, uma bochecha, um nariz; absolutamente nada; Lady Bruton só precisou acenar com a cabeça e Perkins foi instruído a acelerar o café.

“Sim; Peter Walsh voltou”, disse Lady Bruton. Foi vagamente lisonjeiro para todos eles. Ele havia retornado, maltratado, sem sucesso, para suas costas seguras. Mas ajudá-lo, refletiram, era impossível; havia alguma falha em seu caráter. Hugh Whitbread disse que é claro que alguém poderia mencionar seu nome para Fulano de Tal. Ele enrugou-se de forma lúgubre, conseqüentemente, ao pensar nas cartas que escreveria aos chefes dos escritórios do governo sobre “meu velho amigo, Peter Walsh”, e assim por diante. Mas isso não levaria a nada – nem a nada permanente, por causa de seu caráter.

“Está em apuros com alguma mulher”, disse Lady Bruton. Todos eles adivinharam que isso estava no fundo da questão.

“No entanto”, disse Lady Bruton, ansiosa por abandonar o assunto, “ouviremos toda a história do próprio Peter”.

(O café demorou muito a chegar.)

“O endereço?” murmurou Hugh Whitbread; e houve imediatamente uma ondulação na maré cinzenta de serviço que cercava Lady Bruton dia após dia, coletando-a, interceptando-a, envolvendo-a em um tecido fino que quebrava concussões, atenuava interrupções e espalhava pela casa na Brook

Street uma rede fina onde as coisas se alojavam e eram escolhidas com precisão, instantaneamente, pelo grisalho Perkins, que estivera com Lady Bruton durante esses trinta anos e agora anotava o endereço; Entregou-o ao Sr. Whitbread, que tirou sua carteira, ergueu as sobrancelhas e, colocando-a entre documentos da mais alta importância, disse que pediria a Evelyn que o convidasse para almoçar.

(Eles estavam esperando para trazer o café até que o Sr. Whitbread terminasse.)

Hugh era muito lento, pensou Lady Bruton. Ele estava ficando gordo, ela notou. Richard sempre se manteve em boas condições. Ela estava ficando impaciente; todo o seu ser estava colocando de lado de maneira positiva, inegável e dominadora todas essas ninharias desnecessárias (Peter Walsh e seus assuntos) sobre aquele assunto que atraía sua atenção, e não apenas sua atenção, mas aquela fibra que era a vareta de sua alma, aquela parte essencial dela sem a qual Millicent Bruton não teria sido Millicent Bruton; esse projeto para emigrar jovens de ambos os sexos, nascidos de pais respeitáveis, e proporcionar-lhes uma perspectiva justa de sucesso no Canadá. Ela exagerou. Ela talvez tivesse perdido o senso de proporção. A emigração não era para outros o remédio óbvio, a concepção sublime. Não foi para eles (nem para Hugh, nem para Richard, nem mesmo para a devotada Miss Brush) o libertador do egoísmo reprimido, que uma mulher marcial forte, bem nutrida, bem descendente, de impulsos diretos, sentimentos francos e pouco poder introspectivo (amplo e simples - por que não poderiam todos ser amplos e simples? ela perguntou) sente crescer dentro dela, uma vez passada a juventude, e deve ejetar-se sobre algum objeto - pode ser a Emigração, pode ser a Emancipação; mas seja o que for, este objeto em torno do qual a essência de sua alma é diariamente secretada,

torna-se inevitavelmente prismático, brilhante, meio espelho, meio pedra preciosa; agora cuidadosamente escondido para o caso de as pessoas zombarem dele; agora orgulhosamente exibido. A emigração tornou-se, em suma, em grande parte Lady Bruton.

Mas ela teve que escrever. E uma carta para o Times, ela costumava dizer à Srta. Brush, custou-lhe mais do que organizar uma expedição à África do Sul (o que ela fizera na guerra). Depois de uma batalha matinal começando, rasgando, começando de novo, ela costumava sentir a futilidade de sua própria feminilidade como não a sentiu em nenhuma outra ocasião, e voltava-se agradecida para o pensamento de Hugh Whitbread que possuía - ninguém poderia duvidar disso - a arte de escrever cartas para o Times.

Um ser tão diferente de si mesmo, com tanto domínio da linguagem; capaz de colocar as coisas como editores como eles colocam; tinha paixões que não se poderiam chamar simplesmente de ganância. Lady Bruton muitas vezes suspendia o julgamento dos homens em deferência ao acordo misterioso com que eles, mas nenhuma mulher, mantinham-se com as leis do universo; sabia como colocar as coisas; sabia o que foi dito; de modo que, se Richard a aconselhasse e Hugh escrevesse para ela, ela teria certeza de que, de alguma forma, estava certa. Então ela deixou Hugh comer seu suflê; perguntou pela pobre Evelyn; esperou até que eles estivessem fumando e então disse:

“Milly, você poderia buscar os papéis?”

E a senhorita Brush saiu e voltou; colocou papéis sobre a mesa; e Hugh pegou sua caneta-tinteiro; sua caneta-tinteiro de prata, que havia cumprido vinte anos de serviço, disse ele, desatarraxando a tampa. Ainda estava em perfeita ordem; ele o mostrou aos fabricantes; não havia razão, disseram eles, para que ele se desgastasse; o que de alguma forma era para crédito de

Hugh, e para crédito dos sentimentos que sua pena expressava (assim pensava Richard Dalloway), quando Hugh começou a escrever cuidadosamente letras maiúsculas com anéis em torno delas na margem, e assim reduziu maravilhosamente os emaranhados de Lady Bruton ao sentido, a uma gramática que a editora do Times, Lady Bruton sentiu, observando a maravilhosa transformação, deveria respeitar. Hugh foi lento. Hugh foi pertinaz. Richard disse que é preciso correr riscos. Hugh propôs modificações em deferência aos sentimentos das pessoas, que, disse ele de forma um tanto sarcástica quando Richard riu, “tinham que ser consideradas”, e leu “como, portanto, somos de opinião que os tempos estão maduros... a juventude supérflua de nossa população cada vez maior... o que devemos aos mortos...” o que Richard considerou tudo bobagem e besteira, mas não havia nenhum mal nisso, é claro, e Hugh continuou a redigir sentimentos em ordem alfabética da mais alta nobreza, escovando o charuto cinzas de seu colete e resumindo de vez em quando o progresso que haviam feito até que, finalmente, leu o rascunho de uma carta que Lady Bruton tinha certeza de ser uma obra-prima. Poderia seu próprio significado soar assim?

Hugh não podia garantir que o editor o incluiria; mas ele encontraria alguém no almoço.

Então Lady Bruton, que raramente fazia algo gracioso, enfiou todos os cravos de Hugh na frente do vestido e, estendendo as mãos, chamou-o de “Meu primeiro-ministro!” O que ela teria feito sem os dois, ela não sabia. Eles se levantaram. E Richard Dalloway saiu como sempre para dar uma olhada no retrato do General, porque pretendia, sempre que tivesse um momento de lazer, escrever uma história da família de Lady Bruton.

E Millicent Bruton estava muito orgulhosa de sua família. Mas eles podiam esperar, podiam esperar, disse ela, olhando para a fotografia; significando que a sua família, de militares, administradores, almirantes, tinha sido homens de acção, que tinham cumprido o seu dever; e o primeiro dever de Richard era para com seu país, mas era um rosto bonito, disse ela; e todos os papéis estavam prontos para Richard em Aldmixton sempre que chegasse a hora; o Governo Trabalhista ela se referia. "Ah, as notícias da Índia!" ela chorou.

E então, enquanto eles estavam no corredor tirando luvas amarelas da tigela sobre a mesa de malaquita e Hugh oferecia à Srta. Brush com uma cortesia totalmente desnecessária algum bilhete descartado ou outro elogio, que ela detestava do fundo do coração e corou de vermelho tijolo, Richard virou-se para Lady Bruton, com o chapéu na mão, e disse:

"Veremos você em nossa festa esta noite?" então Lady Bruton retomou a magnificência que a escrita de cartas havia destruído. Ela pode vir; ou ela pode não vir. Clarissa tinha uma energia maravilhosa. As festas aterrorizavam Lady Bruton. Mas então, ela estava ficando velha. Então ela insinuou, parada na porta; bonito; muito ereto; enquanto sua comida se estendia atrás dela, e a Srta. Brush desaparecia no fundo com as mãos cheias de papéis.

E Lady Bruton subiu pesada e majestosamente até seu quarto e deitou-se no sofá, com um braço estendido. Ela suspirou, roncou, não que estivesse dormindo, apenas sonolenta e pesada, sonolenta e pesada, como um campo de trevo ao sol neste dia quente de junho, com as abelhas circulando e as borboletas amarelas. Ela sempre voltava para aqueles campos em Devonshire, onde havia saltado os riachos montada em Patty, seu pônei, com

Mortimer e Tom, seus irmãos. E lá estavam os cachorros; havia os ratos; lá estavam o pai e a mãe no gramado, sob as árvores, com as coisas para o chá, e os canteiros de dalias, as malvas-rosa, a grama dos pampas; e eles, pequenos desgraçados, sempre tramando alguma travessura! voltando furtivamente por entre os arbustos, para não ser visto, todo sujo de alguma malandragem. O que a velha enfermeira dizia dos seus vestidos!

Ah, meu Deus, ela se lembrou - era quarta-feira na Brook Street. Aqueles bons camaradas, Richard Dalloway, Hugh Whitbread, tinham passado pelas ruas neste dia quente cujo rugido chegou até ela deitada no sofá. O poder era dela, posição, renda. Ela viveu na vanguarda de seu tempo. Ela tinha bons amigos; conheceu os homens mais capazes de sua época. Os murmúrios de Londres fluíram até ela, e sua mão, deitada no encosto do sofá, enrolou-se em algum bastão imaginário, como o que seus avós poderiam ter segurado, segurando o qual ela parecia, sonolenta e pesada, estar comandando batalhões marchando para o Canadá, e aqueles bons camaradas atravessando Londres, aquele território deles, aquele pedacinho de tapete, Mayfair.

E eles se afastavam cada vez mais dela, presos a ela por um fio fino (desde que haviam almoçado com ela) que se esticava e esticava, ficando cada vez mais fino à medida que atravessavam Londres; como se os amigos de alguém estivessem presos ao corpo de alguém, depois de almoçar com eles, por um fio fino, que (enquanto ela cochilava ali) se tornava nebuloso com o som dos sinos, marcando a hora ou tocando para o serviço, como um único fio de aranha é manchado com gotas de chuva e, carregado, cede. Então ela dormiu.

E Richard Dalloway e Hugh Whitbread hesitaram na esquina da Conduit Street no exato momento em que Millicent Bruton, deitada no sofá, deixou o fio arrebentar; roncou. Ventos contrários sopravam na esquina. Eles olharam para a vitrine de uma loja; não queriam comprar nem conversar, mas separar-se, apenas com ventos contrários açoitando a esquina, com uma espécie de lapso nas marés do corpo, duas forças reunidas num redemoinho, manhã e tarde, pararam. Algum cartaz de jornal subiu no ar, galantemente, a princípio como uma pipa, depois parou, mergulhou, esvoaçou; e um véu de senhora pendurado. Os toldos amarelos tremeram. A velocidade do trânsito matinal diminuiu e carroças solitárias chacoalhavam descuidadamente pelas ruas meio vazias. Em Norfolk, na qual Richard Dalloway estava meio pensando, um vento suave e quente soprou as pétalas; confundiu as águas; agitou as ervas floridas. Haymakers, que haviam acampado sob sebes para dormir durante o trabalho matinal, abriram cortinas de folhas verdes; moviam globos trêmulos de salsa bovina para ver o céu; o azul, o firme e resplandecente céu de verão.

Ciente de que estava olhando para uma caneca jacobina de prata com duas alças e de que Hugh Whitbread admirava condescendentemente, com ares de conhecedor, um colar espanhol cujo preço ele pensou em perguntar, caso Evelyn pudesse gostar dele, Richard ainda estava entorpecido; não conseguia pensar ou se mover. A vida havia levantado esses destroços; vitrines cheias de pasta colorida, e uma delas ficava parada com a letargia do velho, rígida com a rigidez do velho, olhando para dentro. Evelyn Whitbread talvez gostasse de comprar aquele colar espanhol - e ela poderia. Ele deve bocejar. Hugh estava entrando na loja.

“Você está certo!” — disse Richard, seguindo-o.

Só Deus sabe que ele não queria comprar colares com Hugh. Mas há marés no corpo. A manhã encontra a tarde. Carregado como uma frágil chalupa em inundações muito profundas, o bisavô de Lady Bruton, o seu livro de memórias e as suas campanhas na América do Norte foram esmagados e afundados. E Millicent Bruton também. Ela afundou. Richard não se importava nem um pouco com o que aconteceria com a Emigração; sobre aquela carta, quer o editor a tenha incluído ou não. O colar estava esticado entre os dedos admiráveis de Hugh. Deixe-o dar a uma garota, se precisar comprar joias - qualquer garota, qualquer garota da rua. Pois a inutilidade desta vida atingiu Richard com muita força - comprando colares para Evelyn. Se ele tivesse um menino, ele teria dito: Trabalhe, trabalhe. Mas ele tinha a sua Elizabeth; ele adorava sua Elizabeth.

- Gostaria de ver o Sr. Dubonnet - disse Hugh com o seu jeito sucinto e mundano. Parecia que este Dubonnet tinha as medidas do pescoço da Sra. Whitbread ou, o que era ainda mais estranho, conhecia a sua opinião sobre as jóias espanholas e a extensão dos seus bens nessa linha (da qual Hugh não se lembrava). Tudo isso pareceu a Richard Dalloway terrivelmente estranho. Pois ele nunca deu presentes a Clarissa, exceto uma pulseira há dois ou três anos, que não tinha sido um sucesso. Ela nunca usou. Doeu-lhe lembrar que ela nunca o usou. E como um único fio de aranha, depois de oscilar aqui e ali, prende-se à ponta de uma folha, assim a mente de Richard, recuperando-se da letargia, voltou-se agora para sua esposa, Clarissa, a quem Peter Walsh amara tão apaixonadamente; e Richard teve uma visão repentina dela durante o almoço; dele mesmo e de Clarissa; de sua vida juntos; e ele puxou a bandeja de joias antigas para si e pegou primeiro este broche e depois aquele anel: "Quanto é isso?" ele perguntou, mas duvidou de seu próprio gosto. Queria abrir a porta da sala e entrar segurando alguma coisa; um

presente para Clarissa. Só o quê? Mas Hugh estava de pé novamente. Ele era indescritivelmente pomposo. Na verdade, depois de negociar aqui durante trinta e cinco anos, ele não se deixaria intimidar por um mero rapaz que não conhecia o seu negócio. Pois Dubonnet, ao que parecia, estava fora de questão, e Hugh não compraria nada até que o Sr. Dubonnet decidisse entrar; ao que o jovem corou e curvou-se com sua pequena reverência correta. Estava tudo perfeitamente correto. E ainda assim Richard não poderia ter dito isso para salvar sua vida! Por que essas pessoas suportavam aquela maldita insolência ele não conseguia compreender. Hugh estava se tornando um idiota intolerável. Richard Dalloway não suportava mais do que uma hora de companhia. E, sacudindo o chapéu-coco em despedida, Richard virou na esquina da Conduit Street, ansioso, sim, muito ansioso, por percorrer aquele fio de ligação entre ele e Clarissa; ele iria direto até ela, em Westminster.

Mas ele queria entrar segurando alguma coisa. Flores? Sim, flores, já que não confiava no seu gosto pelo ouro; qualquer quantidade de flores, rosas, orquídeas, para celebrar o que foi, contando as coisas como quiser, um acontecimento; esse sentimento por ela quando falaram de Peter Walsh no almoço; e eles nunca falaram sobre isso; há anos que não falavam disso; o que, pensou ele, juntando as rosas vermelhas e brancas (um vasto buquê em papel de seda), é o maior erro do mundo. Chega o momento em que isso não pode ser dito; alguém é tímido demais para dizer isso, pensou ele, embolsando seus seis pence ou dois de troco, partindo com seu grande buquê preso contra o corpo até Westminster para dizer diretamente e com tantas palavras (o que quer que ela possa pensar dele), estendendo suas flores: “Eu te amo”. Por que não? Realmente foi um milagre pensar na guerra, e em milhares de pobres coitados, com todas as suas vidas pela frente,

amontoados, já meio esquecidos; foi um milagre. Ali estava ele, atravessando Londres para dizer a Clarissa com tantas palavras que a amava. O que nunca se diz, pensou ele. Em parte somos preguiçosos; em parte alguém é tímido. E Clarissa... era difícil pensar nela; exceto nos sobressaltos, como no almoço, quando ele a via claramente; toda a sua vida. Ele parou no cruzamento; e repetido – sendo simples por natureza, e desavergonhado, porque ele pisou e atirou; sendo obstinado e obstinado, tendo defendido os oprimidos e seguido seus instintos na Câmara dos Comuns; sendo preservado em sua simplicidade, mas ao mesmo tempo ficando um tanto mudo e rígido - ele repetiu que era um milagre ter se casado com Clarissa; um milagre - sua vida tinha sido um milagre, pensou ele; hesitando em atravessar. Mas fez seu sangue ferver ver criaturinhas de cinco ou seis anos atravessando Piccadilly sozinhas. A polícia deveria ter parado o trânsito imediatamente. Ele não tinha ilusões sobre a polícia de Londres. Na verdade, ele estava coletando evidências de suas más práticas; e aqueles vendedores ambulantes, proibidos de colocar seus carrinhos de mão nas ruas; e prostitutas, bom Deus, a culpa não estava nelas, nem nos jovens também, mas no nosso detestável sistema social e assim por diante; tudo o que ele considerava, podia ser visto considerando, grisalho, obstinado, elegante, limpo, enquanto atravessava o parque para dizer à esposa que a amava.

Pois ele diria isso com muitas palavras, quando entrasse na sala. Porque é uma pena nunca dizer o que se sente, pensou, atravessando o Parque Verde e observando com prazer como à sombra das árvores se espalhavam famílias inteiras, famílias pobres; crianças levantando as pernas; sugar leite; sacos de papel espalhados, que poderiam ser facilmente recolhidos (se as pessoas se opusessem) por um daqueles cavalheiros gordos de libré; pois ele era de opinião que todos os parques e todas as praças durante os meses de verão deveriam ser abertos às crianças (a grama do parque ficava vermelha e

desbotada, iluminando as pobres mães de Westminster e seus bebês engatinhando, como se uma lâmpada amarela fosse movida abaixo). Mas o que poderia ser feito para mulheres vagabundas como aquela pobre criatura, apoiada nos cotovelos (como se tivesse se jogado no chão, livre de todas as amarras, para observar com curiosidade, para especular com ousadia, para considerar os porquês e os motivos, insolente, de lábios soltos, bem-humorado), ele não sabia. Portando suas flores como uma arma, Richard Dalloway aproximou-se dela; com intenção ele passou por ela; ainda havia tempo para uma faísca entre eles - ela riu ao vê-lo, ele sorriu bem-humorado, considerando o problema da mulher vagabunda; não que eles algum dia falassem. Mas ele diria a Clarissa que a amava, com todas as palavras. Certa vez, ele tivera ciúmes de Peter Walsh; com ciúmes dele e de Clarissa. Mas ela lhe dizia muitas vezes que fizera bem em não se casar com Peter Walsh; o que, conhecendo Clarissa, era obviamente verdade; ela queria apoio. Não que ela fosse fraca; mas ela queria apoio.

08. O quarto do sótão

Bloco de leitura 8 da edição Literunico; a obra original não possui capítulos formais.

Quanto ao Palácio de Buckingham (como uma velha prima donna de frente para o público, toda vestida de branco), não se pode negar-lhe uma certa dignidade, considerou, nem desprezar o que, afinal, representa para milhões de pessoas (uma pequena multidão esperava no portão para ver o rei sair) como um símbolo, por mais absurdo que seja; uma criança com uma caixa de tijolos poderia ter feito melhor, pensou; olhando para o memorial à Rainha Vitória (de quem ele se lembrava com seus óculos de chifre dirigindo por Kensington), seu monte branco, sua maternalidade ondulante; mas gostava de ser governado pelo descendente de Horsa; ele gostava de continuidade; e a sensação de transmitir as tradições do passado. Foi uma ótima época para se ter vivido. Na verdade, a sua própria vida foi um milagre; que ele não se engane sobre isso; ali estava ele, no auge da vida, caminhando até sua casa em Westminster para dizer a Clarissa que a amava. Felicidade é isso, ele pensou.

É isso, disse ele, ao entrar no Dean's Yard. O Big Ben começava a soar, primeiro o aviso, musical; depois a hora, irrevogável. Os almoços desperdiçam a tarde inteira, pensou ele, aproximando-se da porta.

O som do Big Ben inundou a sala de Clarissa, onde ela estava sentada, muito irritada, à sua escrivãzinha; preocupado; incomodado. Era perfeitamente verdade que ela não convidara Ellie Henderson para sua festa; mas ela fez isso de propósito. Agora a Sra. Marsham escreveu “ela disse a Ellie Henderson que convidaria Clarissa - Ellie queria muito vir”.

Mas por que ela deveria convidar todas as mulheres chatas de Londres para suas festas? Por que a Sra. Marsham deveria interferir? E lá estava Elizabeth fechada todo esse tempo com Doris Kilman. Nada mais nauseante ela não poderia conceber. Oração nesta hora com aquela mulher. E o som da campainha inundou a sala com a sua onda melancólica; que recuou e se recompôs para cair mais uma vez, quando ela ouviu, distraidamente, algo se atrapalhando, algo arranhando a porta. Quem a esta hora? Três, bom céu! Já três! Pois com franqueza e dignidade avassaladoras o relógio bateu três horas; e ela não ouviu mais nada; mas a maçaneta da porta escorregou e Richard entrou! Que surpresa! Richard entrou, segurando flores. Ela havia falhado com ele, uma vez em Constantinopla; e Lady Bruton, cujos almoços eram considerados extraordinariamente divertidos, não a convidara. Ele estava segurando flores - rosas, rosas vermelhas e brancas. (Mas ele não conseguia dizer que a amava; não com tantas palavras.)

Mas que adorável, disse ela, pegando as flores dele. Ela entendeu; ela entendeu sem que ele falasse; sua Clarissa. Ela os colocou em vasos sobre a lareira. Como eles pareciam lindos! ela disse. E foi divertido, ela perguntou? Teria Lady Bruton perguntado por ela? Peter Walsh estava de volta. A Sra. Marsham havia escrito. Ela deveria perguntar a Ellie Henderson? Aquela mulher, Kilman, estava lá em cima.

“Mas vamos sentar-nos por cinco minutos”, disse Richard.

Tudo parecia tão vazio. Todas as cadeiras estavam encostadas na parede. O que eles estavam fazendo? Ah, foi para a festa; não, ele não tinha esquecido a festa. Peter Walsh estava de volta. Oh sim; ela o teve. E ele iria se divorciar; e ele estava apaixonado por uma mulher lá fora. E ele não mudou nem um pouco. Lá estava ela, consertando o vestido...

“Pensando em Bourton”, disse ela.

“Hugh estava almoçando”, disse Richard. Ela o conheceu também! Bem, ele estava ficando absolutamente intolerável. Comprar colares Evelyn; mais gordo do que nunca; um idiota intolerável.

“E me ocorreu: ‘Eu poderia ter me casado com você’”, disse ela, pensando em Peter sentado ali com sua pequena gravata-borboleta; com aquela faca, abrindo-a, fechando-a. “Assim como ele sempre foi, você sabe.”

Eles estavam conversando sobre ele no almoço, disse Richard. (Mas ele não podia dizer que a amava. Ele segurou a mão dela. Felicidade é isso, pensou.) Eles estavam escrevendo uma carta para o Times para Millicent Bruton. Isso era tudo para o que Hugh estava preparado.

“E nossa querida senhorita Kilman?” ele perguntou. Clarissa achou as rosas absolutamente lindas; primeiro agrupados; agora por vontade própria começando separados.

“Kilman chega no momento em que almoçamos”, disse ela. “Elizabeth fica rosa. Eles se calam. Suponho que estejam rezando.”

Senhor! Ele não gostou; mas essas coisas passam se você permitir.

“De capa de chuva e guarda-chuva”, disse Clarissa.

Ele não disse “eu te amo”; mas ele segurou a mão dela. Felicidade é isso, é isso, pensou ele.

“Mas por que eu deveria convidar todas as mulheres chatas de Londres para minhas festas?” disse Clarissa. E se a Sra. Marsham desse uma festa, ela convidava seus convidados?

“Pobre Ellie Henderson”, disse Richard — era muito estranho o quanto Clarissa se importava com suas festas, ele pensou.

Mas Richard não tinha noção da aparência de uma sala. No entanto, o que ele iria dizer?

Se ela se preocupasse com essas festas, ele não a deixaria oferecê-las. Ela gostaria de ter se casado com Peter? Mas ele deve ir.

Ele deve estar de folga, disse ele, levantando-se. Mas ele ficou parado por um momento, como se fosse dizer alguma coisa; e ela se perguntou o quê? Por que? Lá estavam as rosas.

“Algum Comitê?” ela perguntou, quando ele abriu a porta.

“Armênios”, disse ele; ou talvez fossem “albaneses”.

E existe dignidade nas pessoas; uma solidão; até mesmo entre marido e mulher há um abismo; e isso é preciso respeitar, pensou Clarissa, vendo-o abrir a porta; pois ninguém se separaria dela ou tomá-la-ia, contra a sua vontade, ao seu marido, sem perder a sua independência, o seu auto-respeito — algo, afinal, inestimável.

Ele voltou com um travesseiro e uma colcha.

“Uma hora de descanso completo depois do almoço”, disse ele. E ele foi.

Quão parecido com ele! Ele continuava dizendo “Uma hora de descanso completo depois do almoço” até o fim dos tempos, porque uma vez um médico havia prescrito isso. Era típico dele interpretar literalmente o que os médicos diziam; parte da sua adorável e divina simplicidade, que ninguém tinha na mesma medida; o que o fez ir e fazer a coisa enquanto ela e Peter desperdiçavam seu tempo brigando. Ele já estava a meio caminho da Câmara

dos Comuns, dos seus armênios, dos seus albaneses, depois de a ter acomodado no sofá, a olhar para as suas rosas. E as pessoas diriam: “Clarissa Dalloway é mimada”. Ela se importava muito mais com suas rosas do que com os armênios. Caçadas até desaparecerem, mutiladas, congeladas, vítimas de crueldade e injustiça (ela tinha ouvido Richard dizer isso repetidas vezes) – não, ela não sentia nada pelos albaneses, ou seriam os armênios? mas ela adorava as suas rosas (isso não ajudava os armênios?) - as únicas flores que ela suportava ver cortadas. Mas Richard já estava na Câmara dos Comuns; na sua Comissão, tendo resolvido todas as suas dificuldades. Mas não; infelizmente, isso não era verdade. Ele não via motivos para não convidar Ellie Henderson. Ela faria isso, é claro, como ele desejasse. Como ele trouxera os travesseiros, ela se deitaria... Mas... mas... por que ela se sentiu de repente, sem nenhuma razão que pudesse descobrir, desesperadamente infeliz? Como uma pessoa que deixou cair um grão de pérola ou de diamante na grama e separa as folhas altas com muito cuidado, de um lado para outro, e procura aqui e ali em vão, e finalmente o espia ali pelas raízes, então ela passou por uma coisa e outra; não, não foi Sally Seton quem disse que Richard nunca estaria no Gabinete porque tinha um cérebro de segunda classe (lembrou-lhe); não, ela não se importava com isso; nem tinha a ver com Elizabeth e Doris Kilman; esses eram fatos. Foi uma sensação, uma sensação desagradável, talvez no início do dia; algo que Peter havia dito, combinado com alguma depressão dela, em seu quarto, tirando o chapéu; e o que Richard dissera acrescentou algo, mas o que ele disse? Lá estavam suas rosas. Suas festas! Foi isso! Suas festas! Ambos a criticaram muito injustamente, riram dela muito injustamente, pelas suas festas. Foi isso! Foi isso!

Bem, como ela iria se defender? Agora que ela sabia o que era, ela se sentia perfeitamente feliz. Eles pensavam, ou pelo menos Peter pensava, que ela gostava de se impor; gostava de ter pessoas famosas ao seu redor; grandes nomes; era simplesmente um esnobe, em suma. Bem, Peter pode pensar assim. Richard simplesmente achou uma tolice da parte dela gostar de excitação quando sabia que isso fazia mal ao seu coração. Era infantil, ele pensou. E ambos estavam completamente errados. O que ela gostava era simplesmente da vida.

“É para isso que faço isso”, disse ela, falando em voz alta, para a vida.

Como ela estava deitada no sofá, enclausurada, isenta, a presença daquela coisa que ela sentia tão óbvia tornou-se fisicamente existente; com vestes de som da rua, ensolarado, com hálito quente, sussurrando, soprando as persianas. Mas suponha que Pedro lhe dissesse: “Sim, sim, mas as suas festas - qual é o sentido das suas festas?” tudo o que ela conseguiu dizer foi (e ninguém poderia entender): Eles são uma oferenda; o que parecia terrivelmente vago. Mas quem era Peter para entender que a vida era tranquila? - Peter sempre apaixonado, sempre apaixonado pela mulher errada? Qual é o seu amor? ela poderia dizer a ele. E ela sabia a resposta dele; como é a coisa mais importante do mundo e nenhuma mulher possivelmente entendeu isso. Muito bem. Mas será que algum homem poderia entender o que ela queria dizer? sobre a vida? Ela não conseguia imaginar Peter ou Richard se dando ao trabalho de dar uma festa sem motivo algum.

Mas, indo mais fundo, por trás do que as pessoas diziam (e desses julgamentos, quão superficiais, quão fragmentários são!) em sua própria mente agora, o que significava para ela essa coisa que ela chamava de vida?

Ah, foi muito estranho. Aqui estava Fulano de Tal em South Kensington; alguém em Bayswater; e outra pessoa, digamos, em Mayfair. E ela sentia continuamente uma sensação da existência deles; e ela sentiu que desperdício; e ela sentiu que pena; e ela sentiu que se ao menos eles pudessem ser reunidos; então ela fez isso. E foi uma oferta; combinar, criar; mas para quem?

Uma oferta por oferecer, talvez. De qualquer forma, foi o presente dela. Nada mais tinha a menor importância para ela; não conseguia pensar, escrever e nem tocar piano. Ela confundiu armênios e turcos; adorei o sucesso; odiava desconforto; deve ser apreciado; falou oceanos de bobagens: e até hoje, pergunte a ela o que era o Equador, e ela não sabia.

Mesmo assim, um dia deveria seguir o outro; Quarta, quinta, sexta, sábado; que se deve acordar de manhã; veja o céu; passear no parque; conheça Hugh Whitbread; então, de repente, entrou Pedro; então estas rosas; foi o suficiente. Depois disso, quão inacreditável foi a morte! - que ela deveria acabar; e ninguém no mundo inteiro saberia como ela amava tudo isso; como, a cada instante....

A porta se abriu. Elizabeth sabia que sua mãe estava descansando. Ela entrou muito silenciosamente. Ela ficou perfeitamente imóvel. Será que algum mongol naufragou na costa de Norfolk (como disse a Sra. Hilbery) e se misturou com as senhoras Dalloway, talvez, há cem anos? Pois os Dalloways, em geral, eram louros; olhos azuis; Elizabeth, pelo contrário, era morena; tinha olhos chineses num rosto pálido; um mistério oriental; era gentil, atencioso, calmo. Quando criança, ela tinha um perfeito senso de humor; mas agora, aos dezessete anos, Clarissa não conseguia entender nem um pouco, ela havia se tornado muito séria; como um jacinto, coberto de verde

brilhante, com botões apenas tingidos, um jacinto que não teve sol.

Ela ficou imóvel e olhou para a mãe; mas a porta estava entreaberta e do lado de fora estava Miss Kilman, como Clarissa sabia; Miss Kilman em sua capa de chuva, ouvindo tudo o que eles diziam.

Sim, Miss Kilman estava no patamar e usava uma capa de chuva; mas tinha seus motivos. Primeiro, era barato; segundo, ela tinha mais de quarenta anos; e, afinal, não se vestia para agradar. Além disso, ela era pobre; degradantemente pobre. Caso contrário, ela não aceitaria empregos de pessoas como os Dalloways; de pessoas ricas, que gostavam de ser gentis. O Sr. Dalloway, para lhe fazer justiça, foi gentil. Mas a Sra. Dalloway não. Ela tinha sido apenas condescendente. Ela veio da classe mais inútil de todas: os ricos, com um pouco de cultura. Eles tinham coisas caras por toda parte; quadros, tapetes, muitos criados. Ela considerava que tinha todo o direito a qualquer coisa que os Dalloway fizessem por ela.

Ela foi enganada. Sim, a palavra não era exagero, pois certamente uma garota tem direito a algum tipo de felicidade? E ela nunca foi feliz, por ser tão desajeitada e tão pobre. E então, tal como ela poderia ter tido uma oportunidade na escola da senhorita Dolby, a guerra chegou; e ela nunca foi capaz de contar mentiras. Miss Dolby pensava que ficaria mais feliz com pessoas que partilhassem a sua opinião sobre os alemães. Ela teve que ir. É verdade que a família era de origem alemã; soletrou o nome Kiehlman no século XVIII; mas seu irmão foi morto. Eles a expulsaram porque ela não fingiria que todos os alemães eram vilões - quando ela tinha amigos alemães, quando os únicos dias felizes de sua vida haviam sido passados na Alemanha! E afinal, ela sabia ler história. Ela teve que pegar tudo o que pudesse conseguir. O Sr. Dalloway a encontrou trabalhando para os Amigos. Ele

permitiu que ela (e isso foi muito generoso da parte dele) ensinasse história à filha. Ela também deu algumas palestras de extensão e assim por diante. Então Nosso Senhor veio até ela (e aqui ela sempre inclinava a cabeça). Ela tinha visto a luz há dois anos e três meses. Agora ela não invejava mulheres como Clarissa Dalloway; ela teve pena deles.

Ela teve pena deles e os desprezou do fundo do coração, enquanto estava no tapete macio, olhando para a antiga gravura de uma menina com um regalo. Com todo esse luxo acontecendo, que esperança havia de uma situação melhor? Em vez de ficar deitada num sofá — “Minha mãe está descansando”, dissera Elizabeth —, ela deveria estar numa fábrica; atrás de um balcão; Sra. Dalloway e todas as outras belas damas!

Amarga e ardente, a Srta. Kilman se transformou em uma igreja há dois anos e três meses. Ela tinha ouvido o reverendo Edward Whittaker pregar; os meninos cantam; vira as luzes solenes descerem, e fosse a música ou as vozes (ela mesma, quando estava sozinha à noite, encontrava conforto em um violino; mas o som era insuportável; ela não tinha ouvido), os sentimentos quentes e turbulentos que ferviam e surgiam nela foram amenizados enquanto ela ficava sentada ali, e ela chorou copiosamente e foi visitar o Sr. Whittaker em sua casa particular em Kensington. Foi a mão de Deus, disse ele. O Senhor lhe mostrou o caminho. Então agora, sempre que os sentimentos ardentes e dolorosos ferviam dentro dela, esse ódio pela Sra. Dalloway, esse rancor contra o mundo, ela pensava em Deus. Ela pensou no Sr. Whittaker. A raiva foi seguida pela calma. Um sabor doce encheu suas veias, seus lábios entreabriram-se e, formidável no patamar, vestindo sua capa de chuva, ela olhou com serenidade firme e sinistra para a Sra. Dalloway, que saiu com sua filha.

Elizabeth disse que havia esquecido as luvas. Isso porque Miss Kilman e sua mãe se odiavam. Ela não suportava vê-los juntos. Ela correu escada acima para encontrar suas luvas.

Mas Miss Kilman não odiava Mrs. Dalloway. Voltando seus grandes olhos cor de groselha para Clarissa, observando seu rostinho rosado, seu corpo delicado, seu ar de frescor e moda, a Srta. Kilman sentiu: Tola! Simplório! Você que não conheceu tristeza nem prazer; que desperdiçaram sua vida! E surgiu nela um desejo avassalador de superá-la; para desmascará-la. Se ela pudesse tê-la derrubado, isso a teria aliviado. Mas não era o corpo; era a alma e sua zombaria que ela desejava subjugar; faça sentir seu domínio. Se ao menos ela pudesse fazê-la chorar; poderia arruiná-la; humilhá-la; deixe-a de joelhos chorando: Você está certo! Mas esta era a vontade de Deus, não da senhorita Kilman. Seria uma vitória religiosa. Então ela olhou feio; então ela olhou carrancuda.

Clarissa ficou realmente chocada. Esta é uma cristã - esta mulher! Esta mulher havia tirado a filha dela! Ela em contato com presenças invisíveis! Pesada, feia, banal, sem gentileza nem graça, ela conhece o sentido da vida!

“Você vai levar Elizabeth às lojas?” — disse a Sra. Dalloway.

Miss Kilman disse que sim. Eles ficaram lá. Miss Kilman não iria se mostrar agradável. Ela sempre ganhou a vida. Seu conhecimento da história moderna era profundo ao extremo. Ela fez com sua escassa renda reservada tanto para causas nas quais acreditava; considerando que esta mulher não fez nada, não acreditou em nada; criou a filha - mas aqui estava Elizabeth, um tanto sem fôlego, a linda garota.

Então eles estavam indo para as lojas. Foi estranho, enquanto a Srta. Kilman ficou ali (e ficou, com o poder e a taciturnidade de algum monstro pré-histórico blindado para a guerra primitiva), como, segundo a segundo, a ideia dela diminuiu, como o ódio (que era por ideias, não por pessoas) desmoronou, como ela perdeu sua malignidade, seu tamanho, tornou-se segundo a segundo apenas Miss Kilman, em uma capa de chuva, a quem Deus sabe que Clarissa teria gostado de ajudar.

Com a diminuição do monstro, Clarissa riu. Dizendo adeus, ela riu.

Lá foram elas juntas, Miss Kilman e Elizabeth, para o andar de baixo.

Com um impulso repentino, com uma angústia violenta, pois esta mulher estava tirando-lhe a filha, Clarissa inclinou-se sobre o corrimão e gritou: "Lembre-se da festa! Lembre-se da nossa festa esta noite!"

Mas Elizabeth já tinha aberto a porta da frente; havia uma van passando; ela não respondeu.

Amor e religião! pensou Clarissa, voltando para a sala, toda formigando. Quão detestáveis, quão detestáveis eles são! Pois agora que o corpo da senhorita Kilman não estava diante dela, isso a impressionou - a ideia. As coisas mais cruéis do mundo, pensou ela, vendo-os desajeitados, quentes, dominadores, hipócritas, bisbilhoteiros, ciumentos, infinitamente cruéis e inescrupulosos, vestidos com uma capa impermeável, no patamar; amor e religião. Ela já havia tentado converter alguém? Ela não desejava que todos fossem apenas eles mesmos? E ela observou pela janela a velha senhora subindo as escadas. Deixe-a subir as escadas se quiser; deixe-a parar; então deixe-a, como Clarissa a via muitas vezes, entrar no quarto, abrir as cortinas e desaparecer novamente no fundo. De alguma forma, isso era respeitado -

aquela velha olhando pela janela, completamente inconsciente de que estava sendo observada. Havia algo de solene nisso - mas o amor e a religião destruiriam isso, fosse lá o que fosse, a privacidade da alma. O odioso Kilman iria destruí-lo. No entanto, foi uma visão que a fez querer chorar.

O amor também foi destruído. Tudo que estava bem, tudo que era verdade foi embora. Veja Peter Walsh agora. Ali estava um homem charmoso, inteligente, com ideias sobre tudo. Se você quisesse saber sobre Pope, digamos, ou Addison, ou apenas falar bobagens, como as pessoas eram, o que as coisas significavam, Peter sabia melhor do que ninguém. Foi Peter quem a ajudou; Peter, que lhe emprestou livros. Mas olhe para as mulheres que ele amou - vulgares, triviais, comuns. Pense em Peter apaixonado - ele veio vê-la depois de todos esses anos, e sobre o que ele falou? Ele mesmo. Paixão horrível! ela pensou. Paixão degradante! ela pensou, pensando em Kilman e sua Elizabeth caminhando até as lojas do Exército e da Marinha.

O Big Ben marcou meia hora.

Como era extraordinário, estranho, sim, comovente, ver a velha senhora (elas eram vizinhas há tantos anos) afastar-se da janela, como se estivesse presa àquele som, àquela corda. Por mais gigantesco que fosse, tinha algo a ver com ela. Para baixo, para baixo, no meio das coisas comuns o dedo caiu tornando o momento solene. Ela foi forçada, assim Clarissa imaginou, por aquele som, a se mover, a ir — mas para onde? Clarissa tentou segui-la enquanto ela se virava e desaparecia, e ainda conseguia ver seu boné branco se movendo no fundo do quarto. Ela ainda estava lá, se movendo do outro lado da sala. Por que credos, orações e capas de chuva? quando, pensou Clarissa, esse é o milagre, esse é o mistério; aquela velha senhora, ela quis dizer, que ela via passando da cômoda para a penteadeira. Ela ainda podia

vê-la. E o mistério supremo que Kilman poderia dizer ter resolvido, ou Peter poderia dizer que tinha resolvido, mas Clarissa não acreditava que nenhum dos dois tivesse a ideia de resolver, era simplesmente este: ali estava um quarto; aí outro. A religião resolveu isso ou o amor?

Amor - mas aqui o outro relógio, o relógio que sempre batia dois minutos depois do Big Ben, chegou arrastando os pés com seu colo cheio de bugigangas, que despejou como se o Big Ben estivesse muito bem com sua majestade estabelecendo a lei, tão solene, tão justa, mas ela deve se lembrar de todo tipo de pequenas coisas além disso - a Sra. Marsham, Ellie Henderson, copos para sorvetes — todos os tipos de coisinhas vieram inundando, lambendo e dançando na esteira daquela batida solene que ficou plana como uma barra de ouro no mar. Sra. Marsham, Ellie Henderson, copos para sorvete. Ela deve telefonar imediatamente.

Voluvelmente, perturbadamente, o relógio tardio soou, chegando na esteira do Big Ben, com seu colo cheio de ninharias. Espancados, destroçados pelo assalto das carruagens, pela brutalidade das carrinhas, pelo avanço ansioso de miríades de homens angulosos, de mulheres ostentosas, pelas cúpulas e torres de escritórios e hospitais, as últimas relíquias deste colo cheio de bugigangas pareciam quebrar-se, como o borriço de uma onda exausta, sobre o corpo de Miss Kilman, parada na rua por um momento para murmurar “É a carne”.

Era a carne que ela deveria controlar. Clarissa Dalloway a insultou. Isso ela esperava. Mas ela não triunfou; ela não havia dominado a carne. Feia e desajeitada, Clarissa Dalloway riu dela por ser assim; e havia reavivado os desejos carnis, pois ela se importava em olhar ao lado de Clarissa. Nem ela poderia falar como ela fez. Mas por que querer parecer-se com ela? Por que?

Ela desprezava a Sra. Dalloway do fundo do coração. Ela não estava falando sério. Ela não era boa. Sua vida era um tecido de vaidade e engano. No entanto, Doris Kilman foi superada. Na verdade, ela quase caiu no choro quando Clarissa Dalloway riu dela. “É a carne, é a carne”, ela murmurou (sendo seu hábito falar em voz alta) tentando dominar esse sentimento turbulento e doloroso enquanto caminhava pela Victoria Street. Ela orou a Deus. Ela não podia deixar de ser feia; ela não tinha dinheiro para comprar roupas bonitas. Clarissa Dalloway riu, mas concentraria sua mente em outra coisa até chegar à caixa de correio. De qualquer forma, ela havia conseguido Elizabeth. Mas ela pensaria em outra coisa; ela pensaria na Rússia; até chegar à caixa de correio.

Como deve ser bom, disse ela, estar no campo, lutando, como o Sr. Whittaker lhe dissera, com aquele rancor violento contra o mundo que a desprezou, zombou dela, a rejeitou, começando com esta indignidade - a imposição de seu corpo desagradável que as pessoas não suportavam ver. Arrumou o cabelo como pôde, a testa permaneceu como um ovo, careca, branca. Nenhuma roupa combinava com ela. Ela pode comprar qualquer coisa. E para uma mulher, claro, isso significava nunca conhecer o sexo oposto. Ela nunca chegaria em primeiro lugar com ninguém. Ultimamente, às vezes lhe parecia que, com exceção de Elizabeth, sua comida era a única razão de sua vida; seu conforto; seu jantar, seu chá; sua bolsa de água quente à noite. Mas é preciso lutar; vencer; tenha fé em Deus. O Sr. Whittaker dissera que ela estava ali com um propósito. Mas ninguém sabia da agonia! Ele disse, apontando para o crucifixo, que Deus sabia. Mas por que ela deveria sofrer quando outras mulheres, como Clarissa Dalloway, escaparam? O conhecimento vem através do sofrimento, disse o Sr. Whittaker.

Ela passou pela caixa de correio e Elizabeth entrou no departamento de tabaco marrom fresco das lojas do Exército e da Marinha enquanto ainda murmurava para si mesma o que o Sr. Whittaker dissera sobre o conhecimento que vem através do sofrimento e da carne. “A carne,” ela murmurou.

Que departamento ela queria? Elizabeth a interrompeu.

“Anáguas”, disse ela abruptamente, e foi direto para o elevador.

Eles subiram. Elizabeth a guiou de um lado para outro; guiou-a em sua abstração como se ela fosse uma criança grande, um navio de guerra pesado. Havia as anáguas, marrons, decorosas, listradas, frívolas, sólidas, frágeis; e ela escolheu, em sua abstração, portentosamente, e a moça que a servia achou que ela estava louca.

Elizabeth perguntou-se, enquanto fechavam o pacote, o que Miss Kilman estaria pensando. Eles precisam tomar chá, disse Miss Kilman, despertando e se recompondo. Eles tomaram chá.

Elizabeth perguntou-se se Miss Kilman estaria com fome. Era o seu jeito de comer, comendo com intensidade e depois olhando, repetidas vezes, para um prato de bolos açucarados na mesa ao lado; então, quando uma senhora e uma criança se sentaram e a criança pegou o bolo, será que a Srta. Kilman realmente se importaria? Sim, a senhorita Kilman se importava. Ela queria aquele bolo – o rosa. O prazer de comer era quase o único prazer puro que lhe restava, e mesmo assim ficar perplexa!

Quando as pessoas estão felizes, elas têm uma reserva, ela dissera a Elizabeth, sobre a qual desenhar, enquanto ela era como uma roda sem pneu (ela gostava dessas metáforas), sacudida por cada pedra, assim ela dizia,

permanecendo depois da aula em pé junto à lareira com sua bolsa de livros, sua “mochila”, como ela chamava, numa manhã de terça-feira, após o término da aula. E ela falou também sobre a guerra. Afinal, havia pessoas que não achavam que os ingleses invariavelmente estavam certos. Havia livros. Houve reuniões. Havia outros pontos de vista. Será que Elizabeth gostaria de ir com ela ouvir Fulano de Tal (um velho de aparência extraordinária)? Então Miss Kilman levou-a a alguma igreja em Kensington e tomaram chá com um clérigo. Ela havia emprestado seus livros. Direito, medicina, política, todas as profissões estão abertas às mulheres da sua geração, disse Miss Kilman. Mas para ela mesma, sua carreira estava absolutamente arruinada e foi culpa dela? Meu Deus, disse Elizabeth, não.

E a mãe dela viria telefonar para dizer que uma cesta tinha vindo de Bourton e que a Srta. Kilman gostaria de algumas flores? Com Miss Kilman ela sempre foi muito, muito simpática, mas Miss Kilman amontoou todas as flores num ramo e não teve nenhuma conversa fiada, e o que interessava a Miss Kilman aborrecia a mãe, e Miss Kilman e ela eram péssimas juntas; e Miss Kilman inchou e parecia muito simples. Mas a senhorita Kilman era terrivelmente inteligente. Elizabeth nunca tinha pensado nos pobres. Eles viviam com tudo o que queriam: a mãe dela tomava café da manhã na cama todos os dias; Lucy o carregou; e ela gostava de mulheres velhas porque eram duquesas e descendiam de algum senhor. Mas Miss Kilman disse (numa daquelas manhãs de terça-feira, quando a aula terminou): “Meu avô tinha uma loja de óleos e tintas em Kensington”. Miss Kilman fazia com que nos sentíssemos tão pequenos.

Miss Kilman tomou outra xícara de chá. Elizabeth, com seu porte oriental, seu mistério inescrutável, sentou-se perfeitamente ereta; não, ela não queria mais nada. Ela procurou suas luvas – suas luvas brancas. Eles estavam

debaixo da mesa. Ah, mas ela não deve ir! Miss Kilman não podia deixá-la ir! essa juventude, que era tão linda, essa menina, que ela amava de verdade! Sua grande mão abriu e fechou sobre a mesa.

Mas talvez fosse um pouco monótono, pensou Elizabeth. E realmente ela gostaria de ir.

Mas disse Miss Kilman: “Ainda não terminei”.

Claro, então, Elizabeth esperaria. Mas estava bastante abafado aqui.

“Você vai à festa hoje à noite?” Senhorita Kilman disse. Elizabeth supôs que ela estava indo; sua mãe queria que ela fosse. Ela não deve deixar que as festas a absorvam, disse Miss Kilman, dedilhando os últimos cinco centímetros de uma bomba de chocolate.

Ela não gostava muito de festas, disse Elizabeth. Miss Kilman abriu a boca, projetou ligeiramente o queixo e engoliu os últimos centímetros da bomba de chocolate, depois limpou os dedos e lavou o chá na xícara.

Ela estava prestes a se separar, ela sentiu. A agonia foi tão terrível. Se ela pudesse agarrá-la, se pudesse abraçá-la, se pudesse torná-la absolutamente sua e para sempre e depois morrer; isso era tudo que ela queria. Mas ficar sentado aqui, sem conseguir pensar em nada para dizer; ver Elizabeth se voltando contra ela; ser considerado repulsivo até mesmo por ela — era demais; ela não aguentava. Os dedos grossos se curvaram para dentro.

“Eu nunca vou a festas”, disse Miss Kilman, só para impedir que Elizabeth fosse. “As pessoas não me convidam para festas” – e ela sabia, ao dizer isso, que esse egoísmo era a sua ruína; O Sr. Whittaker a havia avisado; mas ela não pôde evitar. Ela havia sofrido tão horrivelmente. “Por que eles deveriam

me perguntar?” ela disse. “Estou normal, estou infeliz.” Ela sabia que era idiota. Mas foram todas aquelas pessoas que passavam — pessoas com pacotes que a desprezavam, que a obrigaram a dizer isso. No entanto, ela era Doris Kilman. Ela tinha seu diploma. Ela era uma mulher que abriu caminho no mundo. Seu conhecimento da história moderna era mais do que respeitável.

“Eu não tenho pena de mim mesma”, disse ela. “Tenho pena” – ela pretendia dizer “sua mãe”, mas não, ela não podia, não para Elizabeth. “Tenho mais pena das outras pessoas”, disse ela, “mais”.

Como uma criatura muda que foi levada até um portão com um propósito desconhecido e fica ali desejando sair galopando, Elizabeth Dalloway ficou em silêncio. Miss Kilman iria dizer mais alguma coisa?

“Não se esqueça de mim”, disse Doris Kilman; sua voz tremeu. Imediatamente até o fim do campo, a criatura muda galopou aterrorizada.

A grande mão abriu e fechou.

Elizabeth virou a cabeça. A garçonete veio. Era preciso pagar no balcão, disse Elizabeth, e saiu, extraíndo, pelo que Miss Kilman sentiu, as próprias entranhas de seu corpo, esticando-as enquanto atravessava a sala, e então, com uma reviravolta final, curvando a cabeça muito educadamente, ela foi embora.

Ela tinha ido embora. Miss Kilman estava sentada à mesa de mármore entre os éclairs, atingida uma, duas, três vezes por choques de sofrimento. Ela tinha ido embora. A Sra. Dalloway triunfou. Elizabeth tinha ido embora. A beleza se foi, a juventude se foi.

Então ela se sentou. Ela se levantou, tropeçou entre as mesinhas, balançando levemente de um lado para o outro, e alguém veio atrás dela com sua anágua, e ela se perdeu, e foi cercada por baús especialmente preparados para levar para a Índia; em seguida, entrei os conjuntos de crianças e roupas de bebê; através de todas as mercadorias do mundo, perecíveis e permanentes, presuntos, drogas, flores, artigos de papelaria, com cheiros variados, ora doces, ora azedos, ela cambaleou; viu-se assim cambaleando com o chapéu torto, o rosto muito vermelho, todo o comprimento num espelho; e finalmente saiu para a rua.

09. O diagnóstico de Sir William

Bloco de leitura 9 da edição Literunico; a obra original não possui capítulos formais.

A torre da Catedral de Westminster erguia-se diante dela, a habitação de Deus. No meio do trânsito, estava a habitação de Deus. Obstinadamente, ela partiu com seu pacote para aquele outro santuário, a Abadia, onde, erguendo as mãos em uma tenda diante do rosto, sentou-se ao lado daqueles que também foram levados para o abrigo; os diversos fiéis, agora desprovidos de posição social, quase de sexo, enquanto erguiam as mãos diante do rosto; mas assim que os removeram, homens e mulheres ingleses de classe média, instantaneamente reverentes, alguns deles desejosos de ver as obras de cera.

Mas Miss Kilman manteve a tenda diante do rosto. Agora ela estava abandonada; agora voltou. Novos fiéis chegavam da rua para substituir os passeantes, e mesmo assim, enquanto as pessoas olhavam em volta e se arrastavam diante do túmulo do Guerreiro Desconhecido, ela ainda tapava os olhos com os dedos e tentava, nesta dupla escuridão, pois a luz da Abadia era incorpórea, aspirar acima das vaidades, dos desejos, das comodidades, livrar-se tanto do ódio como do amor. Suas mãos se contraíram. Ela parecia lutar. No entanto, para outros, Deus era acessível e o caminho para Ele era suave. Fletcher, aposentado, do Tesouro, a Sra. uma alma recortada de substância imaterial; não uma mulher, uma alma.

Mas o Sr. Fletcher teve que ir. Ele teve que passar por ela e, sendo ele mesmo muito limpo, não pôde deixar de ficar um pouco angustiado com a doença da pobre senhora; o cabelo solto; seu pacote no chão. Ela não o deixou passar imediatamente. Mas, enquanto ele olhava ao seu redor, para os mármore brancos, as vidraças cinzentas e os tesouros acumulados (pois ele era extremamente orgulhoso da Abadia), sua grandeza, robustez e poder

enquanto ela ficava ali sentada, mexendo os joelhos de vez em quando (era tão rude a abordagem de seu Deus - tão duros seus desejos) o impressionaram, assim como impressionaram a Sra.

E Elizabeth esperou na Victoria Street por um ônibus. Foi tão bom estar ao ar livre. Ela pensou que talvez não precisasse ir para casa ainda. Foi tão bom estar no ar. Então ela pegaria um ônibus. E já, enquanto ela estava ali, com suas roupas muito bem cortadas, tudo estava começando... As pessoas estavam começando a compará-la aos choupos, ao amanhecer, aos jacintos, aos filhotes, à água corrente e aos lírios do jardim; e isso tornava a vida dela um fardo para ela, pois ela preferia muito ser deixada sozinha para fazer o que gostava no campo, mas eles a comparavam a lírios, e ela tinha que ir a festas, e Londres era tão triste em comparação com ficar sozinha no campo com o pai e os cachorros.

Os ônibus passavam, pousavam, eram caravanas berrantes, brilhando com verniz vermelho e amarelo. Mas em que ela deveria abordar? Ela não tinha preferências. Claro, ela não iria forçar seu caminho. Ela tendia a ser passiva. Era de expressão que ela precisava, mas seus olhos eram lindos, chineses, orientais e, como dizia a mãe, com ombros tão bonitos e porte tão ereto, ela era sempre encantadora de se olhar; e ultimamente, especialmente à noite, quando ela estava interessada, pois nunca parecia animada, ela parecia quase linda, muito imponente, muito serena. O que ela poderia estar pensando? Todos os homens se apaixonaram por ela, e ela ficou terrivelmente entediada. Pois estava começando. Sua mãe percebeu isso: os elogios estavam começando. O fato de ela não se importar mais com isso - por exemplo, com suas roupas - às vezes preocupava Clarissa, mas talvez fosse bom para todos aqueles cachorrinhos e porquinhos-da-índia o fato de ter cinomose, e isso lhe dava um encanto. E agora havia uma estranha

amizade com Miss Kilman. Bem, pensou Clarissa por volta das três da manhã, lendo Barão Marbot porque não conseguia dormir, isso prova que ela tem coração.

De repente, Elizabeth deu um passo à frente e embarcou com muita competência no ônibus, na frente de todos. Ela sentou-se em cima. A criatura impetuosa - um pirata - avançou e saltou para longe; ela teve que segurar a amurada para se equilibrar, pois era um pirata, imprudente, inescrupuloso, atacando implacavelmente, contornando perigosamente, arrebatando corajosamente um passageiro, ou ignorando um passageiro, apertando como uma enguia e arrogante no meio, e então avançando insolentemente todas as velas espalhadas por Whitehall. E será que Elizabeth pensou na pobre Miss Kilman, que a amava sem ciúmes, para quem ela tinha sido um cervo ao ar livre, uma lua numa clareira? Ela estava encantada por estar livre. O ar fresco era tão delicioso. Estava tão abafado nas lojas do Exército e da Marinha. E agora era como cavalgar, correr por Whitehall; e a cada movimento do ônibus o belo corpo com o casaco castanho respondia livremente como um cavaleiro, como a figura de proa de um navio, pois a brisa a perturbava ligeiramente; o calor dava-lhe às faces a palidez da madeira pintada de branco; e seus lindos olhos, não tendo olhos para se encontrar, olhavam para frente, vazios, brilhantes, com a incrível inocência da escultura.

Era sempre falar sobre seus próprios sofrimentos que tornava a Srta. Kilman tão difícil. E ela estava certa? Se era o fato de participar de comitês e de dedicar horas e horas todos os dias (ela quase nunca o via em Londres) que ajudava os pobres, o pai dela fazia isso, só Deus sabe - se era isso que Miss Kilman queria dizer sobre ser cristã; mas era tão difícil dizer. Ah, ela gostaria de ir um pouco mais longe. Mais um centavo foi para o Strand? Aqui estava

outro centavo então. Ela subiria o Strand.

Ela gostava de pessoas que estavam doentes. E todas as profissões estão abertas às mulheres da sua geração, disse Miss Kilman. Então ela pode ser médica. Ela pode ser uma agricultora. Os animais estão frequentemente doentes. Ela pode possuir mil acres e ter pessoas sob seu comando. Ela iria vê-los em suas casas. Esta era a Somerset House. Alguém poderia ser um excelente agricultor — e isso, por mais estranho que fosse, Miss Kilman tivesse a sua parte nisso, devia-se quase inteiramente à Somerset House. Parecia tão esplêndido, tão sério, aquele grande edifício cinzento. E ela gostou da sensação das pessoas trabalhando. Ela gostava daquelas igrejas, como formas de papel cinzento, contornando o riacho do Strand. Aqui era bem diferente de Westminster, pensou ela, descendo em Chancery Lane. Foi tão sério; estava tão ocupado. Em suma, ela gostaria de ter uma profissão. Ela se tornaria médica, agricultora, possivelmente ingressaria no Parlamento, se achasse necessário, tudo por causa do Strand.

Os pés daquelas pessoas ocupadas com suas atividades, as mãos colocando pedra em pedra, as mentes eternamente ocupadas não com tagarelices triviais (comparar mulheres a choupos - o que era bastante emocionante, claro, mas muito bobo), mas com pensamentos sobre navios, de negócios, de direito, de administração, e com tudo isso tão imponente (ela estava no Templo), alegre (havia o rio), piedosa (havia a Igreja), a tornaram bastante determinada, o que quer que sua mãe dissesse, a se tornar uma agricultora ou uma médica. Mas ela era, claro, bastante preguiçosa.

E era muito melhor não dizer nada sobre isso. Parecia tão bobo. Era o tipo de coisa que às vezes acontecia quando alguém estava sozinho - edifícios sem nomes de arquitetos, multidões de pessoas voltando da cidade tendo mais

poder do que os clérigos solteiros em Kensington, do que qualquer um dos livros que a Srta. Kilman lhe emprestara, para estimular o que estava sonolento, desajeitado e tímido no chão arenoso da mente a vir à tona, como uma criança de repente estica os braços; foi apenas isso, talvez, um suspiro, um estiramento dos braços, um impulso, uma revelação, que tem efeitos para sempre, e depois desceu novamente até o chão arenoso. Ela deve ir para casa. Ela deve se vestir para o jantar. Mas que horas eram? Onde estava o relógio?

Ela olhou para Fleet Street. Ela caminhou apenas um pouco em direção a St. Paul, timidamente, como alguém que penetra na ponta dos pés, explorando uma casa estranha à noite com uma vela, com medo de que o proprietário de repente escancarasse a porta do quarto e perguntasse o que ela queria, nem ousava vagar por vielas estranhas, ruas secundárias tentadoras, assim como em uma casa estranha, portas abertas que poderiam ser portas de quarto, ou portas de sala de estar, ou levar direto para a despensa. Pois nenhum Dalloways descia diariamente pela Strand; ela era uma pioneira, uma desgarrada, empreendedora e confiante.

Em muitos aspectos, sentia sua mãe, ela era extremamente imatura, como uma criança ainda, apegada a bonecas, a chinelos velhos; um bebê perfeito; e isso foi encantador. Mas é claro que havia na família Dalloway a tradição do serviço público. Abadessas, diretoras, diretoras, dignitários, na república das mulheres - sem serem brilhantes, nenhuma delas, eram isso. Ela penetrou um pouco mais na direção de São Paulo. Ela gostou da genialidade, da irmandade, da maternidade, da irmandade desse alvoroço. Pareceu-lhe bom. O barulho era tremendo; e de repente houve trombetas (dos desempregados) soando, chocalhando no alvoroço; música militar; como se as pessoas estivessem marchando; no entanto, se estivessem morrendo - se alguma

mulher tivesse dado seu último suspiro e quem quer que estivesse olhando, abrindo a janela do quarto onde ela acabara de realizar aquele ato de suprema dignidade, olhasse para Fleet Street, aquele alvoroço, aquela música militar teria chegado triunfante até ele, consoladora, indiferente.

Não foi consciente. Não havia nele nenhum reconhecimento de uma fortuna, ou de um destino, e por essa mesma razão, mesmo para aqueles atordoados ao observar os últimos arrepios de consciência nos rostos dos moribundos, consolava. O esquecimento nas pessoas pode ferir, a sua ingratidão corroer, mas esta voz, derramando-se interminavelmente, ano após ano, aguentaria o que quer que fosse; este voto; esta van; esta vida; esta procissão, envolveria todos eles e os carregaria, como no fluxo agitado de uma geleira o gelo segura uma lasca de osso, uma pétala azul, alguns carvalhos, e os rola.

Mas foi mais tarde do que ela pensava. Sua mãe não gostaria que ela ficasse vagando sozinha assim. Ela voltou pela Strand.

Uma rajada de vento (apesar do calor, ventava bastante) soprou um fino véu preto sobre o sol e sobre o Strand. Os rostos desapareceram; os ônibus de repente perderam o brilho. Pois embora as nuvens fossem de um branco montanhoso, de modo que alguém poderia imaginar cortar lascas duras com uma machadinha, com largas encostas douradas, gramados de jardins de prazeres celestiais em seus flancos, e tivessem toda a aparência de habitações estabelecidas reunidas para a conferência dos deuses acima do mundo, havia um movimento perpétuo entre elas. Os sinais eram trocados quando, como que para cumprir algum esquema já arranjado, ora diminuía um cume, ora um bloco inteiro de tamanho piramidal que mantinha sua posição inalteravelmente avançada no meio ou conduzia gravemente a procissão a um novo ancoradouro. Por mais fixos que parecessem em seus

postos, em repouso em perfeita unanimidade, nada poderia ser mais fresco, mais livre, mais sensível superficialmente do que a superfície branca como a neve ou acesa com ouro; mudar, ir, desmontar o conjunto solene era imediatamente possível; e apesar da grave fixidez, da robustez e da solidez acumuladas, ora iluminavam a terra, ora trevas.

Com calma e competência, Elizabeth Dalloway subiu no ônibus de Westminster.

Indo e vindo, acenando, sinalizando, então a luz e a sombra que ora tornavam a parede cinzenta, ora as bananas amareladas, ora tornavam o Strand cinza, ora tornavam os ônibus amarelos brilhantes, pareciam a Septimus Warren Smith deitado no sofá da sala de estar; observando o ouro aquoso brilhar e desaparecer com a surpreendente sensibilidade de alguma criatura viva nas rosas, no papel de parede. Lá fora, as árvores arrastavam as folhas como redes pelas profundezas do ar; o som da água estava na sala e através das ondas vinham as vozes dos pássaros cantando. Todo poder derramou seus tesouros sobre sua cabeça, e sua mão ficou ali no encosto do sofá, como ele tinha visto sua mão repousar quando estava tomando banho, flutuando, no topo das ondas, enquanto lá longe, na costa, ele ouvia cães latindo e latindo ao longe. Não tema mais, diz o coração no corpo; não tema mais.

Ele não estava com medo. A cada momento, a Natureza expressava, através de alguma sugestão risonha, como aquela mancha dourada que circundava a parede - ali, ali, ali - a sua determinação em mostrar, brandindo as suas plumas, sacudindo as suas tranças, atirando o seu manto para um lado e para o outro, lindamente, sempre lindamente, e ficando perto para respirar através das suas mãos vazias as palavras de Shakespeare, o seu significado.

Rezia, sentada à mesa, torcendo um chapéu nas mãos, observava-o; o vi sorrindo. Ele estava feliz então. Mas ela não suportava vê-lo sorrindo. Não foi casamento; não era ser marido parecer estranho daquele jeito, estar sempre assustado, rindo, sentado hora após hora em silêncio, ou agarrando-a e mandando-a escrever. A gaveta da mesa estava cheia desses escritos; sobre a guerra; sobre Shakespeare; sobre grandes descobertas; como não há morte. Ultimamente, ele tinha ficado excitado de repente, sem motivo algum (e tanto o Dr. Holmes quanto Sir William Bradshaw disseram que a excitação era a pior coisa para ele), e acenou com as mãos e gritou que sabia a verdade! Ele sabia tudo! Aquele homem, seu amigo morto, Evans, tinha vindo, disse ele. Ele estava cantando atrás da tela. Ela escreveu exatamente como ele falou. Algumas coisas eram muito bonitas; outros, pura bobagem. E ele estava sempre parando no meio, mudando de ideia; querer acrescentar algo; ouvir algo novo; ouvindo com a mão levantada.

Mas ela não ouviu nada.

E uma vez encontraram a garota que cuidava da sala lendo um desses jornais em acessos de riso. Foi uma pena terrível. Pois isso fez Septimus gritar sobre a crueldade humana - como eles destroçam uns aos outros. Os caídos, disse ele, são despedaçados. "Holmes é por nossa conta", dizia ele, e inventava histórias sobre Holmes; Holmes comendo mingau; Holmes lendo Shakespeare - fazendo-se rugir de tanto rir ou de raiva, pois o Dr. Holmes parecia representar algo horrível para ele. "Natureza humana", ele o chamava. Depois houve as visões. Ele se afogou, dizia ele, e caiu num penhasco com as gaivotas gritando sobre ele. Ele olhava para o mar por cima da beirada do sofá. Ou ele estava ouvindo música. Na verdade, era apenas um realejo ou algum homem chorando na rua. Mas "Adorável!" ele costumava chorar, e as lágrimas escorriam por seu rosto, o que para ela era

a coisa mais terrível de todas, ver um homem como Septimus, que havia lutado, que era corajoso, chorando. E ele ficava ouvindo até que de repente chorava que estava caindo, caindo nas chamas! Na verdade ela procurava chamas, eram tão vívidas. Mas não havia nada. Eles estavam sozinhos na sala. Era um sonho, ela lhe contava e finalmente o acalmava, mas às vezes ela também ficava assustada. Ela suspirou enquanto costurava.

Seu suspiro era terno e encantador, como o vento fora de um bosque à noite. Agora ela largou a tesoura; agora ela se virou para pegar algo da mesa. Uma pequena mexida, um pequeno enrugamento, uma pequena batida construíram algo na mesa ali, onde ela estava costurando. Através dos cílios ele podia ver o contorno borrado dela; seu corpinho negro; seu rosto e mãos; seus movimentos giratórios à mesa, enquanto pegava um carretel ou procurava (ela corria o risco de perder coisas) sua seda. Ela estava fazendo um chapéu para a filha casada da Sra. Filmer, cujo nome era... ele havia esquecido o nome dela.

“Qual é o nome da filha casada da Sra. Filmer?” ele perguntou.

“Sra. Peters”, disse Rezia. Ela estava com medo de que fosse muito pequeno, disse ela, segurando-o diante de si. A Sra. Peters era uma mulher grande; mas ela não gostou dela. Foi apenas porque a Sra. Filmer foi muito boa com eles. “Ela me deu uvas esta manhã”, disse ela - que Rezia queria fazer algo para mostrar que eles estavam gratos. Ela entrou na sala outra noite e encontrou a Sra. Peters, que pensava que eles estavam fora, tocando gramofone.

“Era verdade?” ele perguntou. Ela estava tocando gramofone? Sim; ela havia contado a ele sobre isso na época; ela encontrou a Sra. Peters tocando gramofone.

Ele começou, com muito cuidado, a abrir os olhos, para ver se realmente havia um gramofone ali. Mas as coisas reais... as coisas reais eram muito excitantes. Ele deve ser cauteloso. Ele não ficaria louco. Primeiro olhou para os jornais de moda na prateleira de baixo e depois, gradualmente, para o gramofone com a trombeta verde. Nada poderia ser mais exato. E assim, reunindo coragem, olhou para o aparador; o prato de bananas; a gravura da Rainha Vitória e do Príncipe Consorte; junto à lareira, com o jarro de rosas. Nenhuma dessas coisas se moveu. Todos estavam imóveis; todos eram reais.

“Ela é uma mulher com uma língua rancorosa”, disse Rezia.

“O que o Sr. Peters faz?” Sétimo perguntou.

“Ah”, disse Rezia, tentando lembrar. Ela pensou que a Sra. Filmer havia dito que ele viajava em companhia de alguma pessoa. “Agora mesmo ele está em Hull”, disse ela.

"Agora mesmo!" Ela disse isso com seu sotaque italiano. Ela mesma disse isso. Ele protegeu os olhos para poder ver apenas um pouco do rosto dela de cada vez, primeiro o queixo, depois o nariz, depois a testa, caso estivesse deformada ou tivesse alguma marca terrível. Mas não, lá estava ela, perfeitamente natural, costurando, com os lábios franzidos que as mulheres têm, o conjunto, a expressão melancólica, quando costura. Mas não havia nada de terrível nisso, ele se assegurou, olhando uma segunda vez, uma terceira vez para o rosto dela, para as mãos, pois o que havia de assustador ou nojento nela enquanto estava ali sentada em plena luz do dia, costurando? A Sra. Peters tinha uma língua rancorosa. O Sr. Peters estava em Hull. Por que então se enfurecer e profetizar? Por que voar flagelado e marginalizado? Por que tremer e soluçar pelas nuvens? Por que procurar verdades e transmitir mensagens quando Rezia estava sentada espetando alfinetes na

frente do vestido e o Sr. Peters estava em Hull? Milagres, revelações, agonias, solidão, cair no mar, cair, cair nas chamas, tudo se extinguiu, pois ele teve a sensação, enquanto observava Rezia aparar o chapéu de palha para a Sra. Peters, de uma colcha de flores.

“É pequeno demais para a Sra. Peters”, disse Septimus.

Pela primeira vez em dias ele falava como costumava fazer! Claro que era - absurdamente pequeno, disse ela. Mas a Sra. Peters escolheu isso.

Ele tirou das mãos dela. Ele disse que era um chapéu de macaco de tocador de realejo.

Como isso a alegrou! Não fazia semanas que eles riam assim juntos, zombando em particular como pessoas casadas. O que ela quis dizer foi que se a Sra. Filmer tivesse entrado, ou a Sra. Peters, ou qualquer outra pessoa, eles não teriam entendido do que ela e Septimus estavam rindo.

“Pronto”, disse ela, prendendo uma rosa em um lado do chapéu. Ela nunca se sentiu tão feliz! Nunca na vida dela!

Mas isso era ainda mais ridículo, disse Septimus. Agora a pobre mulher parecia um porco numa feira. (Ninguém nunca a fez rir como Septimus fez.)

O que ela tinha em sua caixa de trabalho? Ela tinha fitas e miçangas, borlas, flores artificiais. Ela os jogou sobre a mesa. Ele começou a juntar cores estranhas - pois embora não tivesse dedos, não conseguisse nem fechar um pacote, ele tinha um olho maravilhoso, e muitas vezes estava certo, às vezes absurdo, é claro, mas às vezes maravilhosamente certo.

“Ela terá um lindo chapéu!” ele murmurou, pegando isso e aquilo, Rezia ajoelhada ao seu lado, olhando por cima do ombro. Agora estava concluído -

isto é, o projeto; ela deve costurá-lo. Mas ela deveria ter muito, muito cuidado, disse ele, para mantê-lo exatamente como ele o havia feito.

Então ela costurou. Quando ela costurava, pensou ele, ela fazia um barulho como o de uma chaleira no fogão; borbulhando, murmurando, sempre ocupada, seus dedinhos fortes e pontiagudos beliscando e cutucando; sua agulha piscando em linha reta. O sol podia entrar e sair, nas borlas, no papel de parede, mas ele esperaria, pensou, esticando os pés, olhando para a meia com argolas na ponta do sofá; ele esperaria neste lugar quente, nesta bolsa de ar parado, que às vezes encontramos na beira de um bosque à noite, quando, por causa de uma queda no chão, ou de algum arranjo das árvores (é preciso ser científico acima de tudo, científico), o calor permanece, e o ar bate na bochecha como a asa de um pássaro.

"Aí está", disse Rezia, girando o chapéu da Sra. Peters na ponta dos dedos. "Isso servirá por enquanto. Mais tarde..." sua frase borbulhava gotejando, gotejando, gotejando, como uma torneira satisfeita deixada aberta.

Foi maravilhoso. Ele nunca havia feito nada que o deixasse tão orgulhoso. Era tão real, tão substancial, o chapéu da Sra. Peters.

"Basta olhar para isso", disse ele.

Sim, ela sempre ficaria feliz em ver aquele chapéu. Ele havia se tornado ele mesmo naquela época, ele havia rido então. Eles estavam sozinhos. Ela sempre gostaria daquele chapéu.

Ele disse a ela para experimentar.

"Mas devo parecer tão esquisito!" ela gritou, correndo até o vidro e olhando primeiro para um lado e depois para aquele. Então ela o arrancou

novamente, pois houve uma batida na porta. Poderia ser Sir William Bradshaw? Ele já havia enviado?

Não! era apenas a garotinha do jornal vespertino.

O que sempre aconteceu, então aconteceu - o que aconteceu todas as noites de suas vidas. A menininha chupou o dedo na porta; Rezia caiu de joelhos; Rezia arrulhou e beijou; Rezia tirou um saco de doces da gaveta da mesa. Pois assim sempre aconteceu. Primeiro uma coisa, depois outra. Então ela construiu, primeiro uma coisa e depois outra. Dançando, pulando, girando e girando pela sala eles andavam. Ele pegou o papel. Surrey estava completamente fora, ele leu. Houve uma onda de calor. Rezia repetiu: Surrey estava totalmente eliminado. Houve uma onda de calor, fazendo parte da brincadeira que ela fazia com o neto de Dona Filmer, os dois rindo, conversando ao mesmo tempo, na brincadeira. Ele estava muito cansado. Ele estava muito feliz. Ele iria dormir. Ele fechou os olhos. Mas assim que ele não viu nada, os sons do jogo tornaram-se mais fracos e estranhos e pareciam gritos de pessoas que procuravam e não encontravam, e que se afastavam cada vez mais. Eles o haviam perdido!

Ele começou aterrorizado. O que ele viu? O prato de bananas no aparador. Não havia ninguém (Rezia havia levado a criança para a mãe. Era hora de dormir). Era isso: ficar sozinho para sempre. Essa foi a condenação pronunciada em Milão quando ele entrou na sala e os viu recortando formas de entretela com suas tesouras; ficar sozinho para sempre.

Ele estava sozinho com o aparador e as bananas. Ele estava sozinho, exposto naquela eminência sombria, estendido - mas não no topo de uma colina; não em um penhasco; no sofá da sala da Sra. Filmer. Quanto às visões, aos rostos, às vozes dos mortos, onde estavam? Havia uma tela à sua frente, com

juncos pretos e andorinhas azuis. Onde antes ele vira montanhas, onde vira rostos, onde vira beleza, havia uma tela.

“Evans!” ele gritou. Não houve resposta. Um rato guinchou ou uma cortina farfalhou. Essas eram as vozes dos mortos. O biombo, o balde de carvão, o aparador permaneceram com ele. Deixe-o então encarar a tela, o balde de carvão e o aparador... mas Rezia irrompeu na sala tagarelando.

Alguma carta havia chegado. Os planos de todos foram mudados. Afinal, a Sra. Filmer não poderia ir a Brighton. Não houve tempo para avisar a Sra. Williams, e realmente Rezia achou isso muito, muito chato, quando avistou o chapéu e pensou... talvez... ela... poderia apenas fazer um pouco... Sua voz morreu em uma melodia satisfeita.

“Ah, droga!” ela gritou (era uma piada deles, ela xingou), a agulha havia quebrado. Chapéu, criança, Brighton, agulha. Ela construiu tudo; primeiro uma coisa, depois outra, ela construiu, costurando.

Ela queria que ele dissesse se, ao mover a rosa, ela havia melhorado o chapéu. Ela se sentou na ponta do sofá.

Eles estavam perfeitamente felizes agora, disse ela, de repente, abaixando o chapéu. Pois ela poderia dizer qualquer coisa para ele agora. Ela poderia dizer tudo o que lhe viesse à cabeça. Essa foi quase a primeira coisa que ela sentiu por ele, naquela noite no café, quando ele entrou com seus amigos ingleses. Ele entrou, um tanto tímido, olhando em volta, e seu chapéu caiu quando ele o pendurou. Que ela pudesse se lembrar. Ela sabia que ele era inglês, embora não fosse um dos ingleses corpulentos que sua irmã admirava, pois sempre foi magro; mas ele tinha uma bela cor fresca; e com seu nariz grande, seus olhos brilhantes, seu jeito de sentar um pouco

encurvado a faziam pensar, ela lhe contara muitas vezes, em um jovem falcão, naquela primeira noite em que o viu, quando estavam jogando dominó, e ele havia entrado - em um jovem falcão; mas com ela ele sempre foi muito gentil. Ela nunca o tinha visto selvagem ou bêbado, apenas sofrendo algumas vezes durante aquela guerra terrível, mas mesmo assim, quando ela chegasse, ele deixaria tudo de lado. Qualquer coisa, qualquer coisa no mundo inteiro, qualquer pequeno incômodo com o trabalho dela, qualquer coisa que lhe ocorresse dizer que ela contaria a ele, e ele entendeu imediatamente. Sua própria família ainda não era a mesma. Sendo mais velho do que ela e sendo tão inteligente (como ele falava sério, querendo que ela lesse Shakespeare antes mesmo de poder ler uma história infantil em inglês!), sendo muito mais experiente, ele poderia ajudá-la. E ela também poderia ajudá-lo.

Mas este chapéu agora. E então (estava ficando tarde) Sir William Bradshaw.

Ela levou as mãos à cabeça, esperando que ele dissesse se gostou ou não do chapéu, e enquanto ela ficava ali sentada, esperando, olhando para baixo, ele podia sentir a mente dela, como um pássaro, caindo de galho em galho, e sempre pousando, com toda razão; ele podia seguir a mente dela, enquanto ela ficava ali sentada em uma daquelas poses relaxadas que lhe eram naturais e, se ele dissesse alguma coisa, ela imediatamente sorria, como um pássaro pousando com todas as garras firmes no galho.

Mas ele se lembrou de que Bradshaw disse: "As pessoas de quem mais gostamos não são boas para nós quando estamos doentes". Bradshaw disse, ele deve ser ensinado a descansar. Bradshaw disse que eles deveriam ser separados.

“Deve”, “deve”, por que “deve”? Que poder Bradshaw tinha sobre ele? “Que direito Bradshaw tem de dizer ‘deve’ para mim?” ele exigiu.

“É porque você falou em se matar”, disse Rezia. (Felizmente, ela agora poderia dizer qualquer coisa a Septimus.)

Então ele estava em seu poder! Holmes e Bradshaw estavam atrás dele! O bruto com narinas vermelhas estava farejando todos os lugares secretos! “Deve” poderia dizer! Onde estavam seus papéis? as coisas que ele havia escrito?

Ela trouxe-lhe os papéis dele, as coisas que ele havia escrito, as coisas que ela havia escrito para ele. Ela os jogou no sofá. Eles olharam para eles juntos. Diagramas, desenhos, homenzinhos e mulheres brandindo bastões no lugar dos braços, com asas - não é? - nas costas; círculos traçados em torno de xelins e seis pence - os sóis e as estrelas; precipícios em ziguezague com montanhistas subindo amarrados uns aos outros, exatamente como facas e garfos; pedaços de mar com carinhas rindo do que talvez fossem ondas: o mapa-múndi. Queime-os! ele gritou. Agora, para seus escritos; como os mortos cantam atrás dos arbustos de rododendros; odes ao Tempo; conversas com Shakespeare; Evans, Evans, Evans - suas mensagens dos mortos; não corte árvores; diga ao primeiro-ministro. Amor universal: o significado do mundo. Queime-os! ele gritou.

Mas Rezia colocou as mãos sobre eles. Algumas eram muito bonitas, ela pensou. Ela os amarrava (pois não tinha envelope) com um pedaço de seda.

Mesmo que o levassem, disse ela, ela iria com ele. Eles não poderiam separá-los contra sua vontade, disse ela.

Embaralhando as bordas, ela fechou os papéis e amarrou o pacote quase sem olhar, sentando-se ao lado dele, pensou ele, como se todas as suas pétalas estivessem ao seu redor. Ela era uma árvore florida; e através de seus galhos olhava o rosto de uma legisladora, que havia chegado a um santuário onde não temia ninguém; não Holmes; não Bradshaw; um milagre, um triunfo, o último e maior. Cambaleando, ele a viu subir a terrível escadaria, carregada de Holmes e Bradshaw, homens que nunca pesavam menos de onze quilos e seis, que mandavam suas esposas para a corte, homens que ganhavam dez mil por ano e falavam em proporção; que eram diferentes em seus veredictos (pois Holmes disse uma coisa, Bradshaw outra), mas eram juízes; quem misturou a visão e o sideboard; não vi nada claro, mas governado, mas infligido. “Deve” eles disseram. Sobre eles ela triunfou.

“Pronto!” ela disse. Os papéis estavam amarrados. Ninguém deveria chegar até eles. Ela os guardaria.

E, ela disse, nada deveria separá-los. Ela sentou-se ao lado dele e chamou-o pelo nome daquele falcão ou corvo que, sendo malicioso e grande destruidor de colheitas, era exatamente como ele. Ninguém poderia separá-los, ela disse.

Então ela se levantou para ir ao quarto arrumar as coisas, mas ouvindo vozes lá embaixo e pensando que o Dr. Holmes talvez tivesse telefonado, desceu correndo para impedi-lo de subir.

Septimus podia ouvi-la conversando com Holmes na escada.

“Minha cara senhora, vim como amigo”, dizia Holmes.

“Não. Não permitirei que você veja meu marido”, disse ela.

Ele podia vê-la, como uma pequena galinha, com as asas abertas impedindo sua passagem. Mas Holmes perseverou.

“Minha querida senhora, permita-me...” disse Holmes, deixando-a de lado (Holmes era um homem de constituição forte).

Holmes estava subindo. Holmes abriria a porta. Holmes diria “Em pânico, hein?” Holmes o pegaria. Mas não; não Holmes; não Bradshaw. Levantando-se um tanto instável, saltando de um pé para outro, ele considerou a bela faca de pão limpa da Sra. Filmer com “Pão” gravado no cabo. Ah, mas não se deve estragar isso. O fogo de gás? Mas agora era tarde demais. Holmes estava chegando. Ele poderia ter comprado lâminas de barbear, mas Rezia, que sempre fazia esse tipo de coisa, as empacotou. Restava apenas a janela, a grande janela da casa de alojamento em Bloomsbury, a tarefa cansativa, problemática e bastante melodramática de abrir a janela e atirar-se para fora. A ideia de tragédia era deles, não dele ou de Rezia (pois ela estava com ele). Holmes e Bradshaw gostam desse tipo de coisa. (Ele sentou-se no parapeito.) Mas esperaria até o último momento. Ele não queria morrer. A vida era boa. O sol quente. Somente seres humanos - o que eles queriam? Descendo a escada em frente, um velho parou e olhou para ele. Holmes estava na porta. “Eu vou te dar!” — gritou ele, e atirou-se vigorosa e violentamente contra a grade da área da Sra. Filmer.

10. O fio da tarde

Bloco de leitura 10 da edição Literunico; a obra original não possui capítulos formais.

“O covarde!” - exclamou o Dr. Holmes, arrombando a porta. Rezia correu até a janela, ela viu; ela entendeu. O Dr. Holmes e a Sra. Filmer colidiram um com o outro. Dona Filmer agitou o avental e a fez esconder os olhos no quarto. Houve muita correria subindo e descendo escadas. O Dr. Holmes entrou, branco como um lençol, tremendo todo, com um copo na mão. Ela deveria ser corajosa e beber alguma coisa, ele disse (O que foi? Algo doce), pois seu marido estava terrivelmente mutilado, não recuperaria a consciência, ela não deveria vê-lo, deveria ser poupada tanto quanto possível, teria que passar pelo inquérito, pobre jovem. Quem poderia ter previsto isso? Um impulso repentino, a culpa não era de ninguém (disse à Sra. Filmer). E por que diabos ele fez isso, o Dr. Holmes não conseguia entender.

Enquanto bebia o doce, teve a impressão de que estava abrindo longas janelas e saindo para algum jardim. Mas onde? O relógio batia - um, dois, três: quão sensato era o som; comparado com todas essas batidas e sussurros; como o próprio Sétimo. Ela estava adormecendo. Mas o relógio continuava batendo quatro, cinco, seis e a senhora Filmer agitando o avental (não trariam o corpo para cá, não é?) parecia fazer parte daquele jardim; ou uma bandeira. Certa vez, ela vira uma bandeira ondulando lentamente em um mastro quando estava na casa da tia em Veneza. Os homens mortos em batalha foram assim saudados, e Septimus já havia passado pela guerra. De suas memórias, a maioria era feliz.

Ela colocou o chapéu e correu pelos campos de milho - onde poderia ter sido? - até alguma colina, em algum lugar perto do mar, pois havia navios, gaivotas, borboletas; eles se sentaram em um penhasco. Também em

Londres, lá estavam eles, e, meio sonhando, vieram até ela pela porta do quarto, a chuva caindo, sussurros, agitação entre o milho seco, a carícia do mar, como lhe parecia, escavando-os em sua concha arqueada e murmurando para ela deitada na praia, espalhada, ela sentia, como flores voando sobre algum túmulo.

“Ele está morto”, disse ela, sorrindo para a pobre velha que a vigiava com seus honestos olhos azuis claros fixos na porta. (Eles não o trariam aqui, não é?) Mas a Sra. Filmer zombou. Ah não, ah não! Eles o estavam levando embora agora. Ela não deveria ser informada? Pessoas casadas deveriam ficar juntas, pensou a Sra. Filmer. Mas eles devem fazer o que o médico disse.

“Deixe-a dormir”, disse o Dr. Holmes, sentindo seu pulso. Ela viu o grande contorno de seu corpo escuro contra a janela. Então esse era o Dr. Holmes.

Um dos triunfos da civilização, pensou Peter Walsh. É um dos triunfos da civilização, como soou o sino alto e leve da ambulância. De forma rápida e limpa, a ambulância correu para o hospital, tendo apanhado instantaneamente, humanamente, algum pobre diabo; alguém foi atingido na cabeça, atingido por uma doença, derrubado talvez há um minuto ou mais em uma dessas travessias, como pode acontecer com alguém. Isso foi civilização. O que o impressionou ao voltar do Leste - a eficiência, a organização, o espírito comunitário de Londres. Cada carroça ou carruagem se afastava por vontade própria para deixar passar a ambulância. Talvez fosse mórbido; ou não foi comovente o respeito que demonstraram por esta ambulância com sua vítima lá dentro - homens ocupados correndo para casa, mas imediatamente pensando neles quando ela passou por alguma esposa; ou presumivelmente quão facilmente poderiam ter sido eles ali, estendidos

numa prateleira com um médico e uma enfermeira... Ah, mas o pensamento tornou-se mórbido, sentimental, assim que se começou a evocar médicos, cadáveres; um pequeno brilho de prazer, uma espécie de luxúria também sobre a impressão visual alertava-nos para não continuarmos com esse tipo de coisa - fatal para a arte, fatal para a amizade. Verdadeiro. E, no entanto, pensou Peter Walsh, quando a ambulância dobrou a esquina, embora o sino alto e leve pudesse ser ouvido na rua seguinte e ainda mais longe, ao cruzar a Tottenham Court Road, tocando constantemente, é o privilégio da solidão; na privacidade, pode-se fazer o que quiser. Alguém poderia chorar se ninguém visse. Foi a sua ruína - esta suscetibilidade - na sociedade anglo-indiana; não chorar na hora certa, nem rir. Tenho isso em mim, pensou ele, ao lado da caixa de correio, que agora podia se dissolver em lágrimas. Por que, Deus sabe. Provavelmente algum tipo de beleza, e o peso do dia, que a partir daquela visita a Clarissa o havia esgotado com seu calor, sua intensidade, e o gotejamento, gotejamento, de uma impressão após outra até aquele porão onde eles estavam, profundos, escuros, e ninguém jamais saberia. Em parte por isso, pelo seu segredo, completo e inviolável, ele achou a vida como um jardim desconhecido, cheio de curvas e recantos, surpreendente, sim; realmente era de tirar o fôlego esses momentos; chegando até ele perto da caixa de correio em frente ao Museu Britânico, um deles, um momento em que as coisas se encaixaram; esta ambulância; e vida e morte. Era como se ele fosse sugado para um telhado muito alto por aquela onda de emoção e o resto dele, como uma praia branca salpicada de conchas, ficasse nu. Essa suscetibilidade foi sua ruína na sociedade anglo-indiana.

Certa vez, Clarissa, subindo com ele em um ônibus para algum lugar, Clarissa pelo menos superficialmente, tão facilmente emocionada, ora desesperada, ora de bom humor, toda trêmula naquela época e em tão boa

companhia, avistando pequenas cenas, nomes e pessoas estranhas do alto de um ônibus, pois costumavam explorar Londres e trazer sacolas cheias de tesouros do mercado da Caledônia - Clarissa tinha uma teoria naquela época - eles tinham montes de teorias, sempre teorias, como os jovens têm. Foi para explicar o sentimento de insatisfação que tinham; não conhecer pessoas; não sendo conhecido. Pois como eles poderiam se conhecer? Você se encontrava todos os dias; então não por seis meses ou anos. Era insatisfatório, concordaram eles, o quão pouco se conhecia as pessoas. Mas ela disse, sentada no ônibus subindo a Avenida Shaftesbury, que se sentia em todos os lugares; não “aqui, aqui, aqui”; e ela bateu nas costas do assento; mas em todos os lugares. Ela acenou com a mão, subindo a Avenida Shaftesbury. Ela era tudo isso. De modo que para conhecê-la, ou a qualquer pessoa, é preciso procurar as pessoas que os completaram; até mesmo os lugares. Estranhas afinidades ela tinha com pessoas com quem nunca havia falado, alguma mulher na rua, algum homem atrás de um balcão - até mesmo árvores ou celeiros. Terminou numa teoria transcendental que, com o seu horror à morte, permitiu-lhe acreditar, ou dizer que acreditava (apesar de todo o seu ceticismo), que como as nossas aparições, a parte de nós que aparece, são tão momentâneas em comparação com a outra, a parte invisível de nós, que se espalha amplamente, o invisível pode sobreviver, ser recuperado de alguma forma ligado a esta ou aquela pessoa, ou mesmo assombrando certos lugares após a morte... talvez - talvez.

Olhando para trás, para aquela longa amizade de quase trinta anos, sua teoria funcionou até esse ponto. Por mais breves, interrompidos, muitas vezes dolorosos que tivessem sido seus encontros reais, com suas ausências e interrupções (esta manhã, por exemplo, Elizabeth apareceu, como um potro de pernas compridas, bonito, mudo, justamente quando ele estava

começando a falar com Clarissa), o efeito deles em sua vida foi imensurável. Havia um mistério nisso. Você recebeu um grão agudo, agudo e desconfortável - o encontro em si; terrivelmente doloroso na maioria das vezes; no entanto, na ausência, nos lugares mais improváveis, ela floresceria, se abria, exalaria seu perfume, deixaria você tocar, provar, olhar ao seu redor, sentir toda a sua sensação e compreensão, depois de anos de perda. Assim ela veio até ele; a bordo do navio; no Himalaia; sugerido pelas coisas mais estranhas (assim Sally Seton, ganso generoso e entusiasmado! pensou nele quando viu hortênsias azuis). Ela o influenciou mais do que qualquer pessoa que ele já conheceu. E sempre assim se apresentando diante dele sem que ele queira, fria, elegante, crítica; ou arrebatador, romântico, lembrando algum campo ou colheita inglesa. Ele a via com mais frequência no campo, não em Londres. Uma cena após a outra em Bourton....

Ele havia chegado ao seu hotel. Ele atravessou o corredor, com seus montes de cadeiras e sofás avermelhados, suas plantas com folhas pontiagudas e de aparência murcha. Ele tirou a chave do gancho. A jovem entregou-lhe algumas cartas. Ele subiu as escadas - via-a com mais frequência em Bourton, no final do verão, quando ficava lá por uma semana, ou até quinze dias, como as pessoas faziam naquela época. Primeiro, no topo de alguma colina, ela ficava lá, com as mãos nos cabelos, a capa esvoaçando, apontando, chorando para eles - ela via o Severn abaixo. Ou numa lenha, fazendo a chaleira ferver - muito ineficaz com os dedos; a fumaça fazendo uma reverência, soprando em seus rostos; seu rostinho rosa aparecendo; implorando água a uma velha de uma cabana, que veio até a porta para vê-los partir. Eles andavam sempre; os outros dirigiram. Ela estava entediada de dirigir, não gostava de todos os animais, exceto daquele cachorro. Eles percorreram quilômetros ao longo das estradas. Ela iria parar para se

orientar e pilotá-lo de volta pelo país; e o tempo todo eles discutiam, discutiam poesia, discutiam pessoas, discutiam política (ela era Radical na época); nunca notando nada, exceto quando ela parava, gritava diante de uma vista ou de uma árvore e o fazia olhar com ela; e assim por diante, por campos de restolho, ela caminhando à frente, com uma flor para a tia, não se cansava de caminhar com toda a sua delicadeza; descer em Bourton ao anoitecer. Então, depois do jantar, o velho Breitkopf abria o piano e cantava sem voz, e eles ficavam afundados em poltronas, tentando não rir, mas sempre desabando e rindo, rindo - rindo do nada. Breitkopf deveria não ver. E então, pela manhã, flertando para cima e para baixo como uma alvéola na frente de casa...

Ah, era uma carta dela! Este envelope azul; essa era a mão dela. E ele teria que ler. Aqui estava outra daquelas reuniões, que certamente seria dolorosa! Ler a carta dela exigia um esforço infernal. "Como foi maravilhoso vê-lo. Ela deve dizer isso a ele." Isso foi tudo.

Mas isso o aborreceu. Isso o irritou. Ele desejou que ela não tivesse escrito. Somando-se aos seus pensamentos, foi como uma cutucada nas costelas. Por que ela não podia deixá-lo em paz? Afinal, ela se casou com Dalloway e viveu com ele em perfeita felicidade todos esses anos.

Estes hotéis não são lugares consoladores. Longe disso. Inúmeras pessoas penduraram seus chapéus naqueles ganchos. Até as moscas, se você pensar bem, pousaram no nariz das outras pessoas. Quanto à limpeza que o atingiu no rosto, não foi limpeza, mas sim nudez, frigidez; uma coisa que tinha que ser. Alguma matrona árida fazia suas rondas de madrugada farejando, espiando, fazendo com que empregadas de nariz azul vasculhassem, por todo o mundo, como se o próximo visitante fosse um pedaço de carne a ser servido

em uma travessa perfeitamente limpa. Para dormir, uma cama; para sentar, uma poltrona; para limpar os dentes e raspar o queixo, um copo, um espelho. Livros, cartas, roupão, deslizavam na impessoalidade da crina como impertinências incongruentes. E foi a carta de Clarissa que o fez ver tudo isso. "É um prazer ver você. Ela deve dizer isso!" Ele dobrou o papel; empurrou-o para longe; nada o induziria a lê-lo novamente!

Para lhe entregar aquela carta às seis horas, ela devia ter-se sentado e escrito logo que ele a deixou; carimbou; enviou alguém para o posto. Era, como dizem, muito parecido com ela. Ela ficou chateada com a visita dele. Ela sentiu muito; por um momento, quando ela beijou sua mão, lamentou, até invejou-o, lembrou-se possivelmente (pois ele a viu olhar) de algo que ele havia dito - como eles mudariam o mundo se ela se casasse com ele, talvez; ao passo que foi isso; era meia-idade; era mediocridade; então forçou-se com sua vitalidade indomável a deixar tudo isso de lado, pois havia nela um fio de vida que, em termos de resistência, resistência, poder para superar obstáculos e conduzi-la triunfantemente, ele nunca havia conhecido algo semelhante. Sim; mas haveria uma reação assim que ele saísse da sala. Ela sentiria muita pena dele; ela pensava no que diabos poderia fazer para lhe dar prazer (sempre com falta de uma coisa) e ele podia vê-la com as lágrimas escorrendo pelo rosto indo até a escrivaninha e disparando aquela única linha que ele encontraria cumprimentando-o... "É um prazer ver você!" E ela quis dizer isso.

Peter Walsh já havia desamarrado as botas.

Mas não teria sido um sucesso o casamento deles. Afinal, a outra coisa veio muito mais naturalmente.

Foi estranho; era verdade; muita gente sentiu isso. Peter Walsh, que se saiu de maneira respeitável, ocupando adequadamente os cargos habituais, era querido, mas achava-se um pouco mal-humorado, exibia-se com ar de contentamento - era estranho que ele tivesse, especialmente agora que seu cabelo estava grisalho; uma aparência de ter reservas. Foi isso que o tornou atraente para as mulheres que gostavam da sensação de que ele não era totalmente viril. Havia algo incomum nele, ou algo por trás dele. Pode ser que ele fosse um estudioso - nunca viesse ver você sem pegar o livro que estava sobre a mesa (ele agora estava lendo, com os cadarços das botas arrastando pelo chão); ou que ele era um cavalheiro, o que se revelava na maneira como tirava as cinzas do cachimbo e, claro, nas suas maneiras com as mulheres. Pois era muito charmoso e ridículo a facilidade com que uma garota sem um pinga de bom senso conseguia torcê-lo com o dedo. Mas por sua própria conta e risco. Isto é, embora ele pudesse ser tão fácil, e de fato com sua alegria e boa educação fascinante de se conviver, isso era apenas até certo ponto. Ela disse alguma coisa - não, não; ele viu através disso. Ele não suportaria isso... não, não. Então ele poderia gritar, balançar-se e manter-se firme durante alguma piada com homens. Ele foi o melhor juiz de culinária da Índia. Ele era um homem. Mas não o tipo de homem que se devia respeitar - o que era uma misericórdia; não como o Major Simmons, por exemplo; Não era nada disso, pensava Daisy, quando, apesar dos dois filhos pequenos, costumava compará-los.

Ele tirou as botas. Ele esvaziou os bolsos. Com seu canivete, saiu uma foto de Daisy na varanda; Daisy toda de branco, com um fox-terrier no colo; muito charmoso, muito sombrio; o melhor que ele já tinha visto dela. Afinal, aconteceu tão naturalmente; muito mais naturalmente do que Clarissa. Sem problemas. Não se preocupe. Não há brincadeiras e inquietações. Tudo

tranquilo. E a garota morena e adorável na varanda exclamou (ele podia ouvi-la). Claro, claro que ela daria tudo a ele! ela chorou (ela não tinha senso de discrição) tudo o que ele queria! ela gritou, correndo para encontrá-lo, quem quer que estivesse olhando. E ela tinha apenas vinte e quatro anos. E ela teve dois filhos. Bem, bem!

Bem, na verdade ele se meteu em uma confusão na sua idade. E isso aconteceu com ele quando ele acordou no meio da noite com muita força. Suponha que eles se casassem? Para ele estaria tudo muito bem, mas e ela? Mrs. Burgess, boa pessoa e nada tagarela, em quem ele confiava, pensava que esta sua ausência em Inglaterra, ostensivamente para ver advogados, poderia servir para fazer Daisy reconsiderar, pensar no que isso significava. Era uma questão de posição dela, disse a Sra. Burgess; a barreira social; desistindo de seus filhos. Ela seria uma viúva com um passado um dia desses, vagando pelos subúrbios, ou, mais provavelmente, indiscriminada (você sabe, ela disse, como são essas mulheres, com muita tinta). Mas Peter Walsh desprezou tudo isso. Ele não pretendia morrer ainda. De qualquer forma, ela deve se contentar; julgue por si mesma, pensou ele, andando pelo quarto de meias, alisando a camisa, pois poderia ir à festa de Clarissa, ou poderia ir a um dos Halls, ou poderia se acomodar e ler um livro absorvente escrito por um homem que ele conheceu em Oxford. E se ele se aposentasse, seria isso que faria: escreveria livros. Ele iria para Oxford e ficaria no Bodleian. Em vão a garota morena e adoravelmente bonita correu até o final do terraço; acenou em vão com a mão; gritou em vão que ela não se importava nem um pouco com o que as pessoas diziam. Lá estava ele, o homem que ela considerava o mundo, o cavalheiro perfeito, o fascinante, o distinto (e a idade dele não fazia a menor diferença para ela), perambulando por um quarto de hotel em Bloomsbury, barbeando-se, lavando-se, continuando, enquanto

pegava latas e largava lâminas de barbear, a fuçar no Bodleian e a descobrir a verdade sobre um ou dois pequenos assuntos que o interessavam. E ele conversava com quem quer que fosse, e assim passava a desconsiderar horários cada vez mais precisos para o almoço, e faltava a compromissos, e quando Daisy lhe pedia, como ela fazia, um beijo, uma cena, não conseguia chegar até o ponto (embora ele fosse genuinamente devotado a ela) - em suma, poderia ser mais feliz, como disse a Sra. crepúsculo, que se torna cada vez mais remoto à medida que a carroça gira, carregando-a firmemente presa ao banco de trás, embora seus braços estejam estendidos, e quando ela vê a figura diminuir e desaparecer, ela ainda grita como faria qualquer coisa no mundo, qualquer coisa, qualquer coisa, qualquer coisa...

Ele nunca soube o que as pessoas pensavam. Tornou-se cada vez mais difícil para ele se concentrar. Ele ficou absorvido; ele ficou ocupado com suas próprias preocupações; ora ranzinza, ora gay; dependente de mulheres, distraído, mal-humorado, cada vez menos capaz (assim pensava enquanto se barbeava) de compreender por que Clarissa não conseguia simplesmente arranjar-lhes alojamento e ser simpática com Daisy; apresentá-la. E então ele poderia simplesmente... simplesmente fazer o quê? apenas assombrar e pairar (no momento ele estava realmente empenhado em separar várias chaves e papéis), mergulhar e provar, ficar sozinho, em suma, suficiente para si mesmo; e ainda assim, é claro, ninguém dependia mais dos outros (abotoou o colete); foi sua ruína. Ele não conseguia ficar longe dos fumódromos, gostava de coronéis, gostava de golfe, gostava de bridge e, acima de tudo, da sociedade feminina, e da delicadeza de seu companheirismo, e de sua fidelidade, audácia e grandeza em amar, que, embora tivesse suas desvantagens, lhe parecia (e o rosto moreno e adoravelmente bonito estava em cima dos envelopes) tão totalmente

admirável, uma flor tão esplêndida para crescer na crista da vida humana, e ainda assim ele não conseguia chegar ao ponto, sendo sempre capaz de ver as coisas ao redor (Clarissa havia minado algo nele permanentemente), e de se cansar facilmente da devoção muda e de querer variedade no amor, embora ele ficasse furioso se Daisy amasse outra pessoa, furioso! pois ele era ciumento, incontrolavelmente ciumento por temperamento. Ele sofreu torturas! Mas onde estava sua faca; seu relógio; seus selos, seu porta-notas e a carta de Clarissa, que ele não lia novamente, mas na qual gostava de lembrar, e a fotografia de Daisy? E agora para o jantar.

Eles estavam comendo.

Sentados em mesinhas em volta de vasos, vestidos ou não, com os xales e as sacolas postos ao lado, com seu ar de falsa compostura, pois não estavam acostumadas a tantos pratos no jantar, e de confiança, porque tinham condições de pagar, e de esforço, pois tinham passado o dia correndo por Londres fazendo compras, passeando; e sua curiosidade natural, pois olhavam em volta e para cima quando o belo cavalheiro de óculos de aros de chifre entrava, e sua boa natureza, pois teriam ficado felizes em prestar qualquer pequeno serviço, como fornecer um horário ou transmitir informações úteis, e seu desejo, pulsando neles, puxando-os subterrâneamente, de alguma forma estabelecer conexões se fosse apenas um local de nascimento (Liverpool, por exemplo) em comum ou amigos de mesmo nome; com seus olhares furtivos, silêncios estranhos e retraimentos repentinos na jocosidade e isolamento familiar; lá estavam eles, jantando, quando o Sr. Walsh entrou e se sentou a uma mesinha perto da cortina.

Não é que ele tenha dito alguma coisa, pois sendo solitário só podia dirigir-se ao garçom; foi a sua maneira de olhar o cardápio, de apontar o dedo

indicador para um determinado vinho, de se sentar à mesa, de se dirigir ao jantar com seriedade e não com gula, que lhe conquistou o respeito deles; que, tendo que permanecer inexpressivo durante a maior parte da refeição, irrompeu na mesa onde os Morris estavam sentados quando o Sr. Walsh foi ouvido dizer no final da refeição: “Peras Bartlett”. Por que ele deveria ter falado de forma tão moderada, mas firme, com o ar de um disciplinador dentro dos seus direitos que se baseiam na justiça, nem o jovem Charles Morris, nem o velho Charles, nem a Srta. Elaine nem a Sra. Morris sabiam. Mas quando ele disse “peras Bartlett”, sentado sozinho à sua mesa, eles sentiram que ele contava com o apoio deles em alguma exigência legal; era defensor de uma causa que imediatamente se tornou sua, de modo que seus olhares encontraram os dele com simpatia, e quando todos chegaram ao salão de fumar simultaneamente, uma pequena conversa entre eles tornou-se inevitável.

Não foi muito profundo – apenas no sentido de que Londres estava lotada; mudou em trinta anos; que o Sr. Morris preferia Liverpool; que a Sra. Morris tinha estado na exposição de flores de Westminster e que todos tinham visto o Príncipe de Gales. No entanto, pensou Peter Walsh, nenhuma família no mundo se compara aos Morris; absolutamente nenhum; e as relações entre eles são perfeitas, e eles não se importam com as classes altas, e gostam do que gostam, e Elaine está treinando para o negócio da família, e o menino ganhou uma bolsa de estudos em Leeds, e a velha senhora (que tem mais ou menos a sua idade) tem mais três filhos em casa; e eles têm dois automóveis, mas o Sr. Morris ainda conserta as botas aos domingos: é soberbo, é absolutamente soberbo, pensou Peter Walsh, balançando um pouco para a frente e para trás com o copo de licor na mão entre as peludas cadeiras vermelhas e os cinzeiros, sentindo-se muito satisfeito consigo mesmo, pois os

Morris gostavam dele. Sim, eles gostaram de um homem que disse: “Peras Bartlett”. Eles gostavam dele, ele sentia.

Ele iria à festa de Clarissa. (Os Morris se afastaram; mas se encontrariam novamente.) Ele iria à festa de Clarissa porque queria perguntar a Richard o que eles estavam fazendo na Índia - os conservadores idiotas. E o que está sendo agido? E música... Ah, sim, e mera fofoca.

Pois esta é a verdade sobre a nossa alma, pensou ele, sobre o nosso eu, que como um peixe habita mares profundos e navega entre as obscuridades abrindo caminho entre os troncos de ervas gigantescas, sobre espaços bruxuleantes do sol e assim por diante na escuridão, frio, profundo, inescrutável; de repente ela sobe à superfície e brinca nas ondas enrugadas pelo vento; isto é, tem uma necessidade positiva de escovar, raspar, acender, fofocar. O que o governo pretendia - Richard Dalloway saberia - fazer em relação à Índia?

Como era uma noite muito quente e os jornaleiros passavam com cartazes proclamando em enormes letras vermelhas que havia uma onda de calor, cadeiras de vime foram colocadas nos degraus do hotel e ali, bebendo, fumando, sentaram-se cavalheiros distantes. Peter Walsh estava sentado lá. Poderíamos imaginar que aquele dia, o dia de Londres, estava apenas começando. Como uma mulher que tirou o vestido estampado e o avental branco para se vestir de azul e pérolas, o dia mudou, tirou as roupas, pegou a gaze, mudou para a noite, e com o mesmo suspiro de alegria que respira uma mulher, derrubando as anáguas no chão, ele também derramou poeira, calor, cor; o tráfego diminuiu; automóveis, tilintando e disparando, sucederam às vans; e aqui e ali, entre a densa folhagem das praças, pendia uma luz intensa. Eu renuncio, a noite parecia dizer, enquanto empalidecia e

desaparecia acima das ameias e proeminências, moldadas, pontiagudas, de hotéis, apartamentos e blocos de lojas, eu desapareci, ela estava começando, eu desapareci, mas Londres não quis saber disso, e lançou suas baionetas para o céu, prendeu-a, obrigou-a a ser parceira em sua folia.

Pois a grande revolução do verão do Sr. Willett ocorreu desde a última visita de Peter Walsh à Inglaterra. A noite prolongada era nova para ele. Foi inspirador, na verdade. Pois enquanto os jovens passavam com suas caixas de despacho, muito felizes por serem livres, orgulhosos também, estupidamente, de pisar nesta famosa calçada, uma espécie de alegria, barata, enfeitada, se você preferir, mas ao mesmo tempo êxtase, corava em seus rostos. Eles também se vestiam bem; meias rosa; lindos sapatos. Eles agora teriam duas horas para as fotos. Ela os aguçou e refinou, a luz amarelo-azulada do entardecer; e nas folhas da praça brilhava lúgubre, lívida - pareciam mergulhadas na água do mar - a folhagem de uma cidade submersa. Ele ficou surpreso com a beleza; era encorajador também, pois onde o anglo-indiano retornado se sentava por direito (ele conhecia muitos deles) no Clube Oriental, resumindo biliosamente a ruína do mundo, ali estava ele, tão jovem como sempre; invejando os jovens durante o verão e tudo o mais, e mais do que suspeitando, pelas palavras de uma menina, pelo riso de uma empregada doméstica - coisas intangíveis que você não conseguia encontrar -, aquela mudança em toda a acumulação piramidal que em sua juventude parecia imóvel. Em cima deles havia pressionado; pesavam sobre eles, principalmente sobre as mulheres, como aquelas flores que a tia Helena de Clarissa espremia entre folhas de mata-borrão cinza com o dicionário de Littré em cima, sentada sob o abajur depois do jantar. Ela estava morta agora. Ele tinha ouvido falar dela, por Clarissa, perdendo a visão de um olho. Parecia tão apropriado - uma das obras-primas da natureza

- que a velha Srta. Parry se transformasse em vidro. Ela morreria como um pássaro no gelo agarrado ao seu poleiro. Ela pertencia a uma época diferente, mas sendo tão inteira, tão completa, sempre se ergueria no horizonte, branca como pedra, eminente, como um farol marcando algum estágio passado nesta viagem aventureira, longa, longa, esta interminável (ele procurou um cobre para comprar um jornal e ler sobre Surrey e Yorkshire - ele havia oferecido aquele cobre milhões de vezes. Surrey estava totalmente fora mais uma vez) - esta vida interminável. Mas o críquete não era um mero jogo. O críquete era importante. Ele nunca conseguia deixar de ler sobre críquete. Ele leu primeiro as pontuações no stop press, depois como estava um dia quente; depois, sobre um caso de assassinato. Ter feito coisas milhões de vezes os enriqueceu, embora se possa dizer que isso eliminou a superfície. O passado enriqueceu, e a experiência, e ter cuidado de uma ou duas pessoas, e assim ter adquirido o poder que falta aos jovens, de abreviar, fazer o que gosta, não se importar nem um pouco com o que as pessoas dizem e ir e vir sem grandes expectativas (deixou o papel sobre a mesa e foi embora), o que no entanto (e procurou o chapéu e o casaco) não era de toda verdade para ele, não esta noite, pois aqui estava ele começando a ir a uma festa, na sua idade, com a crença de que estava prestes a ir tenha uma experiência. Mas o que?

Beleza de qualquer maneira. Não a beleza crua dos olhos. Não era uma beleza pura e simples: Bedford Place dava para Russell Square. Era retidão e vazio, é claro; a simetria de um corredor; mas também eram janelas iluminadas, um piano, um gramofone tocando; uma sensação de prazer escondida, mas que de vez em quando emergia quando, através da janela sem cortinas, a janela deixada aberta, viam-se grupos sentados em cima das mesas, jovens circulando lentamente, conversas entre homens e mulheres,

empregadas olhando preguiçosamente (comentário estranho deles, quando o trabalho terminava), meias secando nas bordas superiores, um papagaio, algumas plantas. Absorvente, misteriosa, de riqueza infinita, esta vida. E na grande praça onde os táxis disparavam e desviavam tão rapidamente, havia casais vagando, flertando, abraçando-se, encolhidos sob a chuva de uma árvore; isso estava se movendo; tão silencioso, tão absorto, que se passava, discretamente, timidamente, como se estivesse na presença de alguma cerimônia sagrada para interromper, o que teria sido ímpio. Isso foi interessante. E assim por diante, no brilho e no brilho.

O sobretudo leve se abriu, ele andou com uma idiossincrasia indescritível, inclinou-se um pouco para a frente, tropeçou, com as mãos atrás das costas e os olhos ainda um pouco de falcão; ele viajou por Londres, em direção a Westminster, observando.

Estava todo mundo jantando fora, então? As portas estavam sendo abertas aqui por um laçao para deixar sair uma velha senhora de passos altos, com sapatos de fivela e três penas roxas de avestruz no cabelo. As portas estavam sendo abertas para senhoras envoltas como múmias em xales com flores brilhantes, senhoras com a cabeça descoberta. E em bairros respeitáveis com pilares de estuque através de pequenos jardins frontais levemente enfeitados com pentes nos cabelos (tendo corrido para ver as crianças), as mulheres vinham; homens esperavam por eles, com os casacos abertos, e o motor deu partida. Todo mundo estava saindo. Com a abertura dessas portas, a descida e a largada, parecia que Londres inteira estava embarcando em barquinhos atracados na margem, balançando nas águas, como se todo o lugar estivesse flutuando no carnaval. E Whitehall foi derrubado, com a prata batida, atacado por aranhas, e havia uma sensação de mosquitos em volta das lâmpadas de arco; estava tão quente que as pessoas ficavam conversando. E

aqui em Westminster estava um juiz aposentado, provavelmente, sentado na porta de sua casa, todo vestido de branco. Presumivelmente um anglo-indiano.

E aqui um bando de mulheres briguentas, mulheres bêbadas; aqui apenas um policial e casas iminentes, casas altas, casas abobadadas, igrejas, parlamentos e o apito de um navio a vapor no rio, um grito oco e enevoadado. Mas a rua era dela, esta, da Clarissa; os táxis dobravam a esquina, como a água contornando os pilares de uma ponte, reunidos, parecia-lhe porque atraíam as pessoas que iam à festa dela, a festa de Clarissa.

O fluxo frio de impressões visuais faltou-lhe agora, como se o olho fosse uma xícara que transbordasse e deixasse o resto escorrer pelas paredes de porcelana sem ser registrado. O cérebro deve acordar agora. O corpo deve contrair-se agora, entrando na casa, a casa iluminada, onde a porta estava aberta, onde estavam os automóveis e as mulheres brilhantes descendo: a alma deve corajosa-se para suportar. Ele abriu a grande lâmina de seu canivete.

* * * * *

Lucy desceu correndo a toda velocidade, tendo acabado de entrar na sala de estar para alisar uma colcha, endireitar uma cadeira, parar por um momento e sentir que quem entrava deveria pensar em como estava limpo, brilhante e lindamente cuidado, quando viu a bela prataria, os ferros de bronze, as novas capas de cadeira e as cortinas de chita amarela: ela avaliou cada um; ouviu um rugido de vozes; pessoas já chegando do jantar; ela deve voar!

11. A festa começa

Bloco de leitura 11 da edição Literunico; a obra original não possui capítulos formais.

O primeiro-ministro estava chegando, disse Agnes: foi o que ela ouviu dizer na sala de jantar, disse ela, entrando com uma bandeja de copos. Isso importava, importava pelo menos um primeiro-ministro a mais ou a menos? A esta hora da noite, não fazia diferença para a Sra. Walker entre os pratos, as panelas, os cullenders, as frigideiras, o frango em gelatina, os congeladores de sorvete, as cascas de pão, os limões, as sopeiras e as bacias de pudim que, por mais duramente que fossem lavadas na copa, pareciam estar todas em cima dela, na mesa da cozinha, nas cadeiras, enquanto o fogo crepitava e rugia, as luzes elétricas brilhavam, e ainda o jantar. teve que ser colocado. Tudo o que ela sentia era que um primeiro-ministro não fazia a menor diferença para a Sra. Walker.

As senhoras já estavam subindo, disse Lucy; as senhoras subiam, uma por uma, a Sra. Dalloway vinha por último e quase sempre mandava alguma mensagem para a cozinha: “Meus amores para a Sra. Walker”, foi isso uma noite. Na manhã seguinte, eles examinariam os pratos: a sopa, o salmão; o salmão, a Sra. Walker sabia, como sempre mal passado, pois ela sempre ficava nervosa por causa do pudim e deixava-o para Jenny; então aconteceu que o salmão estava sempre mal passado. Mas uma senhora com cabelos louros e enfeites prateados disse, Lucy disse, sobre a entrada, ela era realmente feita em casa? Mas era o salmão que incomodava a Sra. Walker, enquanto ela girava e girava os pratos, e puxava e tirava os amortecedores; e houve uma explosão de risadas na sala de jantar; uma voz falando; depois outra explosão de risadas - os cavalheiros se divertindo quando as damas se foram. O tokay, disse Lucy entrando correndo. O Sr. Dalloway havia mandado

buscar o tokay, dos porões do Imperador, o Tokay Imperial.

Foi transportado pela cozinha. Por cima do ombro, Lucy relatou como Miss Elizabeth estava adorável; ela não conseguia tirar os olhos dela; em seu vestido rosa, usando o colar que o Sr. Dalloway lhe dera. Jenny deve se lembrar do cachorro, o fox terrier da Srta. Elizabeth, que, como mordeu, precisava ser calado e poderia, pensou Elizabeth, querer alguma coisa. Jenny deve se lembrar do cachorro. Mas Jenny não iria subir com toda aquela gente por perto. Já havia um motor na porta! A campainha tocou - e os cavalheiros ainda estavam na sala de jantar, bebendo tokay!

Pronto, eles estavam subindo; esses foram os primeiros a chegar, e agora viriam cada vez mais rápido, de modo que a Sra. Parkinson (contratada para festas) deixaria a porta do salão entreaberta, e o salão ficaria cheio de cavalheiros esperando (eles esperavam, alisando os cabelos) enquanto as damas tiravam as capas na sala ao longo do corredor; onde a Sra. Barnet as ajudava, a velha Ellen Barnet, que estava com a família há quarenta anos, e vinha todos os verões para ajudar as senhoras, e lembrava-se das mães quando eram meninas, e embora muito modesta apertava as mãos; disse "senhora" com muito respeito, mas teve um jeito bem-humorado com ela, olhando para as jovens e ajudando com muito tato Lady Lovejoy, que tinha alguns problemas com a parte inferior do corpete. E elas não podiam deixar de sentir, Lady Lovejoy e Miss Alice, que algum pequeno privilégio em matéria de escova e pente lhes foi concedido por terem conhecido a Sra. Barnet - "trinta anos, senhora", a Sra. As jovens não costumavam usar ruge, disse Lady Lovejoy, quando antigamente se hospedavam em Bourton. E a senhorita Alice não precisava de ruge, disse a senhora Barnet, olhando para ela com ternura. Ali a Sra. Barnet ficava sentada, no vestiário, ajeitando as peles, alisando os xales espanhóis, arrumando a penteadeira e sabendo

perfeitamente bem, apesar das peles e dos bordados, quais eram as damas simpáticas e quais não o eram. O querido velhote, disse Lady Lovejoy, subindo as escadas, a antiga ama de Clarissa.

E então Lady Lovejoy ficou rígida. "Lady e Miss Lovejoy", disse ela ao Sr. Wilkins (contratado para festas). Ele tinha maneiras admiráveis, enquanto se curvava e se endireitava, se curvava e se endireitava e anunciava com perfeita imparcialidade: "Lady e Miss Lovejoy... Sir John e Lady Needham... Miss Weld... Sr. Walsh." Seus modos eram admiráveis; sua vida familiar devia ser irrepreensível, exceto que parecia impossível que um ser com lábios esverdeados e bochechas raspadas pudesse alguma vez ter tropeçado no incômodo das crianças.

"Que delícia ver você!" disse Clarissa. Ela disse isso para todos. Que delícia ver você! Ela estava no seu pior momento: efusiva, insincera. Foi um grande erro ter vindo. Ele deveria ter ficado em casa e lido seu livro, pensou Peter Walsh; deveria ter ido a um music hall; ele deveria ter ficado em casa, pois não conhecia ninguém.

Nossa, seria um fracasso; um fracasso completo, Clarissa sentiu isso em seus ossos enquanto o querido e velho Lord Lexham estava ali se desculpando por sua esposa, que havia pegado um resfriado na festa no jardim do Palácio de Buckingham. Ela podia ver Peter com o rabo do olho, criticando-a, ali, naquele canto. Por que, afinal, ela fez essas coisas? Por que procurar pináculos e ficar encharcado de fogo? Isso poderia consumi-la de qualquer maneira! Queime-a até virar cinzas! Melhor qualquer coisa, é melhor brandir a tocha e jogá-la no chão do que diminuir e diminuir como uma Ellie Henderson! Foi extraordinário como Peter a colocou nesses estados apenas por ficar em um canto. Ele a fez ver a si mesma; exagerar. Foi idiota. Mas

por que ele veio, então, apenas para criticar? Por que sempre receber, nunca dar? Por que não arriscar um pequeno ponto de vista? Lá estava ele vagando e ela precisava falar com ele. Mas ela não teria a chance. A vida era isso: humilhação, renúncia. O que Lord Lexham estava dizendo era que sua esposa não usaria peles na festa no jardim porque “minha querida, vocês, senhoras, são todas iguais” - Lady Lexham tinha pelo menos setenta e cinco anos! Foi delicioso como eles se acariciaram, aquele casal de velhos. Ela gostava do velho Lord Lexham. Ela achava que a festa dela tinha importância, e ficou muito enjoada ao saber que tudo estava dando errado, tudo desmoronando. Qualquer coisa, qualquer explosão, qualquer horror era melhor do que pessoas vagando sem rumo, amontoadas em um canto como Ellie Henderson, sem nem se importar em se manter de pé.

Delicadamente, a cortina amarela com todos os pássaros do Paraíso se abriu e parecia que havia um vôo de asas entrando no quarto, saindo e depois sugando de volta. (Pois as janelas estavam abertas.) Estava ventando muito, perguntou-se Ellie Henderson? Ela estava sujeita a calafrios. Mas não importava que ela descesse espirrando amanhã; era nas meninas com os ombros nus que ela pensava, sendo treinadas para pensar nos outros por um pai idoso, um inválido e falecido vigário de Bourton, mas ele agora estava morto; e seus calafrios nunca lhe chegavam ao peito, nunca. Foi nas meninas que ela pensou, as meninas com os ombros nus, ela mesma sempre tendo sido uma criatura insignificante, com seus cabelos ralos e perfil magro; embora agora, depois dos cinquenta, começasse a brilhar através de algum raio suave, algo purificado em distinção por anos de abnegação, mas obscurecido novamente, perpetuamente, por sua gentileza angustiante, seu medo de pânico, que surgia da renda de trezentas libras, e seu estado desarmado (ela não conseguia ganhar um centavo) e isso a tornava tímida e

cada vez mais desqualificada, ano após ano, para conhecer pessoas bem vestidas que faziam esse tipo de coisa todas as noites da temporada, apenas dizendo às suas criadas: “Vou usar fulano de tal”, enquanto Ellie Henderson saiu correndo, nervosa, e comprou flores cor-de-rosa baratas, meia dúzia, e depois jogou um xale sobre seu velho vestido preto. Pois o convite dela para a festa de Clarissa veio no último momento. Ela não ficou muito feliz com isso. Ela tinha a sensação de que Clarissa não pretendia convidá-la este ano.

Por que ela deveria? Não havia razão alguma, exceto que eles sempre se conheceram. Na verdade, eles eram primos. Mas naturalmente eles se afastaram, já que Clarissa era tão procurada. Foi um acontecimento para ela, ir a uma festa. Foi um prazer ver as roupas lindas. Não era aquela Elizabeth, crescida, com o cabelo penteado à moda, no vestido rosa? No entanto, ela não poderia ter mais de dezessete anos. Ela era muito, muito bonita. Mas as meninas, quando se assumiram, não pareciam usar o branco como costumavam. (Ela precisava se lembrar de tudo para contar a Edith.) As meninas usavam vestidos retos, perfeitamente justos, com saias bem acima dos tornozelos. Não era apropriado, ela pensou.

Assim, com a sua visão fraca, Ellie Henderson esticou-se bastante para a frente, e não era tanto ela que se importava de não ter ninguém com quem conversar (ela mal conhecia alguém ali), pois sentia que eram todos pessoas muito interessantes de observar; presumivelmente políticos; Amigos de Richard Dalloway; mas foi o próprio Richard quem sentiu que não poderia deixar a pobre criatura ficar ali sozinha a noite toda.

“Bem, Ellie, e como o mundo está tratando você?” ele disse com seu jeito cordial, e Ellie Henderson, ficando nervosa e corada e sentindo que era extraordinariamente gentil da parte dele vir conversar com ela, disse que

muitas pessoas realmente sentiam mais o calor do que o frio.

“Sim, eles querem”, disse Richard Dalloway. “Sim.”

Mas o que mais alguém disse?

“Olá, Richard”, disse alguém, segurando-o pelo cotovelo, e, meu Deus, lá estava o velho Peter, o velho Peter Walsh. Ele ficou encantado em vê-lo - muito satisfeito em vê-lo! Ele não mudou nada. E lá foram eles, atravessando a sala, trocando tapinhas, como se não se vissem há muito tempo, pensou Ellie Henderson, observando-os partir, certa de que conhecia o rosto daquele homem. Um homem alto, de meia-idade, olhos bastante bonitos, moreno, usando óculos, com aspecto de John Burrows. Edith certamente saberia.

A cortina com seu vôo de pássaros do Paraíso se apagou novamente. E Clarissa viu... ela viu Ralph Lyon reagir e continuar falando. Então não foi um fracasso, afinal! tudo ficaria bem agora - a festa dela. Tinha começado. Tinha começado. Mas ainda era difícil. Ela deve ficar lá por enquanto. As pessoas pareciam vir com pressa.

Coronel e Sra. Garrod... Sr. Hugh Whitbread... Sr. Bowley... Sra. Hilbery... Lady Mary Maddox... Sr. Quin... entoou Wilkin. Ela trocou seis ou sete palavras com cada um, e eles seguiram em frente, foram para os quartos; em alguma coisa agora, não em nada, já que Ralph Lyon abriera a cortina.

E, no entanto, da parte dela, foi um esforço demais. Ela não estava gostando. Era muito parecido com ser qualquer um, parado ali; qualquer um poderia fazer isso; no entanto, essa pessoa que ela admirava um pouco não podia deixar de sentir que, de qualquer forma, ela havia feito isso acontecer, que isso marcava um palco, esse posto que ela sentia ter se tornado, pois, por incrível que pareça, ela havia esquecido completamente como era sua

aparência, mas sentiu-se como uma estaca cravada no topo de sua escada. Cada vez que ela dava uma festa, ela tinha a sensação de ser algo que não era ela mesma, e de que cada uma era irreal de uma maneira; muito mais real em outro. Ela pensou que isso se devia em parte às roupas, em parte ao fato de terem sido tirados de seu comportamento normal, em parte ao contexto, era possível dizer coisas que não se poderiam dizer de outra forma, coisas que exigiam esforço; possível ir muito mais fundo. Mas não para ela; ainda não, de qualquer maneira.

“Que delícia ver você!” ela disse. Querido e velho Sir Harry! Ele conheceria cada um.

E o que havia de mais estranho nisso era a sensação que se tinha quando subiam as escadas, uma após a outra, a Sra. Mount e Celia, Herbert Ainsty, a Sra. Dakers... ah, e Lady Bruton!

“Que gentileza sua ter vindo!” ela disse, e ela estava falando sério - era estranho como, parados ali, alguém sentia que eles continuavam, continuavam, alguns bem antigos, alguns...

Qual nome? Senhora Rosseter? Mas quem era Lady Rosseter?

“Clarissa!” Essa voz! Era Sally Seton! Sally Seton! depois de todos esses anos! Ela apareceu através de uma névoa. Pois ela não parecia assim, Sally Seton, quando Clarissa agarrou a lata de água quente, pensando nela sob este teto, sob este teto! Não é assim!

Todos uns em cima dos outros, envergonhados, rindo, as palavras caíam - passando por Londres; ouvido de Clara Haydon; que chance de ver você! Então eu me lancei - sem convite....

Pode-se largar a lata de água quente com bastante serenidade. O brilho havia desaparecido dela. No entanto, foi extraordinário vê-la novamente, mais velha, mais feliz, menos adorável. Eles se beijaram, primeiro nesta bochecha, depois naquela, perto da porta da sala de estar, e Clarissa se virou, com a mão de Sally na sua, e viu seus quartos cheios, ouviu o barulho de vozes, viu os castiçais, as cortinas esvoaçantes e as rosas que Richard lhe dera.

“Tenho cinco meninos enormes”, disse Sally.

Ela tinha o egoísmo mais simples, o desejo mais aberto de ser sempre pensada em primeiro lugar, e Clarissa a amava por ainda ser assim. “Eu não posso acreditar!” ela gritou, queimando de prazer ao pensar no passado.

Mas, infelizmente, Wilkins; Wilkins a queria; Wilkins estava emitindo, com uma voz de autoridade imponente, como se toda a companhia devesse ser admoestada e a anfitriã recuperada da frivolidade, um nome:

“O primeiro-ministro”, disse Peter Walsh.

O primeiro-ministro? Foi mesmo? Ellie Henderson ficou maravilhada. Que coisa para contar a Edith!

Não se podia rir dele. Ele parecia tão comum. Você poderia tê-lo colocado atrás de um balcão e comprado biscoitos - coitado, todo enfeitado com renda dourada. E para ser justo, enquanto fazia suas rondas, primeiro com Clarissa e depois com Richard o acompanhando, ele se saía muito bem. Ele tentou olhar para alguém. Foi divertido assistir. Ninguém olhou para ele. Eles simplesmente continuaram conversando, mas era perfeitamente claro que todos sabiam, sentiam até a medula dos ossos, essa majestade passando; este símbolo daquilo que todos representavam, a sociedade inglesa. A velha Lady Bruton, e ela também parecia muito bonita, muito robusta em suas rendas,

nadou e eles se retiraram para uma pequena sala que imediatamente passou a ser espionada, vigiada, e uma espécie de agitação e farfalhar percorreu todos, abertamente: o primeiro-ministro!

Senhor, senhor, o esnobismo dos ingleses! pensou Peter Walsh, parado no canto. Como adoravam vestir-se com rendas douradas e fazer homenagens! Lá! Deve ser, por Deus, Hugh Whitbread, vagando pelos arredores do grande, um tanto mais gordo, um tanto mais branco, o admirável Hugh!

Ele sempre parecia estar de serviço, pensou Peter, um ser privilegiado, mas reservado, acumulando segredos que ele morreria para defender, embora fossem apenas uma pequena fofoca deixada por um laçao da corte, que estaria em todos os jornais amanhã. Tais eram os seus chocalhos, as suas bugigangas, nas brincadeiras com que embranquecia, chegando à beira da velhice, gozando do respeito e do carinho de todos os que tiveram o privilégio de conhecer este tipo de escolar público inglês. Inevitavelmente inventavam-se coisas assim sobre Hugh; esse era o seu estilo; o estilo daquelas cartas admiráveis que Peter lera a milhares de quilômetros do outro lado do mar no Times, e agradecera a Deus por estar fora daquela perniciosa bolha, nem que fosse apenas para ouvir babuínos tagarelando e cules espancando suas esposas. Um jovem de pele morena de uma das universidades ficou obsequioso. Ele iria apadrinhar, iniciar, ensinar como progredir. Pois nada lhe agradava mais do que fazer gentilezas, fazer palpitar o coração das velhinhas com a alegria de serem lembradas na sua idade, na sua aflição, julgando-se completamente esquecidas, mas lá estava o querido Hugh, dirigindo e passando uma hora falando do passado, lembrando-se de ninharias, elogiando o bolo feito em casa, embora Hugh pudesse comer bolo com uma duquesa em qualquer dia da sua vida, e, olhando para ele, provavelmente passou muito tempo nessa ocupação

agradável. O Todo-Julgador, o Todo-misericordioso, pode desculpar. Peter Walsh não teve piedade. Deve haver vilões, e Deus sabe que os patifes que são enforcados por espancarem os miolos de uma garota num trem causam menos danos no geral do que Hugh Whitbread e sua bondade. Olhem para ele agora, na ponta dos pés, dançando para a frente, curvando-se e raspando, enquanto o primeiro-ministro e Lady Bruton emergiam, insinuando para todo o mundo que ele tinha o privilégio de dizer algo, algo particular, a Lady Bruton quando ela passava. Ela parou. Ela balançou a bela e velha cabeça. Ela provavelmente estava agradecendo a ele por algum ato de servilismo. Ela tinha seus bajuladores, funcionários menores em escritórios do governo que corriam para fazer pequenos trabalhos em seu nome, em troca dos quais ela lhes dava almoço. Mas ela derivou do século XVIII. Ela estava bem.

E agora Clarissa acompanhou seu primeiro-ministro pela sala, empinada, cintilante, com a imponência de seus cabelos grisalhos. Ela usava brincos e um vestido de sereia verde-prateado. Ela parecia balançar nas ondas e trançar as tranças, ainda tendo esse dom; ser; existir; resumir tudo no momento em que ela passou; virou-se, prendeu o cachecol no vestido de outra mulher, desabotoou-o e riu, tudo com a mais perfeita facilidade e o ar de uma criatura flutuando em seu elemento. Mas a idade a havia incomodado; assim como uma sereia pode contemplar em seu copo o sol poente em uma noite muito clara sobre as ondas. Houve um sopro de ternura; sua severidade, seu pudor, sua rigidez estavam todos aquecidos agora, e ela tinha consigo, ao se despedir do homem corpulento de rendas douradas que estava fazendo o melhor que podia, e boa sorte para ele, para parecer importante, uma dignidade inexprimível; uma cordialidade requintada; como se ela desejasse o melhor para o mundo inteiro e precisasse agora, estando no limite das coisas, partir. Então ela o fez pensar.

(Mas ele não estava apaixonado.)

Na verdade, Clarissa sentiu, o primeiro-ministro fez bem em vir. E, andando pela sala com ele, com Sally lá e Peter lá e Richard muito satisfeitos, com todas aquelas pessoas um tanto inclinadas, talvez, à inveja, ela sentiu aquela embriaguez do momento, aquela dilatação dos nervos do próprio coração até parecer estremecer, impregnado, ereto; pois, embora ela o adorasse e o sentisse formigar e arder, ainda assim essas aparências, esses triunfos (o querido e velho Peter, por exemplo, achando-a tão brilhante), tinham um vazio; estavam à distância de um braço, não no coração; e pode ser que ela estivesse envelhecendo, mas eles não a satisfizessem mais como antes; e de repente, ao ver o primeiro-ministro descer as escadas, a borda dourada da imagem de Sir Joshua da menina com um regalo trouxe Kilman de volta rapidamente; Kilman, seu inimigo. Isso foi satisfatório; isso foi real. Ah, como ela a odiava - quente, hipócrita, corrupta; com todo esse poder; O sedutor de Elizabeth; a mulher que se infiltrou para roubar e profanar (Richard diria: Que bobagem!). Ela a odiava: ela a amava. O que se queria eram inimigos, não amigos - não a Sra. Durrant e Clara, Sir William e Lady Bradshaw, a Srta. Truelock e Eleanor Gibson (que ela viu subindo as escadas). Eles deveriam encontrá-la se a quisessem. Ela foi para a festa!

Lá estava seu velho amigo, Sir Harry.

"Caro senhor Harry!" ela disse, aproximando-se do bom sujeito que havia produzido mais fotos ruins do que quaisquer outros dois Acadêmicos em toda St. John's Wood (eles eram sempre de gado, parado em piscinas ao pôr do sol absorvendo umidade, ou significando, pois ele tinha uma certa amplitude de gestos, pelo erguer de uma perna dianteira e o arremesso dos chifres, "a Aproximação do Estranho" - todas as suas atividades, jantar fora, corridas,

eram baseadas em gado em pé absorvendo umidade em piscinas ao pôr do sol).

"Do que você está rindo?" ela perguntou a ele. Pois Willie Titcomb, Sir Harry e Herbert Ainsty estavam todos rindo. Mas não. Sir Harry não podia contar a Clarissa Dalloway (embora gostasse muito dela; do tipo dela, ele a considerava perfeita e ameaçou pintá-la) suas histórias do palco do music hall. Ele zombou dela sobre sua festa. Ele sentia falta do conhaque. Esses círculos, disse ele, estavam acima dele. Mas ele gostava dela; respeitava-a, apesar de seu condenável e difícil refinamento de classe alta, o que tornava impossível pedir a Clarissa Dalloway que se sentasse em seu colo. E surgiu aquele fogo-fátuo errante, aquela vaga fosforescência, a velha Sra. Hilbery, estendendo as mãos para o fogo da risada dele (sobre o duque e a senhora), que, como ela ouvia do outro lado da sala, parecia tranquilizá-la sobre um ponto que às vezes a incomodava se ela acordasse de manhã cedo e não gostasse de chamar a empregada para uma xícara de chá; como é certo que devemos morrer.

"Eles não nos contam suas histórias", disse Clarissa.

"Querida Clarissa!" exclamou a Sra. Hilbery. Ela disse que naquela noite ela se parecia muito com a mãe quando a viu andando pelo jardim pela primeira vez com um chapéu cinza.

E realmente os olhos de Clarissa se encheram de lágrimas. A mãe dela, passeando no jardim! Mas, infelizmente, ela deve ir.

Pois lá estava o professor Brierly, que dava palestras sobre Milton, conversando com o pequeno Jim Hutton (que, mesmo para uma festa como aquela, não conseguia usar gravata e colete nem deixar o cabelo liso), e

mesmo àquela distância eles estavam brigando, ela podia ver. Pois o professor Brierly era um peixe muito estranho. Com todos aqueles títulos, honrarias e cátedras entre ele e os escribas, ele suspeitou instantaneamente de uma atmosfera não favorável ao seu estranho complexo; seu prodigioso aprendizado e timidez; seu encanto invernal sem cordialidade; sua inocência misturada com esnobismo; ele estremeceu ao ser consciente do cabelo despenteado de uma senhora, das botas de um jovem, de um submundo, sem dúvida muito digno de crédito, de rebeldes, de jovens ardentes; de aspirantes a gênios, e insinuou com um pequeno movimento de cabeça, com uma fungada - Humph! - o valor da moderação; de um leve treinamento nos clássicos para apreciar Milton. O professor Brierly (Clarissa percebeu) não estava se dando bem com o pequeno Jim Hutton (que usava meias vermelhas, e as pretas estavam na lavanderia) sobre Milton. Ela interrompeu.

Ela disse que amava Bach. O mesmo aconteceu com Hutton. Esse era o vínculo entre eles, e Hutton (um péssimo poeta) sempre sentiu que a Sra. Dalloway era de longe a melhor das grandes damas que se interessavam pela arte. Era estranho o quão rigorosa ela era. Sobre música ela era puramente impessoal. Ela era bastante pedante. Mas que encantador de se olhar! Ela tornava sua casa tão bonita se não fosse por seus professores. Clarissa estava decidida a agarrá-lo e colocá-lo no piano, na sala dos fundos. Pois ele tocou divinamente.

“Mas o barulho!” ela disse. “O barulho!”

“O sinal de uma festa de sucesso.” Assentindo educadamente, o Professor saiu delicadamente.

“Ele sabe tudo no mundo sobre Milton”, disse Clarissa.

"Ele realmente faz isso?" disse Hutton, que imitaria o professor em toda Hampstead; o Professor em Milton; o Professor na moderação; o Professor se afastando delicadamente.

Mas ela precisa falar com aquele casal, disseram Clarissa, Lord Gayton e Nancy Blow.

Não que aumentassem perceptivelmente o barulho da festa. Eles não estavam conversando (perceptivelmente) enquanto estavam lado a lado perto das cortinas amarelas. Em breve partiriam juntos para outro lugar; e nunca tive muito a dizer em nenhuma circunstância. Eles olharam; isso foi tudo. Isso foi o suficiente. Pareciam tão limpos, tão sãos, ela com uma flor de damasco de pó e tinta, mas ele esfregava, enxaguava, com olhos de pássaro, para que nenhuma bola pudesse passar por ele ou golpeá-lo de surpresa. Ele atacou, saltou, com precisão, no local. As bocas dos pôneis estremeçeram na ponta de suas rédeas. Teve suas homenagens, monumentos ancestrais, bandeiras penduradas na igreja de casa. Ele tinha seus deveres; seus inquilinos; uma mãe e irmãs; Passaram o dia todo no Lords, e era sobre isso que conversavam — críquete, primos, cinema — quando a Sra. Dalloway apareceu. Lord Gayton gostava muito dela. A senhorita Blow também. Ela tinha maneiras tão encantadoras.

"É angelical - é uma delícia da sua parte ter vindo!" ela disse. Ela amava os Senhores; ela adorava a juventude, e Nancy, vestida com enormes custos pelos maiores artistas de Paris, ficou ali parada, parecendo que seu corpo apenas exibia, por vontade própria, um babado verde.

"Eu pretendia dançar", disse Clarissa.

Pois os jovens não podiam falar. E por que deveriam? Grite, abrace, balance, levante de madrugada; leve açúcar aos pôneis; beijar e acariciar os focinhos de adoráveis chows; e então todo formigando e fluindo, mergulhe e nade. Mas os enormes recursos da língua inglesa, o poder que ela confere, afinal, de comunicar sentimentos (na idade deles, ela e Peter teriam discutido a noite toda), não eram para eles. Eles solidificariam os jovens. Eles seriam extremamente bons para as pessoas da propriedade, mas sozinhos, talvez, um tanto enfadonhos.

“Que pena!” ela disse. “Eu esperava dançar.”

Foi extraordinariamente gentil da parte deles terem vindo! Mas fale em dançar! Os quartos estavam lotados.

Lá estava a velha tia Helena de xale. Infelizmente, ela deve deixá-los - Lord Gayton e Nancy Blow. Havia a velha senhorita Parry, sua tia.

Pois Miss Helena Parry não estava morta: Miss Parry estava viva. Ela já tinha passado dos oitenta. Ela subia as escadas lentamente com uma bengala. Ela foi colocada em uma cadeira (Richard cuidou disso). Pessoas que conheceram a Birmânia nos anos setenta sempre foram levadas até ela. Onde Peter foi parar? Eles costumavam ser tão amigos. Pois à menção da Índia, ou mesmo do Ceilão, os seus olhos (apenas um era de vidro) aprofundaram-se lentamente, tornaram-se azuis, contemplaram, não seres humanos - ela não tinha memórias ternas, nenhuma ilusões orgulhosas sobre vice-reis, generais, motins - foram orquídeas que ela viu, e passagens nas montanhas e ela mesma carregada nas costas de coolies nos anos sessenta sobre picos solitários; ou descendo para arrancar orquídeas (flores surpreendentes, nunca vistas antes) que ela pintou em aquarela; uma inglesa indomável, inquieta, embora perturbada pela guerra, digamos, que lançou uma bomba à

sua porta, devido à sua meditação profunda sobre orquídeas e à sua própria figura viajando na Índia nos anos 60 - mas aqui estava Peter.

“Venha conversar com tia Helena sobre a Birmânia”, disse Clarissa.

E mesmo assim ele não trocou uma palavra com ela durante toda a noite!

“Conversaremos mais tarde”, disse Clarissa, conduzindo-o até tia Helena, de xale branco, com sua bengala.

“Peter Walsh”, disse Clarissa.

Isso não significava nada.

Clarissa perguntou a ela. Foi cansativo; era barulhento; mas Clarissa havia perguntado a ela. Então ela veio. Era uma pena que eles morassem em Londres - Richard e Clarissa. Nem que fosse pela saúde de Clarissa teria sido melhor viver no campo. Mas Clarissa sempre gostou da sociedade.

“Ele esteve na Birmânia”, disse Clarissa.

Ah. Ela não resistiu a recordar o que Charles Darwin dissera sobre o seu livrinho sobre as orquídeas da Birmânia.

(Clarissa deve falar com Lady Bruton.)

Sem dúvida, seu livro sobre as orquídeas da Birmânia estava esquecido agora, mas teve três edições antes de 1870, disse ela a Peter. Ela se lembrou dele agora. Ele estivera em Bourton (e a deixara, lembrou-se Peter Walsh, sem dizer uma palavra na sala de estar naquela noite, quando Clarissa o convidou para passear de barco).

“Richard gostou muito do almoço”, disse Clarissa a Lady Bruton.

“Richard foi a maior ajuda possível”, respondeu Lady Bruton. “Ele me ajudou a escrever uma carta. E você, como está?”

“Ah, perfeitamente bem!” disse Clarissa. (Lady Bruton detestava doenças nas esposas de políticos.)

“E lá está Peter Walsh!” - disse Lady Bruton (pois ela nunca conseguia pensar em nada para dizer a Clarissa; embora gostasse dela. Ela tinha muitas qualidades excelentes; mas eles não tinham nada em comum - ela e Clarissa. Poderia ter sido melhor se Richard tivesse se casado com uma mulher com menos charme, que o teria ajudado mais em seu trabalho. Ele havia perdido a chance de entrar no Gabinete). “Lá está Peter Walsh!” — ela disse, apertando a mão daquele pecador agradável, daquele sujeito muito capaz que deveria ter feito seu nome, mas não o fez (sempre em dificuldades com as mulheres) e, é claro, da velha Srta. Parry. Velhinha maravilhosa!

Lady Bruton estava ao lado da cadeira da Srta. Parry, um granadeiro espectral, vestido de preto, convidando Peter Walsh para almoçar; cordial; mas sem conversa fiada, sem lembrar absolutamente nada sobre a flora ou a fauna da Índia. Ela esteve lá, é claro; ficou com três vice-reis; pensaram alguns dos civis indianos, companheiros extraordinariamente bons; mas que tragédia foi o estado da Índia! O Primeiro-Ministro acabava de lhe contar (a velha Miss Parry, encolhida no xale, não se importava com o que o Primeiro-Ministro acabava de lhe dizer), e Lady Bruton gostaria de ouvir a opinião de Peter Walsh, ele era recém-chegado do centro, e pediria a Sir Sampson que o conhecesse, pois na verdade isso impedia-a de dormir à noite, que era uma loucura, uma maldade que ela poderia dizer, sendo filha de um soldado. Ela era uma mulher velha agora, não servia para muita coisa. Mas a sua casa, os seus criados, a sua boa amiga Milly Brush - será que ele se lembrava dela? -

estavam todos lá apenas pedindo para serem usados se... se pudessem ser úteis, em suma. Pois ela nunca falou da Inglaterra, mas esta ilha dos homens, esta querida, querida terra, estava em seu sangue (sem ler Shakespeare), e se alguma vez uma mulher pudesse ter usado o capacete e atirado a flecha, poderia ter liderado tropas para o ataque, governado com justiça indomável hordas de bárbaros e deitada sob um escudo sem nariz em uma igreja, ou feito um monte de grama verde em alguma encosta primitiva, essa mulher era Millicent Bruton. Impedida pelo seu sexo e também por alguma evasão da faculdade lógica (achava impossível escrever uma carta ao Times), ela tinha sempre à mão a ideia do Império, e adquirira da sua associação com aquela deusa blindada o seu porte de vareta, a sua robustez de comportamento, de modo que não se poderia imaginá-la nem mesmo na morte separada da terra ou vagando por territórios sobre os quais, de alguma forma espiritual, a Union Jack tinha deixado de voar. Não ser inglês mesmo entre os mortos - não, não! Impossível!

Mas foi Lady Bruton (que ela conhecia)? Foi Peter Walsh que ficou grisalho? Lady Rosseter perguntou a si mesma (quem tinha sido Sally Seton). Era certamente a velha senhorita Parry, a velha tia que costumava ficar tão zangada quando estava em Bourton. Ela nunca deveria se esquecer de correr nua pelo corredor e ser chamada pela Srta. Parry! E Clarissa! ah Clarissa! Sally a pegou pelo braço.

Clarissa parou ao lado deles.

"Mas não posso ficar", disse ela. "Irei mais tarde. Espere", disse ela, olhando para Peter e Sally. Eles deveriam esperar, ela quis dizer, até que todas aquelas pessoas tivessem ido embora.

12. Uma morte no meio da festa

Bloco de leitura 12 da edição Literunico; a obra original não possui capítulos formais.

“Voltarei”, disse ela, olhando para seus velhos amigos, Sally e Peter, que apertavam as mãos, e Sally, lembrando-se sem dúvida do passado, estava rindo.

Mas sua voz estava despojada de sua antiga e arrebatadora riqueza; seus olhos não brilhavam como costumavam ser, quando ela fumava charutos, quando corria pelo corredor para pegar seu saco de esponjas, sem nenhuma peça de roupa, e Ellen Atkins perguntou: E se os cavalheiros a tivessem conhecido? Mas todos a perdoaram. Ela roubou um frango da despensa porque estava com fome durante a noite; ela fumava charutos em seu quarto; ela deixou um livro de valor inestimável no barco. Mas todos a adoravam (exceto talvez papai). Era o seu calor; sua vitalidade - ela pintaria, ela escreveria. Até hoje, as mulheres idosas da aldeia nunca se esqueceram de perguntar por “seu amigo de capa vermelha que parecia tão brilhante”. Ela acusou Hugh Whitbread, entre todas as pessoas (e lá estava ele, o seu velho amigo Hugh, a falar com o embaixador português), de a beijar na sala de fumadores para a castigar por dizer que as mulheres deviam ter voto. Homens vulgares sim, ela disse. E Clarissa lembrou-se de ter tido de convencê-la a não denunciá-lo nas orações familiares — o que ela era capaz de fazer com sua ousadia, sua imprudência, seu amor melodramático por ser o centro de tudo e criar cenas, e isso estava fadado, Clarissa costumava pensar, a terminar em alguma tragédia terrível; sua morte; seu martírio; em vez disso, ela se casou, inesperadamente, com um homem careca com uma grande lapela que era dono, dizia-se, de fábricas de algodão em Manchester. E ela teve cinco meninos!

Ela e Peter se estabeleceram juntos. Eles estavam conversando: parecia tão familiar que eles deveriam estar conversando. Eles discutiriam o passado. Com os dois (mais ainda do que com Richard) ela compartilhou seu passado; o jardim; as árvores; o velho Joseph Breitkopf cantando Brahms sem voz; o papel de parede da sala; o cheiro dos tapetes. Sally deve sempre fazer parte disso; Pedro deve estar sempre. Mas ela deve deixá-los. Havia os Bradshaws, de quem ela não gostava. Ela deveria ir até Lady Bradshaw (vestida de cinza e prata, equilibrando-se como um leão-marinho na beira do tanque, latindo por convites, Duquesas, a típica esposa do homem bem-sucedido), ela deveria ir até Lady Bradshaw e dizer...

Mas Lady Bradshaw antecipou-se a ela.

“Estamos surpreendentemente atrasados, querida Sra. Dalloway, nem nos atrevemos a entrar”, disse ela.

E Sir William, que parecia muito distinto, com seus cabelos grisalhos e olhos azuis, disse que sim; eles não foram capazes de resistir à tentação. Ele estava conversando com Richard sobre aquele projeto de lei, provavelmente, que eles queriam que fosse aprovado na Câmara dos Comuns. Por que a visão dele conversando com Richard a enrolou? Ele parecia o que era, um ótimo médico. Um homem absolutamente à frente da sua profissão, muito poderoso, bastante desgastado. Pois pense nos casos que surgiram antes dele - pessoas nas profundezas da miséria; pessoas à beira da loucura; maridos e esposas. Ele teve que decidir questões de terrível dificuldade. No entanto, o que ela sentia era que ninguém gostaria que Sir William visse alguém infeliz. Não; não aquele homem.

“Como está seu filho em Eton?” ela perguntou a Lady Bradshaw.

Ele tinha acabado de perder o onze, disse Lady Bradshaw, por causa da caxumba. O pai dele se importava ainda mais do que ele, ela pensava, “ser”, disse ela, “nada além de um ótimo menino”.

Clarissa olhou para Sir William, conversando com Richard. Ele não parecia um menino - nem um pouco parecido com um menino. Certa vez, ela foi com alguém pedir seu conselho. Ele estava perfeitamente certo; extremamente sensato. Mas, meu Deus, que alívio voltar para a rua! Lembrou-se que havia um pobre coitado soluçando na sala de espera. Mas ela não sabia o que era — sobre Sir William; o que exatamente ela não gostava. Apenas Richard concordou com ela, “não gostou do gosto dele, não gostou do cheiro dele”. Mas ele era extraordinariamente capaz. Eles estavam falando sobre esse projeto de lei. Algum caso, Sir William estava mencionando, baixando a voz. Isso teve relação com o que ele estava dizendo sobre os efeitos diferidos do choque de bomba. Deve haver alguma disposição no projeto de lei.

Abaixando a voz, atraindo a Sra. Dalloway para o abrigo de uma feminilidade comum, um orgulho comum nas qualidades ilustres dos maridos e sua triste tendência ao excesso de trabalho, Lady Bradshaw (pobre ganso - ninguém desgostava dela) murmurou como, “justo quando estávamos começando, meu marido foi chamado ao telefone, um caso muito triste. Um jovem (é isso que Sir William está contando ao Sr. Dalloway) havia se matado. Ele estava no exército”. Oh! pensou Clarissa, no meio da minha festa, aqui está a morte, pensou.

Ela continuou até a salinha onde o primeiro-ministro tinha ido com Lady Bruton. Talvez houvesse alguém lá. Mas não havia ninguém. As cadeiras ainda mantinham a impressão do primeiro-ministro e de Lady Bruton, ela se virou respeitosamente, ele sentado em posição vertical, com autoridade. Eles

estavam conversando sobre a Índia. Não havia ninguém. O esplendor da festa caiu no chão, tão estranho que era entrar sozinha em suas melhores roupas.

Que motivos tinham os Bradshaw para falar da morte na festa dela? Um jovem havia se matado. E conversaram sobre isso na festa dela — os Bradshaw falaram sobre a morte. Ele havia se matado — mas como? Sempre seu corpo passava por isso primeiro, quando ela era informada, de repente, de um acidente; seu vestido ardeu, seu corpo queimou. Ele havia se jogado de uma janela. Up brilhou no chão; através dele, tropeçando, machucando, passavam os espinhos enferrujados. Lá ele ficou deitado com um baque, um baque, um baque no cérebro, e depois uma sufocação de escuridão. Então ela viu. Mas por que ele fez isso? E os Bradshaws falaram sobre isso na festa dela!

Certa vez, ela jogou um xelim no Serpentine, nunca mais. Mas ele jogou fora. Continuaram vivendo (ela teria que voltar; os quartos ainda estavam lotados; as pessoas continuavam chegando). Eles (ela passara o dia pensando em Bourton, em Peter, em Sally) envelheceriam. Havia uma coisa que importava; uma coisa, envolta em tagarelice, desfigurada, obscurecida em sua própria vida, deixada cair todos os dias em corrupção, mentiras, tagarelice. Isso ele havia preservado. A morte foi um desafio. A morte foi uma tentativa de comunicação; pessoas sentindo a impossibilidade de chegar ao centro que, misticamente, lhes escapava; a proximidade separou; o êxtase desapareceu, um estava sozinho. Houve um abraço na morte.

Mas este jovem que se suicidou teria mergulhado segurando o seu tesouro? “Se fosse para morrer agora, seria agora muito feliz”, ela disse para si mesma uma vez, vestindo branco.

Ou havia os poetas e pensadores. Suponhamos que ele tivesse essa paixão e tivesse procurado Sir William Bradshaw, um grande médico, mas obscuramente mau, sem sexo ou luxúria, extremamente educado com as mulheres, mas capaz de algum ultraje indescritível - forçar sua alma, era isso - se esse jovem tivesse ido até ele, e Sir William o tivesse impressionado, assim, com seu poder, ele não poderia então ter dito (na verdade, ela sentia isso agora): A vida se tornou intolerável; eles tornam a vida intolerável, homens assim?

Depois (ela só sentira isso naquela manhã) veio o terror; a incapacidade avassaladora, os pais entregando nas mãos, esta vida, para ser vivida até ao fim, para ser vivida com serenidade; havia no fundo do seu coração um medo terrível. Mesmo agora, muitas vezes, se Richard não estivesse lá lendo o Times, para que ela pudesse agachar-se como um pássaro e gradualmente reviver, enviando rugindo aquele deleite incomensurável, esfregando pau com pau, uma coisa com outra, ela deveria ter morrido. Mas aquele jovem se matou.

De alguma forma, foi o seu desastre - a sua desgraça. Foi seu castigo ver afundar e desaparecer aqui um homem, ali uma mulher, nesta escuridão profunda, e ela foi forçada a ficar aqui em seu vestido de noite. Ela havia planejado; ela havia furtado. Ela nunca foi totalmente admirável. Ela queria sucesso. Lady Bexborough e o resto. E uma vez ela caminhou até o terraço de Bourton.

Foi devido a Richard; ela nunca esteve tão feliz. Nada poderia ser suficientemente lento; nada dura muito. Nenhum prazer poderia ser igual, pensou ela, endireitando as cadeiras, empurrando um livro na estante, tendo acabado com os triunfos da juventude, perdido no processo de viver, para

encontrá-lo, com um choque de deleite, enquanto o sol nascia, enquanto o dia se punha. Muitas vezes ela foi a Bourton, quando todos conversavam, para olhar o céu; ou vi isso entre os ombros das pessoas durante o jantar; vi isso em Londres quando ela não conseguia dormir. Ela caminhou até a janela.

Continha, por mais tola que fosse a ideia, algo próprio, aquele céu campestre, aquele céu acima de Westminster. Ela abriu as cortinas; ela olhou. Ah, mas que surpresa! - na sala em frente, a velha senhora olhou diretamente para ela! Ela estava indo para a cama. E o céu. Será um céu solene, pensou ela, será um céu sombrio, com o rosto voltado para a beleza. Mas lá estava ele - pálido e pálido, apressado rapidamente por vastas nuvens afiladas. Era novo para ela. O vento deve ter aumentado. Ela estava indo para a cama, no quarto em frente. Era fascinante observá-la, movimentando-se, aquela velhinha, atravessando a sala, chegando até a janela. Ela poderia vê-la? Foi fascinante, com as pessoas ainda rindo e gritando na sala, observar aquela velha, muito silenciosamente, indo para a cama. Ela puxou a cortina agora. O relógio começou a bater. O jovem havia se matado; mas ela não teve pena dele; com o relógio marcando uma hora, uma, duas, três, ela não teve pena dele, com tudo isso acontecendo. Lá! a velha tinha apagado a luz! a casa inteira estava escura agora com tudo isso acontecendo, ela repetiu, e as palavras lhe vieram à mente: Não tema mais o calor do sol. Ela deve voltar para eles. Mas que noite extraordinária! De alguma forma, ela se sentia muito parecida com ele - o jovem que se matou. Ela ficou feliz por ele ter feito isso; jogou fora. O relógio estava batendo. Os círculos de chumbo se dissolveram no ar. Ele a fez sentir a beleza; a fez sentir a diversão. Mas ela deve voltar. Ela deve se reunir. Ela deve encontrar Sally e Peter. E ela veio do quartinho.

“Mas onde está Clarissa?” disse Pedro. Ele estava sentado no sofá com Sally. (Depois de todos esses anos, ele realmente não poderia chamá-la de “Lady Rosseter”.) “Para onde foi a mulher?” ele perguntou. “Onde está Clarissa?”

Sally supôs, e Peter também, que havia pessoas importantes, políticos, que nenhum deles conhecia, a não ser pela vista nos jornais ilustrados, com quem Clarissa tinha que ser gentil, tinha que conversar. Ela estava com eles. No entanto, Richard Dalloway não estava no Gabinete. Ele não foi um sucesso, supôs Sally? Quanto a ela, ela quase nunca lia os jornais. Ela às vezes via o nome dele mencionado. Mas então... bem, ela viveu uma vida muito solitária, na selva, diria Clarissa, entre grandes comerciantes, grandes fabricantes, homens, afinal, que faziam coisas. Ela também tinha feito coisas!

“Eu tenho cinco filhos!” ela disse a ele.

Senhor, Senhor, que mudança ocorreu nela! a suavidade da maternidade; seu egoísmo também. A última vez que se encontraram, lembrou Peter, foi entre as couves-flores ao luar, as folhas “como bronze bruto”, disse ela, com seu talento literário; e ela escolheu uma rosa. Ela o levou para cima e para baixo naquela noite horrível, depois da cena perto da fonte; ele deveria pegar o trem da meia-noite. Céus, ele chorou!

Esse era o seu velho truque, abrir um canivete, pensou Sally, sempre abrindo e fechando um canivete quando ficava excitado. Eles tinham sido muito, muito íntimos, ela e Peter Walsh, quando ele estava apaixonado por Clarissa, e houve aquela cena horrível e ridícula sobre Richard Dalloway no almoço. Ela havia chamado Richard de “Wickham”. Por que não chamar Richard de “Wickham”? Clarissa havia explodido! e na verdade elas nunca mais se viram desde então, ela e Clarissa, talvez não mais do que meia dúzia de vezes nos últimos dez anos. E Peter Walsh tinha ido para a Índia, e ela tinha ouvido

falar vagamente que ele tinha um casamento infeliz, e ela não sabia se ele tinha filhos, e não podia perguntar a ele, pois ele havia mudado. Ele tinha uma aparência bastante enrugada, mas era mais gentil, ela achava, e sentia uma verdadeira afeição por ele, pois ele estava ligado à juventude dela, e ela ainda tinha um pouco de Emily Brontë que ele lhe dera, e ele iria escrever, certo? Naquela época ele deveria escrever.

“Você escreveu?” ela perguntou a ele, espalhando a mão, firme e bem torneada, sobre o joelho de uma maneira que ele lembrava.

“Nem uma palavra!” disse Peter Walsh, e ela riu.

Ela ainda era atraente, ainda era uma personagem, Sally Seton. Mas quem era esse Rosseter? Ele usou duas camélias no dia do casamento - isso era tudo que Peter sabia dele. “Eles têm miríades de empregados, quilômetros de conservatórios”, escreveu Clarissa; algo assim. Sally reconheceu isso com uma gargalhada.

“Sim, tenho dez mil por ano” - se antes ou depois do imposto ser pago, ela não conseguia se lembrar, pois o marido, “quem você deve conhecer”, disse ela, “quem você gostaria”, disse ela, que fizesse tudo isso por ela.

E Sally costumava estar em farrapos. Ela penhorou o anel da avó, que Maria Antonieta deu ao bisavô, para que fosse a Bourton.

Ah, sim, lembrou Sally; ela ainda o tinha, um anel de rubi que Maria Antonieta dera ao seu bisavô. Ela nunca tinha um centavo em seu nome naquela época, e ir para Bourton sempre significava um beliscão terrível. Mas ir para Bourton significou muito para ela - manteve-a sã, ela acreditava, tão infeliz por estar em casa. Mas tudo isso era coisa do passado - agora tudo acabou, disse ela. E o Sr. Parry estava morto; e a senhorita Parry ainda

estava viva. Ele nunca teve um choque tão grande em sua vida! disse Pedro. Ele tinha certeza de que ela estava morta. E o casamento tinha sido, supunha Sally, um sucesso? E aquela jovem muito bonita e segura de si era Elizabeth, ali, perto das cortinas, de vermelho.

(Ela era como um álamo, era como um rio, era como um jacinto, pensava Willie Titcomb. Ah, como era melhor estar no campo e fazer o que gostava! Ela podia ouvir o pobre cachorro uivando, Elizabeth tinha certeza.) Ela não era nem um pouco parecida com Clarissa, disse Peter Walsh.

“Ah, Clarissa!” disse Sally.

O que Sally sentiu foi simplesmente isso. Ela devia uma quantia enorme a Clarissa. Eles eram amigos, não conhecidos, amigos, e ela ainda via Clarissa toda vestida de branco andando pela casa com as mãos cheias de flores - até hoje as plantas de tabaco a faziam pensar em Bourton. Mas — Peter entendeu? — faltava alguma coisa a ela. Faltou o que foi? Ela tinha charme; ela tinha um charme extraordinário. Mas, para ser franca (e ela sentia que Peter era um velho amigo, um amigo de verdade — será que a ausência importava? Será que a distância importava? Muitas vezes ela quis escrever para ele, mas rasgou a carta, mas sentiu que ele entendia, pois as pessoas entendem sem que as coisas sejam ditas, como se percebe ao envelhecer, e ela era velha, estava naquela tarde para ver os filhos em Eton, onde eles tiveram caxumba), para ser bem franca, como Clarissa poderia ter feito isso? um esportista, um homem que só se importava com cachorros. Literalmente, quando entrou na sala, sentiu o cheiro dos estábulos. E então tudo isso? Ela acenou com a mão.

Era Hugh Whitbread, passando com seu colete branco, sombrio, gordo, cego, além de tudo o que via, exceto da auto-estima e do conforto.

“Ele não vai nos reconhecer”, disse Sally, e realmente ela não teve coragem – então aquele era Hugh! o admirável Hugh!

“E o que ele faz?” ela perguntou a Pedro.

Ele engraxava as botas do rei ou contava garrafas em Windsor, disse-lhe Peter. Peter manteve a língua afiada imóvel! Mas Sally deve ser franca, disse Peter. Aquele beijo agora, de Hugh.

Nos lábios, ela lhe assegurou, certa noite, na sala de fumantes. Ela foi direto para Clarissa furiosa. Hugh não fazia essas coisas! Clarissa disse, o admirável Hugh! As meias de Hugh eram, sem exceção, as mais lindas que ela já tinha visto – e agora o seu vestido de noite. Perfeito! E ele tinha filhos?

“Todos na sala têm seis filhos em Eton”, Peter disse a ela, exceto ele mesmo. Ele, graças a Deus, não tinha nenhum. Sem filhos, sem filhas, sem esposa. Bem, ele não pareceu se importar, disse Sally. Ele parecia mais jovem, ela pensou, do que qualquer um deles.

Mas tinha sido uma coisa tola de se fazer, em muitos aspectos, disse Peter, casar assim; “Ela era uma idiota perfeita”, disse ele, mas, disse ele, “nós nos divertimos muito”, mas como poderia ser isso? Sally se perguntou; o que ele quis dizer? e como era estranho conhecê-lo e ainda assim não saber de nada do que havia acontecido com ele. E ele disse isso por orgulho? Muito provavelmente, pois afinal de contas devia ser irritante para ele (embora fosse uma raridade, uma espécie de duende, nada comum), deve ser solitário, na sua idade, não ter casa, nenhum lugar para onde ir. Mas ele deve ficar com eles por semanas e semanas. É claro que ele faria isso; ele adoraria ficar com eles, e foi assim que aconteceu. Durante todos esses anos, os Dalloways nunca estiveram lá. Vez após vez eles perguntaram a eles. Clarissa (pois era

Clarissa, claro) não viria. Pois, disse Sally, Clarissa era, no fundo, uma esnobe — era preciso admitir, uma esnobe. E era isso que estava entre eles, ela estava convencida. Clarissa achava que tinha se casado com alguém inferior, pois seu marido era — ela tinha orgulho disso — filho de um mineiro. Cada centavo que eles tinham, ele ganhou. Quando menino (sua voz tremia), ele carregava grandes sacos.

(E assim ela continuaria, Peter sentiu, hora após hora; o filho do mineiro; as pessoas pensavam que ela tinha se casado com alguém abaixo dela; seus cinco filhos; e o que era a outra coisa - plantas, hortênsias, seringas, lírios de hibisco muito, muito raros que nunca crescem ao norte do Canal de Suez, mas ela, com um jardineiro em um subúrbio perto de Manchester, tinha canteiros deles, positivamente canteiros! Agora tudo o que Clarissa havia escapado, por mais não maternal que fosse.)

Ela era esnobe? Sim, de muitas maneiras. Onde ela estava, todo esse tempo? Estava ficando tarde.

“No entanto”, disse Sally, “quando soube que Clarissa estava dando uma festa, senti que não poderia deixar de ir, precisava vê-la novamente (e estou hospedada na Victoria Street, praticamente ao lado). Então vim sem convite. Mas”, ela sussurrou, “diga-me, faça. Quem é?”

Era a Sra. Hilbery, procurando a porta. Como estava ficando tarde! E, ela murmurou, à medida que a noite avançava, à medida que as pessoas iam, encontravam-se velhos amigos; recantos e recantos tranquilos; e as vistas mais lindas. Será que eles sabiam, perguntou ela, que estavam rodeados por um jardim encantado? Luzes e árvores e maravilhosos lagos brilhantes e o céu. Apenas algumas luminárias mágicas, dissera Clarissa Dalloway, no jardim dos fundos! Mas ela era uma mágica! Era um parque... E ela não sabia

os nomes deles, mas amigos ela sabia que eram, amigos sem nome, músicas sem palavras, sempre os melhores. Mas havia tantas portas, lugares tão inesperados que ela não conseguia encontrar o caminho.

“Velha Sra. Hilbery”, disse Peter; mas quem foi esse? aquela senhora parada junto à cortina a noite toda, sem falar? Ele conhecia o rosto dela; a conectou com Bourton. Certamente ela costumava cortar roupas íntimas na grande mesa na janela? Davidson, esse era o nome dela?

“Ah, essa é Ellie Henderson”, disse Sally. Clarissa foi realmente muito dura com ela. Ela era prima, muito pobre. Clarissa era dura com as pessoas.

Ela estava bastante, disse Peter. No entanto, disse Sally, com seu jeito emocionado, com aquele entusiasmo pelo qual Peter costumava amá-la, mas agora temia um pouco, tão efusiva ela poderia se tornar - como Clarissa era generosa com seus amigos! e que qualidade rara ela achava, e como às vezes, à noite ou no dia de Natal, quando contava suas bênçãos, ela colocava essa amizade em primeiro lugar. Eles eram jovens; foi isso. Clarissa tinha um coração puro; foi isso. Peter a consideraria sentimental. Então ela estava. Pois ela passou a sentir que era a única coisa que valia a pena dizer - o que se sentia. A inteligência era boba. É preciso dizer simplesmente o que se sentiu.

“Mas eu não sei”, disse Peter Walsh, “o que sinto”.

Pobre Peter, pensou Sally. Por que Clarissa não veio falar com eles? Era isso que ele ansiava. Ela sabia disso. O tempo todo ele pensava apenas em Clarissa e mexia na faca.

Ele não achou a vida simples, disse Peter. Suas relações com Clarissa não foram simples. Isso estragou sua vida, disse ele. (Eles eram tão íntimos — ele

e Sally Seton, era um absurdo não dizer isso.) Não se pode estar apaixonado duas vezes, disse ele. E o que ela poderia dizer? Ainda assim, é melhor ter amado (mas ele a consideraria sentimental - ele costumava ser tão perspicaz). Ele deve vir e ficar com eles em Manchester. Tudo isso é verdade, disse ele. Tudo muito verdadeiro. Ele adoraria ficar com eles, já que havia feito o que tinha que fazer em Londres.

E Clarissa gostava dele mais do que jamais gostara de Richard. Sally tinha certeza disso.

“Não, não, não!” disse Peter (Sally não deveria ter dito isso - ela foi longe demais). Aquele bom sujeito... lá estava ele, no fundo da sala, discursando, como sempre, o querido e velho Richard. Com quem ele estava falando? Sally perguntou, aquele homem de aparência muito distinta? Vivendo na selva como vivia, ela tinha uma curiosidade insaciável em saber quem eram as pessoas. Mas Pedro não sabia. Ele não gostou da sua aparência, disse ele, provavelmente um Ministro de Gabinete. De todos eles, Richard lhe parecia o melhor, disse ele - o mais desinteressado.

“Mas o que ele fez?” Sally perguntou. Trabalho público, ela supôs. E eles eram felizes juntos? Sally perguntou (ela mesma estava extremamente feliz); pois, ela admitiu, não sabia nada sobre eles, apenas tirava conclusões precipitadas, como acontece com qualquer pessoa, pois o que se pode saber até mesmo sobre as pessoas com quem convivemos todos os dias? ela perguntou. Não somos todos prisioneiros? Ela havia lido uma peça maravilhosa sobre um homem que arranhou a parede de sua cela e sentiu que isso era verdade na vida - alguém arranhado na parede. Desesperada com as relações humanas (as pessoas eram tão difíceis), ela muitas vezes ia ao seu jardim e tirava das suas flores uma paz que os homens e as mulheres

nunca lhe deram. Mas não; ele não gostava de repolho; ele preferia seres humanos, disse Peter. Na verdade, os jovens são lindos, disse Sally, observando Elizabeth atravessar a sala. Quão diferente de Clarissa na idade dela! Ele poderia fazer alguma coisa com ela? Ela não abria os lábios. Não muito, ainda não, admitiu Peter. Ela era como um lírio, disse Sally, um lírio à beira de uma piscina. Mas Peter não concordou que não sabemos nada. Sabemos tudo, disse ele; pelo menos ele fez.

Mas estes dois, sussurrou Sally, estes dois que estão vindo agora (e ela realmente deveria ir, se Clarissa não chegasse logo), este homem de aparência distinta e sua esposa de aparência bastante comum que estivera conversando com Richard - o que se poderia saber sobre pessoas assim?

“Que eles são uns malditos impostores”, disse Peter, olhando para eles casualmente. Ele fez Sally rir.

Mas Sir William Bradshaw parou na porta para ver uma foto. Ele procurou no canto o nome do gravador. Sua esposa também olhou. Sir William Bradshaw estava muito interessado em arte.

Quando alguém era jovem, disse Peter, ficava muito entusiasmado para conhecer pessoas. Agora aquele era velho, cinquenta e dois anos para ser preciso (Sally tinha cinquenta e cinco, de corpo, ela disse, mas seu coração era como o de uma menina de vinte); agora que a pessoa era madura, disse Pedro, podia observar, podia compreender e não perdia a capacidade de sentir, disse ele. Não, isso é verdade, disse Sally. Ela se sentia mais profundamente, com mais paixão, a cada ano. Aumentou, disse ele, infelizmente, talvez, mas deveríamos estar satisfeitos com isso - continuou aumentando em sua experiência. Havia alguém na Índia. Ele gostaria de contar a Sally sobre ela. Ele gostaria que Sally a conhecesse. Ela era casada,

ele disse. Ela tinha dois filhos pequenos. Todos eles deveriam vir para Manchester, disse Sally — ele deveria prometer antes de partirem.

Aí está Elizabeth, ele disse, ela não sente metade do que nós sentimos, ainda não. Mas, disse Sally, observando Elizabeth ir até o pai, pode-se ver que eles são devotados um ao outro. Ela podia sentir isso pela maneira como Elizabeth foi até o pai.

Pois o pai dela estava olhando para ela, enquanto conversava com os Bradshaw, e pensou consigo mesmo: Quem é aquela linda garota? E de repente ele percebeu que era a sua Elizabeth, e ele não a reconheceu, ela estava tão linda em seu vestido rosa! Elizabeth sentiu que ele olhava para ela enquanto conversava com Willie Titcomb. Então ela foi até ele e eles ficaram juntos, agora que a festa estava quase acabando, olhando as pessoas indo, e os quartos ficando cada vez mais vazios, com coisas espalhadas pelo chão. Até Ellie Henderson iria, quase por último, embora ninguém tivesse falado com ela, mas ela queria ver tudo, contar a Edith. E Richard e Elizabeth ficaram bastante felizes por ter acabado, mas Richard estava orgulhoso de sua filha. E ele não pretendia contar a ela, mas não pôde deixar de contar. Ele olhou para ela, disse ele, e se perguntou: quem é aquela linda garota? e era a filha dele! Isso a deixou feliz. Mas o pobre cachorro dela estava uivando.

"Richard melhorou. Você está certo", disse Sally. "Irei falar com ele. Direi boa noite. O que importa o cérebro", disse Lady Rosseter, levantando-se, "em comparação com o coração?"

"Eu irei", disse Peter, mas continuou sentado por um momento. O que é esse terror? o que é esse êxtase? ele pensou consigo mesmo. O que é que me enche de excitação extraordinária?

É Clarissa, ele disse.

Pois lá estava ela.